

## ERRATA

- p.20. 2<sup>o</sup> parágrafo: perspectivas
- p.26. 1<sup>o</sup> linha: kuiws+
- p.32. 2<sup>o</sup> parágrafo: lingüista
- p.40 4<sup>o</sup> parágrafo: co-ocorrendo
- p.49. /čí/ "grande"
- p.50. [čuke'mā] "txukahamāe"
- p.51. 2.3.3. /m/ /n/ /ñ/ e /ŋ/
- p.54. /ŋör/ [ 'ŋör̃ ] ~ [ 'ŋör̃r̃ ] "dormir"
- p.60. [ 'ql+ ] "frio"
- p.61. 4<sup>a</sup> linha do 1<sup>o</sup> parágrafo: [u, o, w]
- p.63. /pə/
- p.65. [ 'kí ] "querer"
- p.66. /tōčí/ [ tō'čí ] "tatu"
- p.69. /e/ [ē] ~ [ɛ]
- p.72. [ 'l+č+ ] // [ŋgotu'ŋeye'+ 'nə ]  
[ '+ 'nə ]
- p.74. /nā/ [ 'ntā ] "morder" // /ñō/ [ 'ñō ] "comida"
- p.77. Se C<sub>1</sub> for /s,w,j/...da vogal alta central nasal /+/. A vogal /+/>...
- p.79. /r+č/
- p.96. 1<sup>o</sup> parágrafo: apagar ..., o que não acontece no Panará.
- p.98 Tx e não Tu.
- p.101. 4<sup>o</sup> parágrafo: quando
- p.120. nira
- p.131. item 3.4.1.: 1<sup>o</sup> parágrafo: ... fonologia (v. item 2.10.2. p: 78 e 79)
- p.150. Os prefixos que ocorrem antepostos aos verbos são:
- p.206. ywiro            noá pí  
          árvore/na - eu - subir

Chafe, W.L.(1979) Significado e Estrutura Lingüística. Livro Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, R.J.

M<sup>c</sup>Leod, R. & Mitchell, V.(1980) Aspectos da língua Xavante S.I.L. Brasília, D.F.

# S I W J A M Ê K A P Ê R Ê R A

SUYÃ: a língua da gente  
"um estudo fonológico e gramatical"

MARYMARCIA GUEDES

Tese apresentada ao Departamento de  
Linguística do Instituto de Estudos  
da Linguagem (I.E.L.) da Universidade  
Estadual de Campinas (UNICAMP) como  
requisito parcial para a obtenção do  
grau de DOUTOR em CIÊNCIAS.

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Marymarcia Guedes

e aprovada pela Comissão Julgadora em

17 / 05 / 1993.

Luiz C. Cagliari  
Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

CAMPINAS

1993

## VAMOS TROCAR ?

Pela TERRA, pelo RIO e pelas MATAS  
Dou-lhe APITO, ESPELHO e PANO COLORIDO.  
Afimial o GADO precisa pastar e a SOJA  
não pode esperar.

Você só precisa da terra plantar e colher,  
das matas para caçar,  
do rio para pescar e lavar seu corpo cansado,  
do céu para cantar suas estrelas,  
da lua e do sol para semear.

Por isso, vamos TROCAR ?  
Eu preciso LUCRAR.  
Sai do seu LUGAR,  
senão eu vou lhe TOCAR.

**Marymarcia (1992)**

AO LEONARDO.

AO KAMANÍ,

À KAJKĀ,

E À SÓE

## AGRADECIMENTOS

Aos **SUYÁ** por permitirem a minha entrada em seus lares e por confiarem em mim.

À **FUNAI** pela autorização para entrar no Parque Indígena do Xingu, em especial a Megaron Txukahamãe, Marawy Kajabi e ao amigo Paulo Pinagé.

À Força Aérea Brasileira (F.A.B.) pelo transporte até o Diawarum.

À **NUTRÍCIA**, em especial à amiga Dra. Marília Regini Nutti, pelos alimentos fornecidos, gratuitamente, para utilização no campo.

Ao Sr. James Wilson, do Summer Institut of Linguistics (S.I.L./Brasília), pelo pronto atendimento aos meus pedidos de material lingüístico, sobre línguas Jê, publicado pelo S.I.L..

Ao Flávio Botelho e Luciana Dourado pela hospedagem durante as minhas estadias em Brasília e à Edite pelos cuidados para comigo.

Ao Departamento de Lingüística, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Araraquara e ao programa UNESP/CAPES- PICD pela bolsa de auxílio-deslocamento.

Ao CNPq pelo auxílio- viagem concedido, em 1988, para minha ida à aldeia Ricô.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, meu orientador e querido amigo, pelo incentivo, pela

confiança e pela leitura atenciosa deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Aryon D. Rodrigues, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adair Pimentel Palácio, ao Prof. Dr. João Wanderley Geraldi e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bernadete M. Abaurre pelas sugestões apresentadas. Sem a colaboração destes pesquisadores e mestres teria sido extremamente difícil finalizar esta tarefa.

Aos funcionários do Centro de Documentação Cultural Prof. Dr. Alexandre Eulálio (C.E.D.A.E.), do I.E.L./UNICAMP pelo atendimento e pelo tempo por eles dispendido durante minhas pesquisas, naquele Centro, referentes às línguas Jê.

A todos os funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que me ajudaram em todos os momentos que deles precisei.

Ao pessoal do xerox: Carlão, Sérgio e Elton.

À minha família: Raul e Nadir; Raul, Marisa e Rosibeth pelo apoio, ajuda e incentivo em todos os momentos.

Aos amigos, Angel Corbera Mori pelas sugestões feitas a este trabalho; à Laura M.C. Dias, Oswaldo Oliveira e Madalena Meloni e Teresa Maher pela ajuda que deram nas campanhas de roupas e sapatos para o povo Suyá.

Ao amigo e carinhoso mestre Prof. Ismael Gióia, do Instituto de Biologia, da UNICAMP, pela

paciência nas aulas de computação para com esta aprendiz.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucy Seki por haver me inserido no projeto "Documentação e Descrição da Línguas do Parque Indígena do Xingu", sob sua coordenação, destinando-me a comunidade Suyá.

OBRIGADA.

## RESUMO

A Língua Suyá é falada por cerca de 160 índios que habitam a aldeia Ricô, no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso.

Este trabalho tem como objetivo principal o estudo de aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe do Suyá.

Na fonologia, observou-se a existência de alofonia em relação aos fonemas consonantais, característica comum às línguas da Família Jê.

A análise morfológica revela que o Suyá apresenta uma série de marcadores de caso, diferenciando-a de outras línguas da mesma família.

Quanto à sintaxe, observou-se que o padrão mais recorrente dos constituintes oracionais é SOV. O Suyá apresenta estruturalmente características pertinentes a línguas aglutinantes, sendo, aparentemente, uma língua "split".

Este trabalho se constitui, também, de um panorama das classificações das Línguas da Família Jê, de estudos realizados com outras línguas da mesma família, mais especificamente, o Xavante, o Xerente, o Canela-

Krahô, o Kayapó, o Tapayuna, o Apinayé e o Panará e de um panorama dos estudos realizados até o presente momento com a Língua Suyá. Somando-se, ainda, uma breve discussão sobre a questão língua/ dialeto.

Autora: **MARYMARCIA GUEDES**

Orientador: Prof. Dr. **LUIZ CARLOS CAGLIARI**

## S U M M A R Y

The Suyá consist of an estimated 160 native speakers, living at Ricô village within the Xingu Indigenous Park, Mato Grosso state, Brazil.

The purpose of this study, it will be present a description of aspects concerning with the phonologycal, morphologycal, and syntactical structure of the Suyá language.

In consonants, the allophonic variations show a complex process quite common to the Jê family's languages.

The morphological analysis gives a series of suffixes (case markers) which occur, for example, with noun phrases. This characteristic distinguishes the Suyá from others languages such as: Xavante, Xerente, Canela-Krahô, Kayapó, Tapayuna, Apinayé, Panará.

In the Suyá, the very common basic constituent order is SOV and the language presents word structures of the type agglutinating. Some evidences suggest that the Suya is a "split" language.

This study shows a brief historical about Jê Family languages classifications and the issues about

others Jê Family languages: Xavante, Xerente, Canela-Krahô, Kayapó, Tapayuna, Apinayé, and Panará. It will include a description of the studies realized with the Suyá until now, and a discussion concerning about language/ dialect.

Author: **MARYMARCIA GUEDES**

Supervisor: **Prof. Dr. LUIZ CARLOS CAGLIARI**

## ABREVIACES

NP	frases nominais
VP	frases verbais
p.	pessoa
s.	singular
pl., p.	plural
pro.	pronome
pos.	posse
det.	determinante
dem.	demonstrativo
S	sujeito
V	verbo
O.	objeto
O.D.	objeto direto
O.I.	objeto indireto
Ad.	advrrbio
Marc. de Caso	marcador de caso
tp	tempo
Instr.	instrumento
Inten.	intensidade
[ ]	transcrio fontica
//	transcrio fonmica
—	ambiente de ocorrncia
~	alternncia fontica e morfolgica
.	diviso silbica

C consoante

V vogal

( ) opcionalidade do elemento

obr. obrigatório

N. Nome

Est. estado

imp. afirm. imperativo afirmativo

pro. obj. pronome objeto

part. partícula

---

Foram anexados, no interior do trabalho, além dos mapas que identificam a localização dos Suyá, dentro do Xingu e a identificação dos grupos indígenas, da Família Jê, no Brasil; o quadro de Classificação das Línguas do Tronco Macro - Jê.

Foram incluídas, também, sete fotos que mostram, ainda que em parte, a aldeia Ricô e alguns membros do grupo Suyá.

# Í N D I C E G E R A L

RESUMO	VII
SUMMARY	IX
ABREVIACÕES	XI
Capítulo 0: INTRODUÇÃO	
0.1. Línguas Indígenas: panorama histórico	16
0.2. Objetivos do presente trabalho	20
Capítulo 1: OS SUYÁ	
1.0. O Povo	22
1.0.1. A Aldeia	23
1.1.0. A coleta de dados lingsticos e a identificação dos informantes	29
1.1.1. A metodologia de trabalho de campo	34
1.1.2. Perspectivas teóricas adotadas para a análise dos dados coletados	35
Mapas:	
mapa 1. Localização geográfica atual	42
mapa 2. Localização geográfica: anos 30	44
Capítulo 2: FONOLOGIA DO SUYÁ	
2.0. Introdução	45
2.1. Os Fonemas	45
2.2. Classificações das Oposições Fonmicas	46
QUADRO 1. Consoantes	47
2.3. Os Fonemas Consonantais e seus Alofones	47
2.3.1. Os fonemas oclusivos	47
2.3.1.1. Os alofones dos fonemas oclusivos	47
2.3.2. Os fonemas africados	49
2.3.2.1. Os alofones dos fonemas africados	49
2.3.2.2. A ocorrncia de [y]	50
2.3.3. Os fonemas consonantais nasais	51
2.3.2.1. Alofones dos fonemas consonantais nasais	52
2.3.2.2.1. A ocorrncia de consoantes nasais	52
2.3.2.2.2. A ocorrncia de consoantes pr- nasalizadas	52
2.3.2.2.3. A ocorrência de oclusivas sonoras	54
2.3.4. Os fonemas fricativos	55
2.3.4.1. Alofones do fonema /s/	56
2.3.4.4. Alofones de /y/	56
2.3.5. O fonema /r/	56
2.3.5.1. Os alofones do fonema /r/	57
2.3.6. O fonema glide /w/	57
2.3.6.1. O alofones do fonema /w/	58
2.4. Principais alofones dos fonemas consonantais	58
2.5. Algumas observações a respeito de alguns fatos sobre os segmentos fonéticos e suas implicações fonológicas	59

2.6. Alguns problemas	61
2.7. Classificação das Oposições Fonêmicas Vocálicas	63
QUADRO 2. Fonemas Vocálicos	64
2.7.1. Oposições fonêmicas vocálicas	64
2.7.2. Os fonemas Vocálicos e seus Alofones	67
2.7.2.1. Alofones dos fonemas vocálicos orais	67
2.7.2.2. Alofones dos fonemas vocálicos nasais	69
2.8. A tonicidade em Suyá	71
2.9. A sílaba em Suyá	73
2.10. Outras considerações a respeito da fonologia do Suyá	77
2.10.1. Marcador de final de palavra	77
2.10.2. Reduplicação vocálica em Suyá	78
2.11 Breve panorama dos estudos já realizados sobre o sistema fonológico do Suyá	80
2.12. Os sistemas fonológicos de outras línguas Jê	82
2.13. Algumas comparações	92
QUADRO 3. Equivalências entre os sistemas fonológicos de Steinen e Guedes	92
QUADRO 4. Equivalências dos fonemas consonantais e vocálicos das línguas Xavante, Xerente, Apinayé, Tapayuna, Canela - Krahô, Panará, Txukahamãe e Suyá	97
 Capítulo 3: MORFOLOGIA/ SINTAXE	
3.0. Considerações gerais	101
3.1. Substantivos	104
3.2. Adjetivos	109
3.3. Pronomes	113
3.3.0. Considerações gerais	113
3.3.1. Pronomes Independentes	113
3.3.2. Marcadores de Pessoa no Verbo	118
3.3.3.2.1. Alternância entre a presença e a ausência dos marcadores prefixais e dos pronomes independentes	120
3.3.3. Outras formas pronominais	121
3.3.4. Marcadores de Posse	122
QUADRO 5. Pronomes Marcadores de Posse: alienáveis e inalienáveis	122
3.3.5. Pronomes marcadores de Objeto	126
QUADRO 6. Pronomes Marcadores de Objeto	126
3.3.6. A forma pronominal recíproca	128
3.3.7. Pronome Reflexivo	129
3.4. Verbos	131
3.4.1. Formas verbais longas e formas verbais curtas ou reduzidas	131
3.4.2. As formas imperativas: afirmativa e negativa	133
3.4.3. O imperativo afirmativo	134
3.4.4. O imperativo negativo	135
3.5. Partículas	137
3.5.1. Partículas Sufixais - Marcadores de Caso	
3.5.2. Outras partículas sufixais que ocorrem com	

locuções nominais	145
3.6. Partículas que ocorrem junto aos verbos	147
3.7. Aspecto contínuo	154
3.8. Partículas Pluralizadoras	154
3.9. Partículas Interrogativas	155
3.10. Partículas Adverbiais	157
3.11. Partículas Demonstrativas	160
3.12. Pronomes Indefinidos	160
3.13. Partículas Numerais	161
3.14. Partículas Conjuntivas	162
3.15. Coletivo	164
3.16. Aspectos morfológicos de outras línguas Jê	164
3.17. Considerações gerais	179
3.18 Aspectos Morfológicos: análises prévias do Suyá	182
3.19. Os sintagmas nominais	184
3.20. Os sintagmas verbais	187
3.21. Os sintagmas periféricos	190
3.22. A estrutura da oração	192
3.23. Os períodos simples e compostos	197
3.24. Orações predicativas	199
3.25. As orações equativas	200
3.26. Aspectos sintáticos de outras línguas Jê	201
3.27. Algumas considerações gerais	213
3.28. Análises prévias de aspectos sintáticos do Suyá	219
 Capítulo 4: CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ	
4.0. Panorama dos estudos já realizados	223
Referências Ilustrativas	
Classificação das Línguas do Tronco	
Macro-Jê	245
A Família Jê em território nacional	246
 Capítulo 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	247
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	257
 VOCABULÁRIO	265

## INTRODUÇÃO

### 0.1. Línguas Indígenas: panorama histórico

Na primeira metade deste século, os estudos relativos às línguas indígenas surgiram de atividades interdisciplinares, que tinham uma forte base nas ciências sociais.

Para Bronislaw Malinowski, por exemplo, ao se especificar o sentido de um enunciado, é preciso fazer referência ao contexto situacional e cultural em que esse enunciado ocorre. A linguagem seria, portanto, mais uma forma de ação, entrando dinamicamente na situação em que acontece. Assim, o significado de uma palavra ou frase equivale ao conhecimento do contexto particular - situacional - em que aquelas são utilizadas.

As descrições das estruturas lingüísticas observáveis em uma língua estariam intrinsecamente relacionadas à organização social da comunidade e, do ponto de vista funcional, Malinowski deixa de se referir à sociedade ou à estrutura social como a totalidade dentro da qual um elemento desempenha sua função, passando a considerar como tal a cultura.

O desenvolvimento do estruturalismo, nos Estados Unidos, tanto descritivo, quanto funcional veio dar uma base teórica sólida e preciosa para o estudo das culturas e sobretudo das línguas autóctones americanas.

A Franz Boas, por exemplo, importava o estudo da difusão geográfica de elementos lingüísticos como parte da história de uma língua. Sendo a língua parte da cultura de um dado povo a difusão se fazia através dos traços culturais relativos a esse povo.

Para Boas as línguas aparentadas apresentam similaridades tanto do ponto de vista morfológico, quanto do ponto de vista de suas categorias gramaticais; isto é, categorias do pensamento que têm expressão na forma gramatical.

Para Edward Sapir o estudo de uma língua se torna cada vez mais indispensável enquanto guia para o estudo científico de uma dada cultura. Neste sentido, o entrelaçamento dos padrões culturais de uma civilização está evidenciado na língua em que tal civilização se expressa.

Leonard Bloomfield, por sua vez, via a língua como produto de estímulos externos aos quais os falantes de qualquer língua estão expostos. A análise lingüística estaria, assim, centrada em um nível de observação puramente objetivo das formas lingüísticas.

Mas, o crescimento dos estudos de línguas ameríndias ficaria ainda mais consolidado com a contribuição fonêmica de Kenneth Pike e com os trabalhos do Summer Institut of Linguistics (S.I.L.).

A análise das estruturas lingüísticas, segundo Pike, devem ser feitas em termos distribucionais

e funcionais; considerando-se, ainda, que a descrição de uma língua deve privilegiar a interpretação global dos fatos lingüísticos inseridos em seu contexto social.

A análise lingüística de contemplar três níveis de estudo: o fonológico, o morfológico e o sintático, somando-se a estes a análise semântica e os aspectos extralingüísticos pertinentes à cultura.

As unidades lingüísticas devem ser observadas, a princípio, sob duas perspectivas: a ética e aêmica. A primeira se refere às características externas e a segunda à função que exerce as unidades lingüísticas dentro de um sistema em particular.

Para Pike as unidades lingüística de uma ordem superior se compõem de unidades de uma ordem inferior. A relação entre as unidades de um conjunto é o produto obtido nesta perspectiva.

A língua Suyá está inserida no conjunto de muitas línguas indígenas brasileiras, para as quais não existem nenhuma descrição sistemática abrangendo os três níveis de estudo propostos por Pike: a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe.

Assim, a proposta, deste trabalho, se caracteriza por ser uma descrição preliminar de algumas das estruturas lingüísticas observadas no Suyá, para que essas estruturas revelem os principais mecanismos de funcionamento fonológico, morfológico e uma pequena parte da sintaxe da língua.

Deseja-se, tão somente, organizar os dados a fim de obter uma representação sistemática das unidades de cada nível e identificar os processos relevantes entre essa representação e a produção das expressões lingüísticas tanto do ponto de vista fonológico, quanto morfológico e sintático.

Estudos posteriores que se façam, a respeito do Suyá, deverão, por exemplo, abarcar questões relativas às relações de natureza sociolingüística, estilística, prosódica, discursiva/ informativa que não foram consideradas neste trabalho.

Dadas as dificuldades inerentes a qualquer trabalho que como este, em que se estuda uma língua (quase) sem nenhuma descrição lingüística, foi importante, neste momento, seguir o caminho tradicional. Por esta razão, a abordagem metodológica deste trabalho se traduz em uma análise estruturalista, de base Pikeana, para a fonologia, a morfologia e a sintaxe, procurando sobretudo identificar, classificar e determinar os fonemas, as funções dos morfemas e suas combinações e as categorias e funções sintáticas do Suyá.

A escolha do modelo Pikeano adotado aqui, preferencialmente, oferece uma metodologia própria, direcionando o pesquisador para a descrição e análise de uma língua não somente ágrafa, como também de línguas quase sem nenhuma descrição como é o caso do Suyá.

## 0.2. Objetivos do presente trabalho

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise fonológica, morfológica e sintática da língua Suyá, análise obviamente inicial, uma vez que não se estará trabalhando com variações possíveis e prováveis nos "discursos" efetivos.

Início o trabalho (capítulo 1) com uma breve apresentação do povo Suyá; identificação dos informantes; breve descrição da coleta de dados; discussão geral da metodologia empregada no levantamento dos dados; além de um panorama geral das perspectivas teóricas adotadas para a análise dos dados coletados.

A análise fonológica ater-se-á à descrição dos segmentos consonantais e vocálicos; da sílaba e do acento, somando-se a isto a apresentação das descrições prévias da fonologia do Suyá.

Discuto, a seguir, alguns aspectos relativos à morfologia e à sintaxe da língua, considerando-se, principalmente, a morfologia nominal e verbal; processos de formação de palavras e classes de palavras; a ordem dos constituintes oracionais; as orações simples e complexas. Neste capítulo será apresentado, também, as descrições preliminares já existentes para o Suyá.

Nos capítulos referentes à Fonologia e à Morfossintaxe (respectivamente capítulos 2 e 3) do Suyá serão consideradas algumas das descrições propostas para

outras línguas da família Jê, a fim de se poder proceder a uma breve comparação entre algumas das línguas pertencentes a esta família.

Os aspectos concernentes à classificação das línguas indígenas brasileiras; os critérios classificatórios e uma discussão preliminar sobre questões relativas à língua/dialeto serão apresentados no capítulo 4.

O capítulo 5 será dedicado a algumas considerações finais e a propostas de possíveis trabalhos a serem desenvolvidos futuramente.

Por último seguem as referências bibliográficas e a lista dos itens lexicais utilizados no presente trabalho.

# 1. OS SUYÁ

## 1.0. O Povo

Os Suyá moram atualmente na aldeia Ricô, localizada às margens do rio Suyá-Missu, um dos afluentes do rio Xingu, no Parque Indígena do Xingu (v. MAPAS: mapa 1).

Do ponto de vista etnográfico e antropológico, desde há muito tempo se conhece os Suyá. Esse grupo foi contatado em 1884, por Von den Steinen, e desde muito antes do contato já se encontravam ocupando tanto o rio Xingu, quanto o Suyá-Missu (v. MAPAS: mapa 2)

Para Franchetto (1986) os Suyá orientais ou Suyá do Xingu e os Suyá ocidentais, os Tapayuna ou Beiço-de-pau, tiveram um passado comum. Sua separação se deu em tempos remotos, tendo os Suyá adentrado o Xingu, enquanto os Tapayuna permaneceram ocupando um território entre os rios Arinos e do Sangue.

Seeger (1974) afirma que, por terem sofrido uma violenta perda populacional, em 1970, os sobreviventes dos Tapayuna foram viver com os Suyá e, posteriormente, voltaram a se separar, estando vivendo, atualmente, com os Kayapó.

Os Suyá foram sempre considerados os guerreiros mais temidos em toda a região do Alto Xingu,

tendo lutado com todos os povos alto-xinguanos. Arredios, eram descritos pelos outros índios como pessoas altas e fortes, que usavam cabelos compridos e botoques nas orelhas e lábios.

Utilizando como armas o arco, a flecha e a borduna, tornaram-se os senhores absolutos da região do Suyá-Missu. Porém, ao sofrerem ataques sucessivos dos Waurá, Mehinaku, Trumái, Kamayurá e dos Kayapó, isolaram-se e permaneceram escondidos até serem reencontrados pelos Villas Bôas, no início da década de 1960 e reconduzidos para dentro do Parque Indígena do Xingu.

Apesar das lutas freqüentes entre os povos do Xingu, estabeleceram-se, também, relações de parentesco, principalmente entre os Suyá e os Kayapó (cf. Seeger, 1974).

#### 1.0.1. A Aldeia

De volta ao Parque Indígena do Xingu, os Suyá ficaram algum tempo residindo no Posto Indígena do Diawarum, sendo transferidos, posteriormente para a aldeia Yamarikumã, onde Seeger fez a descrição antropológica do grupo.

Os Suyá se transferiram da aldeia Yamarikumã, para a aldeia Ricô, sendo esta a única aldeia suyá existente atualmente dentro de Parque Indígena do Xingu.

A aldeia é constituída de 12 casas, que abrigam famílias extensas, sendo cada casa identificada pelo homem de maior prestígio dentre aqueles que a ocupam.

FOTO 1.



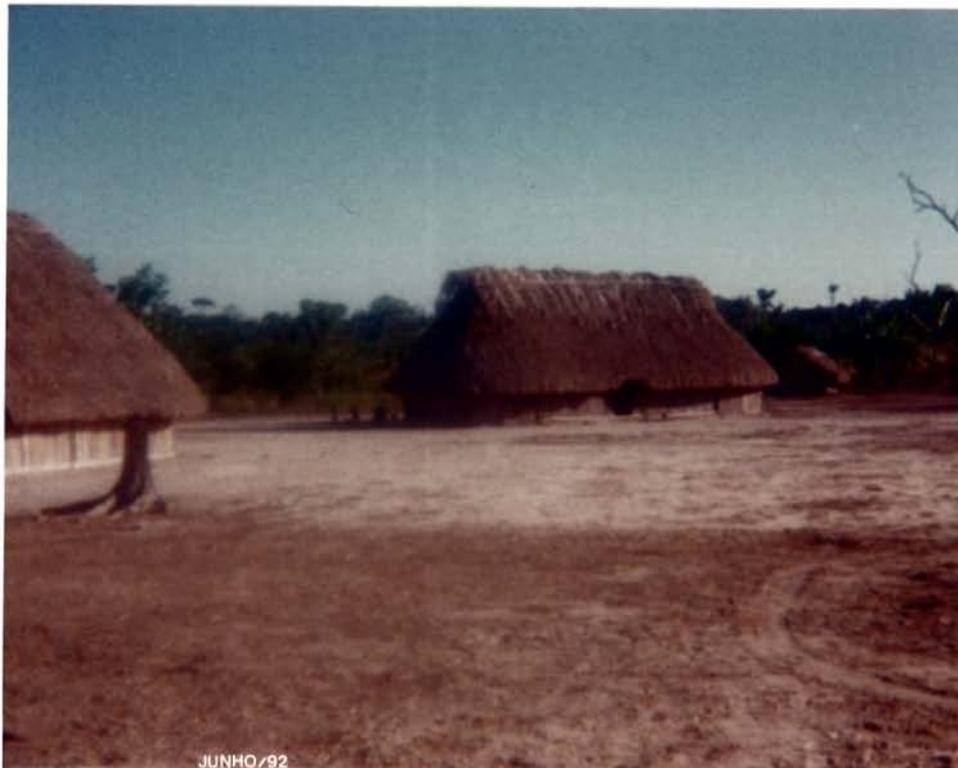
As famílias são:

casa 1. Kuiwsá      casa 2. Tóni      casa 3. Janarú  
casa 4. Məčí      casa 5. Wetáke      casa 6. Temá  
casa 7. Kamaní      casa 8. Tamísočí      casa 9. ɣwanúnočí  
casa 10. Kokrére      casa 11. Sokíni      casa 12. Pekoyočí

As casas são construídas coletivamente e, quando velhas, faz-se uma nova, a família se muda e a antiga é queimada.

Na velha aldeia Yamaríkumã foram queimadas todas as casas e as roças, permanecendo apenas a casa de

FOTO 2.



Kuiwsí, que o tempo se encarregará de destruir.

Na aldeia Ricô, a casa de Kuiwsí ( o chefe) é a primeira e está de frente para o rio. Em 1988, uma outra casa à esquerda daquela que a família ocupava estava sendo construída e, atualmente, é a que lhes serve de moradia.

FOTO 3.



Há roças que pertencem a cada uma das casas, que são administradas pelo chefe das respectivas famílias. Fazem, também, uma roça coletiva com a finalidade de vender a produção obtida e com o dinheiro comprar objetos básicos para toda a aldeia.

Exímios pescadores, utilizam, dentre outros sistemas, a pesca com linha (Schultz: 1960, Seeger: 1974 & Frikel: 1991).

FOTO 4.



Na alimentação diária consomem, além de carnes, o beiju (colocado para secar em plataformas altas), muitas variedades de bananas, mel e cana principalmente.

FOTO 5.



Há quatro maneiras de se chegar à aldeia

Ricô:

- de avião até o Posto Indígena Diawarum e de lá através de barco até a aldeia, o que demora umas 3 horas;
- através de São José do Xingu, onde se chega de avião, seguindo-se até o Posto Indígena de Vigilância, na BR-080, já dentro do território Kayapó, de ônibus, e de lá de barco até a aldeia Ricô;
- de ônibus até Barra do Garça/ Peixoto/ Posto Indígena de Vigilância e de lá de barco até a aldeia e
- por último, através de São Félix do Araguaia, onde se chega de avião e de lá de carona até a Fazenda Canarana, que faz divisa com as terras dos Suyá.

Esta quarta opção é a utilizada pelos próprios Suyá quando vão vender artesanato em São Félix do Araguaia. A primeira é usada só em casos de extrema urgência. A terceira é a utilizada para ir e voltar de Brasília, já que na maioria das vezes não há como se utilizar os aviões da FUNAI para o transporte dos índios.

#### **1.1.0. A coleta dos dados lingüísticos e a identificação dos informantes**

A descrição lingüística feita até aqui é resultado de um trabalho iniciado em Maio de 1988, quando pela primeira vez foi possível entrar em contato, na FUNAI, em São Paulo, com Yóko Suyá.

A segunda coleta de material lingüístico foi

feita no mês de Julho de 1988, primeiramente no Posto Indígena Diawarum, com Kaĵsŭtó e Kaĵnómæčĭ. Em seguida, na aldeia Ricô foram feitas coletas com Wetáke, Méni, Koĵroró, Kraĵkã, Kamaní, Rõpdó e Suté.

Dos informantes, Méni, Rõpdó e Suté são monolíngües e todos eles se propuseram a contar mitos Suyá, que foram traduzidos por Wetáke e Kamaní.

Méni e Sõe são as mulheres mais velhas da aldeia, sendo a segunda a mãe de Kuiwsĭ. Sõe também é monolíngüe.

Além desses, só existe mais um velho, Tamísočĭ, que também é monolíngüe.

A existência de poucos velhos na aldeia se dá pelo fato de que a grande maioria deles faleceu na antiga aldeia de Yamaríkumã.

Além dos velhos há, ainda, dois jovens que são monolíngües. O pescador (foto 4) é um deles.

Entre as mulheres há algumas que são bilíngües, mas grande parte delas é monolíngüe.

Kamaní foi o informante que mais ajudou no trabalho, já que possui grande fluência em português. Somou-se a isto o seu interesse em trabalhar comigo e com a língua Suyá.

Kamaní ocupa, atualmente, uma posição de destaque na aldeia. Juntamente com Kuiwsĭ ocupa a chefia da comunidade.

FOTO 6.



O segundo informante mais importante foi Wetáke, que ocupava uma posição na chefia, até 1990.

FOTO 7.



Para o levantamento dos dados foi preparado um questionário, em português, e se solicitava, então, que as palavras ou sentenças fossem traduzidas para o Suyá.

Há uma curiosidade natural que o trabalho do lingüísta provoca, mesmo naqueles grupos em que a presença de pesquisadores é constante. Porém, para os Suyá há, ainda, um outro fator relevante para tal curiosidade.

O pesquisador que mais tempo permaneceu com os Suyá foi Seeger, quando eles moravam na aldeia de Yamarikumã. Depois dele, a única pessoa que esteve mais presente, junto ao grupo, fui eu. Assim, muitas vezes a aldeia inteira ia ver o que eu estava fazendo. Apesar disso foi possível coletar uma grande quantidade de dados, que serviram para as análises preliminares de aspectos da fonologia e morfologia da língua.

Na aldeia não existe escola e nem posto de atendimento de saúde. O monitor, como é chamada a pessoa treinada para atendimentos de primeiros socorros, tem, em uma parte de sua casa, alguns remédios para um atendimento simples.

A aldeia é visitada semestralmente pelos médicos da Escola Paulista de Medicina, que desenvolvem projetos de saúde, com as comunidades indígenas do Parque Indígena do Xingu, já há um longo tempo. Porém, esses médicos permanecem pouco tempo nas aldeias.

A terceira oportunidade de trabalho surgiu, em Março de 1989, quando Wetáke veio a São Paulo, para tratar de um problema de vista na Escola Paulista de Medicina. Naquela oportunidade, pude trazê-lo a Campinas e foi possível revisar parte do material transcrito e coletar novos dados.

A quarta vez em que foi possível trabalhar com um informante, foi em Brasília, em Junho de 1991, durante uma semana inteira. Kamaní estava lá esperando os resultados de um exame do coração, o que propiciou tempo para que ele pudesse trabalhar na documentação e revisão de boa parte dos materiais recolhidos anteriormente. Este trabalho foi realizado na FUNAI/Brasília e na sala de estudos dos alunos de pós-graduação da Universidade Nacional de Brasília.

Ao todo foram gravadas 18 fitas cassetes, de uma hora cada. O material se constitui de um extenso vocabulário, de frases curtas (simples e complexas), além de pequenos diálogos e narrativas de mitos. A maior parte do material serviu de subsídio para as análises dos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos abordados no presente trabalho.

Cabe lembrar que o material coletado foi amplamente discutido com a pesquisadora, Luciana Dourado, que trabalha com a língua Panará, que é um outro membro da família lingüística Jê, já que há uma proposta de se trabalhar futuramente as relações de parentesco que por

ventura possam existir entre o Suyá e o Panará.

A parte do material relativa às narrativas de mitos não foi utilizada no presente trabalho.

### 1.1.1. A metodologia de trabalho de campo

No primeiro levantamento de dados foi utilizado o "Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras", elaborado pelo Museu Nacional. Ele é composto de listas de palavras e frases, baseado nas listas feitas por Loukotka (1935) e Swadesh (1955).

Para os levantamentos posteriores, foi preparado um questionário mais amplo, onde as questões sintáticas, apontadas pelo questionário de Comrie (1977) foram consideradas.

Foram utilizados, também, procedimentos de trabalho de campo como os descritos, por exemplo, em Gudschinsky (1967), Samarin (1967) e Healey (1975), já que estes se constituem em subsídios prático/teóricos necessários para aqueles que trabalham com línguas ágrafas e para as quais não há nenhuma descrição sistemática anterior. O Suyá se insere no conjunto que abarca um grande número de línguas indígenas brasileiras, que não foram descritas.

Destes questionários constam, grosso modo, nomes de objetos, partes do corpo, cores, nomes de

peixes, animais e aves. Soma-se a isto orações simples e complexas, orações com sujeitos e objetos pronominais etc.

### 1.1.2. Perspectivas teóricas adotadas para a análise dos dados coletados

Na **INTRODUÇÃO** foi apresentado um breve resumo dos "caminhos" percorridos nos estudos voltados para as línguas indígenas e, da linha teórica a ser seguida, em grande parte, na análise da língua Suyá.

Neste momento serão feitos comentários mais específicos sobre os três grandes aspectos de estudo da língua que são: a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe. Para cada parte, apresentar-se-ão as opções teóricas, os tipos de fatos mais importantes contemplados e outras informações metodológicas de interesse.

Na **FONOLOGIA** serão apresentados, apenas, alguns aspectos considerados mais relevantes, como por exemplo: a questão da variação dos segmentos consonantais, a sílaba, e a tonicidade. Aspectos relativos à prosódia não serão considerados, pelas dificuldades do trabalho que se encontra, ainda, numa fase de descoberta da estrutura da língua.

A análise do sistema fonológico leva em consideração os dados registrados em transcrição fonética, a qual permite a identificação e caracterização

das unidades segmentais e a interpretação dos processos fonológicos.

Como subsídios teóricos foram utilizadas as propostas da fonêmica de Pike (1943), as contribuições de Kindell (1981) para a aplicação das propostas de Pike e as de Sigurd (1970), para a análise fonotática.

Segundo Pike os fonemas existem enquanto relações ou entidades estruturais e que o objetivo da análise é encontrá-los e simbolizá-los.

Oposição ou contraste são utilizados para estabelecer um valor fonêmico entre duas unidades sonoras de um mesmo paradigma, em função de um sintagma ( Pike, 1943 & Kindell, 1981).

O termo variação é empregado no sentido de identificar a alteração tanto de um determinado segmento, quanto de um morfema, sem que isso signifique mudança em seu significado. Isto pode ocorrer em função do seu lugar de ocorrência (distribuição): na sílaba, na palavra ou no enunciado. Variação ou variante ou alofone são usados na acepção acima, para se atribuir alofones a seus respectivos fonemas.

Para Sigurd (1970: 452) uma descrição fonológica deve contemplar não somente a descrição dos fonemas, mas também a distribuição deles, em termos de estruturas fonotáticas, assumindo assim, a posição de Haugen para quem "a sílaba é a unidade dentro da qual a distribuição do fonema pode ser economicamente descrita".

A contribuição de Sigurd, portanto, está restrita a um aspecto da análise, sobretudo para caracterizar os padrões silábicos da língua Suyá e eventualmente através da distribuição dos fonemas em sílabas chegar a determinação de processos fonológicos que se realizem nesse âmbito.

As metodologias de análise (distribucional/funcional) foram seguidas tanto na MORFOLOGIA, quanto na SINTAXE.

Os morfemas, enquanto unidades mínimas significativas, podem ocorrer como formas livres ou, ainda, como unidades que entram na formação, juntamente com outras unidades, de uma unidade maior. Assim uma unidade (palavra) pode ser uma raiz ou uma raiz complementada por morfemas periféricos que são os afixos.

As locuções nominais se realizam, por exemplo, pela combinação de uma palavra-chave com uma ou mais palavras periféricas.

A oração, por sua vez, apresenta um predicado que pode exigir ou não a presença de um ou mais argumentos. Pode ocorrer, ainda, elementos periféricos que se constituem em complementos circunstanciais (Pike, 1977).

O presente trabalho se valeu também da contribuição de outros estudiosos, sobretudo para resolver problemas localizados.

A contribuição de Chafe (1979) ajudou no

estudo dos marcadores de pessoa no verbo e dos pronomes independentes.

Segundo Chafe são as especificações semânticas apresentadas pelos verbos que determinam as relações sintático/semânticas básicas e, neste caso, determinam o arranjo estrutural das categorias mórficas e de suas funções envolvendo toda unidade morfológicamente ligada à categoria do verbo.

Um problema levantado, neste trabalho, tem a ver com a existência ou não da ergatividade em Suyá.

Para uma análise preliminar da possível presença da ergatividade, foi importante a contribuição de Dixon sobre esse tipo de estudo, além da de Derbyshire, sobretudo apontando para o fato de que ocorre ergatividade em certas línguas indígenas brasileiras.

Para Dixon (1979: 60), uma língua é considerada ergativa quando o sujeito de uma oração intransitiva é tratado da mesma maneira que o objeto de uma oração transitiva, distinguindo-se, portanto, do sujeito de uma oração transitiva. Assim, o morfema que marca o sujeito de uma oração intransitiva deve ser igual à marca do objeto de uma oração transitiva.

Dixon (1979) chama a atenção para o fato de que em algumas línguas o acusativo (objeto direto) é o elemento não-marcado no sistema nominativo/acusativo (absolutivo).

Por exemplo: Língua: Warrgamay:

Dixon (1980: 286 - 287):

ŋulmburu                      gaga + ma  
 mulher + absolutivo    ir + futuro  
 a mulher irá  
 maal                      gaga + ma  
 homem + absolutivo    ir + futuro  
 o homem irá  
 ŋulmburu + ŋgu    maal                      ŋunda + lma  
 mulher + ergativo    homem + absolutivo    ver + futuro  
 a mulher verá o homem  
 maal + du ŋulmburu                      ŋunda + lma  
 homem + ergativo    mulher + absolutivo    ver + futuro  
 o homem verá a mulher

Além disso, uma língua que apresente um sistema parcialmente ergativo e parcialmente acusativo, é considerada uma língua "split". Dixon aponta para o fato de que línguas "split" têm marcas morfológicas, que são determinadas pelos conteúdos semânticos dos verbos e dos NP's das orações entre outras possíveis causas.

Dixon (1979) diz, também, que nas línguas "split" quando o acusativo (objeto direto) ocorre como um caso marcado é porque o nominativo é morfológicamente não-marcado.

Por outro lado, Derbyshire (1987) ao discutir a ordem dos constituintes oracionais em línguas amazônicas, mostra que o critério básico para que se possam fazer generalizações lingüísticas, em se tratando de ordem básica dos elementos de uma oração, se baseia em fatores tais como as relações pragmáticas, sintáticas,

morfológicas marcadas.

Esse autor considera, também, o status fixo versus não fixo da ordem das palavras, e as motivações discursivas/pragmáticas na seleção de um esquema gramatical particular.

Para Derbyshire, a ordem dos constituintes oracionais não é necessariamente fixa.

Por exemplo, uma das características das línguas "split" diz respeito justamente à mudança de ordem dos elementos de uma oração, como acontece com uma mudança de caso ergativo para o acusativo ou neutro.

Em línguas do tipo "split", pois, a marcação de casos pode estar coocorrendo para diferenciar orações principais de subordinadas, para marcar tempo/ aspecto/ modo, para distinguir pessoas ou classes pronominais etc.

Além da contribuição dos autores apresentados escolhidos em função do tipo de trabalho que se pretende fazer aqui, convém lembrar que serão adotadas outras perspectivas teóricas, no interior do trabalho, quando estas se justificarem.

## M A P A S

Bisilliat, M. & Villas Bôas, Cláudio &  
Orlando (1979) Xingu: tribal territory.

Mapa 1. Região ocupada pelos Suyá atualmente.

- Ministério do Interior/ Fundação Nacional  
do Índio- FUNAI: Diretoria de Patrimônio Indígena/ DPI-  
Áreas Jurisprudencionadas ao Parque Indígena do Xingu:

MAPA 2. Região ocupada pelos Suyá, nos anos 30.



## continuação do MAPA 1.

## PARQUE INDÍGENA DO XINGU (\*)

## XINGU INDIGENOUS PARK

Localização Mato Grosso.....População 3. 151

Localization Mato Grosso, Brazil Population 3. 151

Área atual 30.000 km<sup>2</sup> Fundação 1961Present area 30.000 km<sup>2</sup> Funded 1961

## ALTO XINGU - PARTE SUL (1)

## UPPER XINGU - SOUTHERN PART

## BAIXO XINGU - PARTE NORTE (2)

## LOWER XINGU - NORTHERN PART

Tribo	Grupo Lingüístico	População	
Tribe	Linguistic Group	Population	
		1979/1989	
1.			
Aveti	Tupi	50	80
Kamairá	Tupi	170	279
Kalapala	Karib	165	249
Kuikuru	Karib	170	277
Matipu	Karib	20	102
Nahuquá	Karib	20	102
Mehinaku	Aruak	80	121
Waurá	Aruak	110	187
Yavatapiti	Aruak	100	140
2.			
Txucarramãe	Jê	220	440
Suíá	Jê	150	169
Krenakôre	Jê	85	122
Kayabi	Tupi	200	522
Juruna	**	70	192
Txikão	Karib	100	140
Trumai	**	20	78

(\*) Dados aproximativos/ approximative data

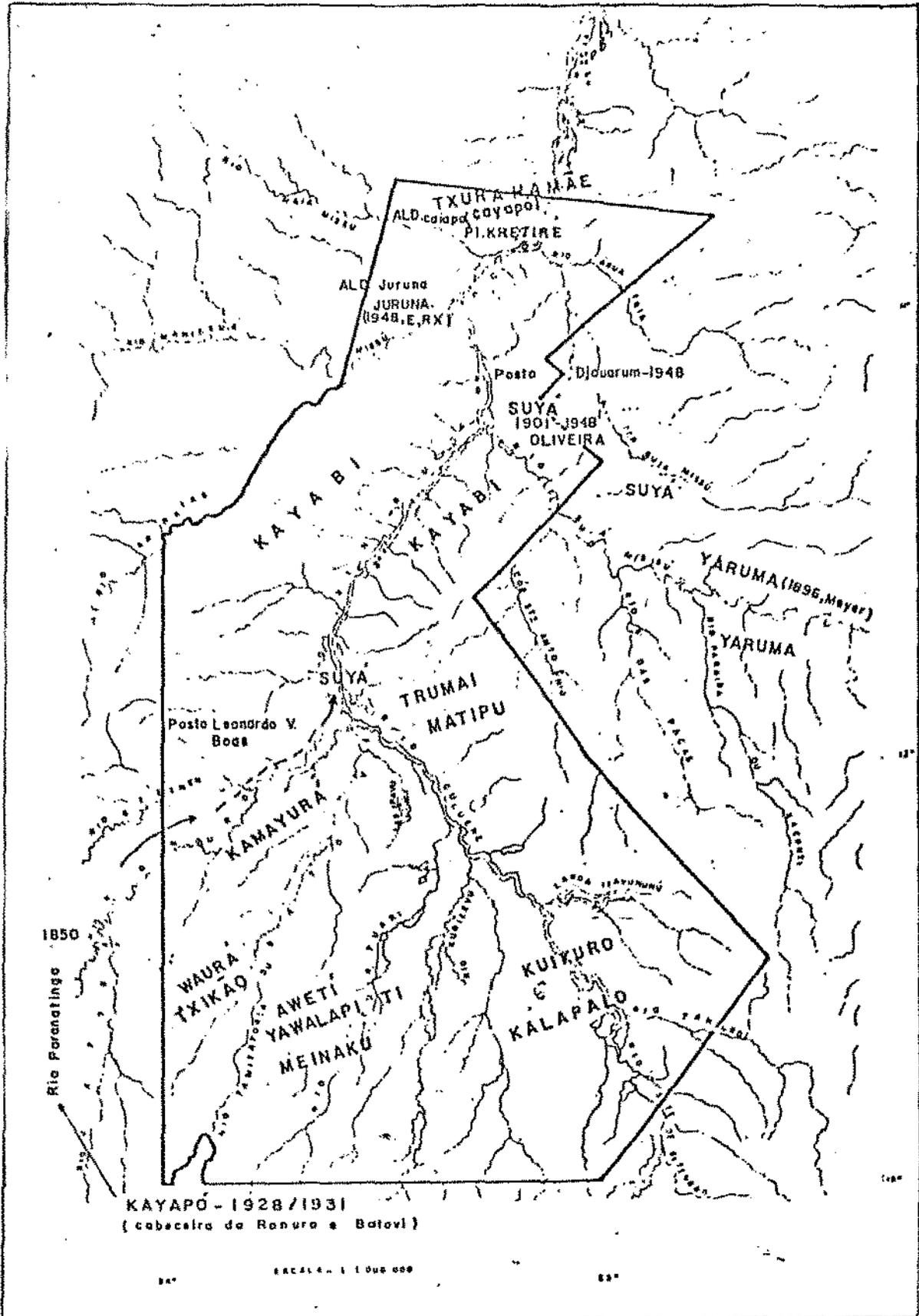
(\*\*) Língua isolada/ isolated language

OBS. 52% da população tem menos de 15 anos.

OBS. 52% of the population is less than 15 years old.



MAPA 2: Região ocupada pelos Suyá, nos anos 30.



## 2. FONOLOGIA DO SUYÁ

### 2.0. INTRODUÇÃO

Apresenta-se, a seguir, um estudo da Fonologia da Língua Suyá. Como se poderá ver, comparando esta língua com as demais línguas da Família Jê, há muita semelhança nos sistemas fonológicos dessas línguas, sobretudo nos processos de alofonia dos segmentos consonantais, por exemplo.

A descrição segue o modelo fonêmico que se tem usado tradicionalmente para se descrever línguas indígenas brasileiras, sobretudo quando são descritas pela primeira vez, como é o caso da língua Suyá.

Apresentam-se os fonemas e suas oposições, em seguida, os principais alofones dos fonemas. Algumas observações particulares aparecem no final deste capítulo ou nos momentos mais adequados. Além dos fonemas, há, ainda, uma breve apresentação dos padrões silábicos.

A Língua Suyá apresenta um sistema fonêmico bastante complexo para os elementos consonantais, sobretudo quando comparado com a simplicidade fonêmica dos elementos vocálicos.

### 2.1. OS FONEMAS

Há 28 fonemas segmentais, dos quais 13 são

consoantes e 15 são vogais.

## 2.2. Classificações das Oposições Fonêmicas

Os fonemas consonantais estão classificados, quanto ao modo de articulação em: oclusivas, nasais, fricativas, africada, glide e flap.

As oclusivas estão classificadas, quanto ao ponto de articulação em: bilabial, alveolar e velar.

As nasais estão classificadas, quanto ao ponto de articulação em: bilabial, alveolar, álveo-palatal e velar.

As fricativas estão classificadas, quanto ao ponto de articulação em: alveolar e velar.

O glide está classificado, quanto ao ponto de articulação em bilabial. O flap é alveolar.

As africadas são álveo-palatais.

Quanto à sonoridade, as oclusivas e a fricativa alveolar são surdas. As nasais, o glide, o flap e a fricativa velar são sonoras. As africadas são surda e sonora, respectivamente.

## QUADRO 1. CONSOANTES

MODOS	LUGAR	bilabial	alveolar	álveo- palatal	velar
oclusivas		p	t		k
afri-	su.			ç	
casas	so.			j	
frica-	su.		s		
tivas	so.				ɣ
flap			r		
nasais		m	n	~ ɲ	ŋ
glide		w			

## 2.3. OS FONEMAS CONSONANTAIS E SEUS ALOFONES

## 2.3.1. Os fonemas oclusivos

Os fonemas /p/, /t/, /k/ se opõem entre si:

/pá/ [ˈpa] "1.<sup>a</sup> p. s." e /tá/ [ˈta] "derrubar"

/pém/ [ˈpeme] "pai" e /tém/ [ˈteme] "cair"

/pé/ [ˈpe] "mato, capim, grama" e /ké/ [ˈke] "peito"

/té/ [ˈte] "perna" e /ké/ [ˈke] "sorrir"

/tút/ [ˈtutu] "duro/a" e /túk/ [ˈtuku] "maduro/a"

## 2.3.1.1. Os alofones dos fonemas oclusivos:

Os fonemas consonantais /p t k/ realizam-se pelos alofones [p t k] que podem variar com [b d g]. Esta variação é uma variação livre de contexto. Por exemplo:

/kupě/ [ku'pě] ~ [ku'bě] "não-índio, estrangeiro"

/kupā/ [ku'pā] ~ [ku'bā] "cheirar"

/krít/ ['klít] ~ ['klíd] "frio"

/két/ ['ket] ~ ['ked] "não"

/ká/ ['ka] ~ ['ga] "você"

/kapěř/ [ka'pěř] ~ [ga'pěř] "língua, idioma"

Os alofones [t] e [k] apresentam ainda uma variante aspirada [t<sup>h</sup>] e [k<sup>h</sup>]. Estes alofones só ocorrem em início de sílaba não sendo encontrados em posição final de sílabas. Quando ocorre a aspiração, trata-se também de uma variação livre, porém há uma restrição com relação à sua ocorrência, uma vez que só são encontrados em início e nunca em final de sílaba. A tonicidade não influi na sua ocorrência. Por exemplo:

/kén/ ['kene] ~ ['k<sup>h</sup>ene] "pedra"

/tí/ ['tɨ] ~ ['t<sup>h</sup>ɨ] "morrer"

/kí/ ['kɨ] ~ ['k<sup>h</sup>ɨ] "cabelo"

/kó/ ['ko] ~ ['k<sup>h</sup>o] "pele"

/ké/ ['kə] ~ ['k<sup>h</sup>ə] "peito"

/kikré/ [ki'kre] ~ [k<sup>h</sup>i'kre] "casa"

/túm/ ['tumu] ~ ['t<sup>h</sup>umu] "velho"

/kúm/ ['kumu] ~ ['k<sup>h</sup>umu] "fumaça"

/tučǐ/ [tu'čǐ] ~ [t<sup>h</sup>u'čǐ] "machado"

### 2.3.2. Os fonemas africados

Os fonemas /č/ e /j/ se opõem entre si:

/čǐ/ ['čǐ] "grande" e /ajǐ/ [a'jǐ] "nosso/a"

/čě/ ['čě] "periquito" e /jén/ ['jenɪ] "marido"

Os exemplos abaixo mostram a oposição do fonema /č/ aos fonemas /t, k, r, s/:

/čǐr/ ['čǐrɪ] "vivo/a" e /tǐr/ ['tǐrɪ] "sair, passear"

/tuté/ [tu'te] "espingarda" e /tučǐ/ [tu'čǐ] "machado"

/soatǐ/ [soa'tǐ] "viúva" e /čǐ/ ['čǐ] "grande"

/rǐč/ ['rǐčǐ] "comprido/a" e /rít/ ['ritɪ] "imp. afirm."

/tusér/ [tu'sere] "cinzas"; /tukén/ [tu'kene] "dorso";

/kutén/ [ku'tene] "veia"; /kučén/ [ku'čene] "lavar";

/karén/ [ka'rene] "cigarro"; /kokén/ [ko'kene] "cotia"

#### 2.3.2.1. Os alofones dos fonemas africados

Os fonemas /č/ e /j/ realizam-se [č] e [j] e ocorrem diante de qualquer fonema vocálico, como nos exemplos:

- /čé/ [ 'čə ] "aparecer"  
 /sōtúče/ [ sō 'tučə ] "limão"  
 /čukemā/ [ čuka 'mā ] "Txukahamāe"  
 /čī/ [ 'čī ] "dentro"  
 /aJí/ [ a 'ji ] "nosso/a"  
 /Jén/ [ 'Jeni ] "marido"  
 /Jíw/ [ 'Jiwí ] "novo"  
 /Júni/ [ 'Juni ] "beija-flor"

A sonoridade distingue dois fonemas africados diferentemente do que acontece com os fonemas oclusivos para os quais ocorre apenas um fenômeno de alofonia.

Os fonemas africados apresentam também alofones pré-nasalizados nos contextos em que a pré-nasalização se estabelece na língua Suyá (v.: 2.3.2.2.2.). Por exemplo:

/č/ [nč]

/J/ [nJ]

/Jén/ [ 'nJeni ] ~ [ 'Jeni ] "marido"

/tāčí/ [ tā 'nči ] "doce"

#### 2.3.2.2. A ocorrência de [y]

O glide fonético [y] foi atribuído ao fonema /J/ uma vez que ocorre em variação livre entre [y] e [J]

em início de sílabas como se vê nos exemplos abaixo:

- /Jén/ [ˈjɛnɛ] ~ [ˈyɛni] "marido"  
 /Jók/ [ˈjɔgɔ] ~ [ˈyɔgu] "Yoko"  
 /Júni/ [ˈjuni] ~ [ˈyuni] "beija-flor"  
 /kukwəje/ [kuˈkwɛjɛ] ~ [kuˈkwɛyi] "macaco"  
 /Jajkwá/ [jajˈkwa] ~ [yayˈkwa] "boca"

### 2.3.3. Os fonemas consonantais nasais

O Suyá apresenta os seguintes fonemas consonantais nasais: /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/. Os exemplos abaixo mostram a oposição fonológica entre esses fonemas:

- /nā/ [ˈnā] "mãe" e /ñā/ [ˈñā] "fora"  
 /mɛ/ [mɛ] "para" e /nā/ [ˈnā] "mãe"  
 /mō/ [ˈmo] "ir" e /ŋó/ [ˈŋo] "rio"  
 /ŋó/ [ˈŋo] "rio" e /nó/ [ˈno] "pintar"  
 /ñí/ [ˈñi] "carne" e /ní/ [ˈni] "deitar"  
 /yuñí/ [huˈñi] "cabaça" e /kamí/ [kãˈmbi] "mingau"  
 /ñō/ [ˈñõ] "comida" e /ŋōr/ [ˈŋõrõ] "dormir"

Abaixo, seguem exemplos de oposição entre os fonemas nasais e os oclusivos e africados:

- /ipém/ [iˈpɛmɛ] "meu pai" e /imé/ [iˈmɛ] "para mim"

/pā/ [ˈpā] "surucutu" e /nā/ [ˈnā] "mãe"

/čí/ [ˈči] "grande" e /ñí/ [ˈñi] "carne"

/ají/ [aˈji] "nosso/a" e /anĩ/ [aˈnĩ] "pronome reflexivo"

/kór/ [ˈkoro] "machado de pedra" e /ŋōr/ [ˈŋoro] "dormir"

### 2.3.2.1. Alofones dos fonemas consonantais nasais

#### 2.3.2.2.1. A ocorrência de consoantes nasais

Os quatro fonemas consonantais nasais apresentam como alofones consoantes plenamente nasais, como se mostra a seguir:

/m/ [m]: /me/ [me] "para"

/mičí/ [miˈči] "jacaré"

/n/ [n]: /nā/ [ˈnā] "mãe"

/né/ [ˈne] "tirar"

/n/ [n]: /ñō/ [ˈño] "comida"

/ñí/ [ˈñi] "carne"

/ŋ/ [ŋ]: /ŋōr/ [ˈŋoro] "dormir"

/ŋú/ [ˈŋu] "sentar"

#### 2.3.2.2.2. A ocorrência de consoantes pré-nasalizadas

Em Suyá, a ocorrência de consoantes pré-nasalizadas está ligada aos fonemas consonantais nasais ou aos africados. Esta ocorrência mostra uma

variação livre. A parte oclusiva das pré-nasalizadas pode ocorrer na forma sonora ou surda. Por exemplo:

/m/: [mp], [mb]

/mé/ [ˈmpɛ] "restar"

/múr/ [ˈmburu] "pescoço"

/mrosér/ [mbroˈsere] "carvão"

/méni/ [ˈmbɛni] "abelha"

/mécč/ [ˈmbɛčɪ] "bem"

/n/: [n] ou [nt], [nd]

/ro + nŏ/ [roˈnɔ] ~ [roˈndɔ] "estar deitado"

/nā/ [ˈntā] ~ [ˈndā] "morder"

/ň/: [ň, ỹ]

O fonema /ň/ não apresenta alofones pré-nasalizados. Este fonema realiza-se [ň] que está em variação livre com o alofone [ỹ] em início de sílaba. Em final de sílaba, depois de vogal nasal só ocorre [ỹ]:

/ňō/ [ˈňō] ~ [ˈỹō] "comida"

/kwarěnta / [kwaˈrěŋta] "quarenta"

/ŋ/: [ŋ] ou [ŋg], [ŋk]

- /ŋó/ [ˈŋo] ~ [ˈgo] "água, rio"  
 /ɣwí + ŋó/ [hwíˈŋko] ~ [hwíˈŋgo] "barco"  
 /kãjá/ [kãˈŋa] ~ [kãˈŋga] "cobra"  
 /ŋré/ [ˈŋkrɛ] ~ [ˈŋgrɛ] "ovo"  
 /rãŋó/ [rãˈŋko] ~ [rãˈŋgo] "colar"  
 /ŋõr/ [ˈŋõro] ~ [ˈŋgoro] "dormir"  
 /kwisí + ŋayó/ [kwiˈsingaˈyo] " (fogo + baba) brasa"

As ocorrências pré-nasalizadas [nʝ] e [nč], atribuídas aos fonemas africados /č/ e /ʝ/ respectivamente, ocorrem como segue:

[nʝ] só ocorre em posição inicial de palavra precedendo uma vogal oral;

[nč] ocorre em início de sílaba precedendo uma vogal oral, sendo que na sílaba anterior ocorre sempre uma vogal nasal.

Enquanto [nʝ] está em variação livre com [y] ou [ɣ]; [nč] está condicionado pelo ambiente de ocorrência, ou seja, ocorre depois de uma vogal nasal e, portanto, no início de sílaba:

- /Jén/ [ˈnʝeni] ~ [ˈʝeni] ~ [ˈyeni] "marido"  
 /tãčí/ [tãˈnčɪ] "doce"

#### 2.3.2.2.3. A ocorrência de oclusivas sonoras

Os fonemas consonantais nasais, exceto o

alveolar e o álveo-palatal, podem ter como alofones uma oclusiva sonora, em variação livre com os alofones pré-nasalizados, como mostram os exemplos abaixo:

/m/ [b] ~ [mb]:

[ˈburu] ~ [ˈmburu] "pescoço"

[broˈsere] ~ [mbroˈsere] "carvão"

[ˈbɛɕi] ~ [ˈmbɛɕi] "bem"

/ŋ/ [g] ~ [ŋg]:

/ŋó/ [ˈgo] ~ [ˈŋgo] "água, rio"

/ŋré/ [ˈgrɛ] ~ [ˈŋgrɛ] "ovo"

### 3.3.4. Os fonemas fricativos

Há dois fonemas fricativos em Suyá: /s/ e /y/. O primeiro é uma fricativa alveolar surda cujo alofone é [s] e o segundo é uma fricativa velar sonora cujo alofone é [ɣ].

/sí/ [ˈsɨ] "semente" e /yí/ [ˈɣɨ] "caminho, estrada"

O fonema /s/ se opõe aos fonemas /ç/:

/sí/ ['si] "rosto" e /čí/ ['či] "grande"

#### 2.3.4.1. Alofones do fonema /s/:

O fonema /s/ apresenta como alofone apenas [s]. A ocorrência de [z] não foi constatada em palavras Suyá.

#### 2.3.4.2. Alofones de /y/:

O fonema /y/ tem como alofone [y], que pode ter como variantes livres [X] (fricativa velar surda), [h] (fricativa glotal surda) ou [ɸ] (fricativa bilabial surda). Nos dados coletados, o alofone [X] foi encontrado apenas antes das vogais /ã/ e /õ/. Por exemplo:

/yúr/ ['yuru] ~ ['huru] ~ ['ɸuru] "roça"

/ywá/ ['ɸwa] ~ ['hwa] "braço"

/ywét/ ['yweti] ~ ['ɸweti] ~ ['hweti] "fazer"

/kwisí + ηayó/ [k<sup>w</sup>i'siŋ<sup>g</sup>a'yo] ~ [k<sup>w</sup>i'siŋ<sup>g</sup>a'ho] "brasa"

/ayõ/ [a'yõ] ~ [a'hõ] ~ [a'Xõ] "sua mulher"

/kayāčí/ [kayā'či] ~ [kaXā'či] "tartaruga"

/sayúy/ [sa'huyu] "espeto"

#### 2.3.5. O fonema /r/

Em Suyá a realização fonética da vibrante

simples e das laterais representa um único valor fonológico, atribuído ao fonema /r/.

Exemplos de oposição do fonema /r/ aos fonemas /ɣ/, /n/ e /t/:

/ró/ [ˈro] "brotar" e /γō/ [ˈɣō] "esposa"

/sĩre/ [ˈsĩre] "pequeno" e /siyō/ [siˈɣō] "andorinha"

/ro/ [ro] "com" e /tō/ [ˈto] "entrar"

/kér/ [ˈkere] "não" e /kén/ [ˈkene] "pedra"

#### 2.3.5.1. Os alofones do fonema /r/

O fonema /r/ realiza-se foneticamente como uma vibrante alveolar simples (tap ou flap) [r], a qual pode estar em variação livre com [l], lateral alveolar ou com [λ], lateral palatal. Por exemplo:

/kér/ [ˈkere] "não"

/rĩč/ [ˈĩč̥i] ~ [ˈrĩč̥i] "comprido/a"

/kajkĩre/ [kajˈkĩre] ~ [kajˈkile] ~ [kajˈkile] "leve"

#### 2.3.6. O fonema glide /w/

Em Suyá ocorre um fonema /w/ como se pode verificar nos exemplos abaixo:

/wítĩ/ [wiˈtĩ] "um"

/wá/ ['wa] "nosso/a"

/wosí/ [wo'sí] "milho"

#### 2.3.6.1. Os alofones do fonema /w/

O fonema /w/ tem como alofone [w] quer formando um ditongo, quer labializando a consoante precedente. Este fonema apresenta, ainda, os alofones [v] (fricativa lábio-dental sonora) ou [β] (fricativa labial sonora) em variação livre, conforme se observa nos seguintes exemplos:

/wičí/ [vi'či] ~ [hwi'či] "imperativo negativo"

/wewé/ [we'we] ~ [ve've] "borboleta"

/kréw/ ['krew] ~ ['krev] "plantar"

/kajkéw/ [kay'kew] ~ [kay'keve] ~ [gay'keβe] "redondo/a"

#### 2.4. Principais Alofones dos Fonemas Consonantais

Apresenta-se, a seguir, os principais alofones dos fonemas consonantais em Suyá:

/p/ [p, b]

/t/ [t, th, d]

/k/ [k, kh, g]

/č/ [č, nč]

/j/ [j, nj, y]

/m/ [m, mp, mb]

/n/ [n, nt, nd]

/ñ/ [ñ, ñ̃]

/ŋ/ [ŋ, ŋk, ŋg]

/w/ [w, β, v]

/ɣ/ [ɣ, h φ, X]

/s/ [s]

/r/ [r, l, λ]

## 2.5. Algumas observações a respeito de alguns fatos sobre os segmentos fonéticos e suas implicações fonológicas:

A variação livre entre [ñ] e [ñ̃] ocorre em início de sílaba. Não foi encontrada a ocorrência de [ñ] em final de sílaba, mas de [ñ̃] semelhante a variação entre [j] e [y] que ocorre em início de sílaba, ocorrendo [y] e não [j] em final de sílaba. Quando [y] ocorre em final de sílaba forma ditongo com a vogal precedente. Não ocorre palatalizando uma vogal, o que seria semelhante ao fato que ocorre com [w] que labializa a consoante precedente (ou forma ditongo).

Em vista disto, o segmento [y] poderia ser atribuído a um fonema /y/ de ocorrência restrita ao contexto de final de sílaba, tendo uma certa semelhança com o fonema /w/. Isto cria um problema para se interpretar as ocorrências de [y] e [ñ̃] em variação livre com [j] e [ñ]. Embora, se possa atribuir a ocorrência de um "overlapping", tal interpretação parece muito "ad

hoc". Por outro lado, a interpretação apresentada neste trabalho também não é totalmente satisfatória. Este assunto merece um estudo particular e detalhado, com novas informações, que não foram talvez captadas na coleta de dados até agora realizada.

O segmento [b] é uma variante de [p] e pertence ao fonema /p/. Porém, há ocorrências de [b] que são variantes de [mb] e que, portanto, pertencem ao fonema /m/.

De forma semelhante ao exposto acima, o segmento [g] que é uma variante típica de /k/, aparece às vezes em variação livre com [ŋg] que pertence ao fonema /ŋ/.

Os alofones pré-nasalizados não estão condicionados pelo contexto, podendo ocorrer entre vogais orais e/ou vogais nasais.

O alofone [w] pode apresentar uma variante [β] como já foi possível mostrar.

A ocorrência de variação em certos itens lexicais, como exemplificados abaixo, mostra que não se trata de variação fonológica, mas de um fenômeno morfológico:

kh/kr: [ní'kha] ~ [ní'kra] "mão"

[kha] ~ [kra] "filho"

k/ø: [sok] ~ [sog] ~ [so] "dor, doente"

[k'klít] ~ [k'klíd] ~ [k'klí] ~ [glí] "frio"

Tem-se observado que o fonema /y/ ocorre quase que exclusivamente diante de /u, o, w/. Em alguns itens lexicais, que apresentam, em seqüência, os fonemas /k/ e /u, o w/ tem-se encontrado a realização de um alofone [p] em variação com os alofones do /k/. Por exemplo:

/kwisi/ [p<sup>w</sup>i'si] ~ [k<sup>w</sup>i'si] "fogo"

A ocorrência de segmentos fricativos na língua depende basicamente do fonema /s/ ou /y/ e eventualmente de formas lexicais marcadas, caso em que a fricativa está relacionada com um fonema /k/ na forma básica lexical, revelando um processo de fricativização. Uma vez fricativizado, o segmento passa a variar como variam os alofones de /y/. Por exemplo:

/kóy/ [ 'koyol] ~ [ 'kogo] ~ [ 'koko] "vento"

/sóy/ [ 'soyol] ~ [ 'sogu] chato/a"

/sóy/ [ 'soy] ~ [ 'sok] ~ [ 'sog] "doer"

/tákré/ [ti'glɛ] ~ [ti'ylɛ] "preto/a"

/ayô/ [a'γô] ~ [a'hô] ~ [a'Xô] "sua mulher"

## 2.6. Alguns problemas

Foram encontradas algumas realizações fonéticas de palavras que não se encaixam no modelo

apresentado aqui.

Uma possibilidade é a presença de itens lexicais diferentes com significados próximos. A outra possibilidade é que ocorra realmente uma variação fonológica. Estes fatos não ficaram esclarecidos ainda no momento da redação deste trabalho, seja por falta de dados exaustivos, seja por dificuldades de análise.

Esses casos são apresentados, a seguir, e ficam apenas como registro anotados sem uma explicação convincente até agora. Entretanto, convém lembrar as observações feitas por Steinen (1886) e que serão apresentadas posteriormente (v. 2.11.), somando-se alguns dos vocábulos por ele coletado, junto aos Suyá, a fim de se proceder a uma breve comparação (v. 2.13.).

Nos dados coletados, entre 1988 até 1991, foram registradas algumas realizações fonéticas como por exemplo:

[ 'pə] ~ [ 'pə] "capim, grama, mato"

/yuká/ ([pu'ka] ~ [ku'ka]) ~ [pu'ka] "terra"

/tikré/ ([ti'grɛ] ~ [ti'yɛ]) ~ [ 'tik] "preto/a"

/két/ [ 'kede] e /kér/ [ 'kere] "não"

/méch/ [ 'mɛɕi] "bem" e /mét/ [ 'mɛdi] ~ [ 'mɛri] "bom/  
boa"

/rít/ [ 'riti] "dever fazer" e /rík/ [ 'ríki] "poder fazer"

Steinen (1886) registra [φ ou h], onde em outras línguas ocorre [p]. Steinen (1886: 409):

woahá "braço"

woapaii (radical -pari) "pé"

φi "madeira"

híká "canoa de cortiça de árvore"

Nos dados coletados atualmente, verificou-se a mesma variação em palavras como /pe/ e /yuká/, por exemplo.

Para as palavras /nikrá/ "mão" e /kwisí/ "fogo", Steinen registrou wanikó e kustó. Em relação à primeira o autor diz que o r medial falha freqüentemente, na língua Suyá. Quanto à segunda palavra, o autor diz que os Suyá costumam trocar s e h. Nos registros fonéticos feitos agora, constatou-se a ocorrência da seqüência /kr/, bem como /s/.

## 2.7. Classificação das Oposições Fonêmicas Vocálicas

Os fonemas vocálicos estão classificados quanto à altura articulatória em altas, médias e baixas, sendo as médias subdivididas em fechadas e abertas. Quanto à localização, estão classificados em anteriores, centrais e posteriores.

Os fonemas vocálicos se opõem pela

nasalidade, havendo fonemas vocálicos orais e nasais. Não ocorrem fonemas nasais médio abertos.

O quadro abaixo mostra os fonemas vocálicos do Suyá:

## QUADRO 2. FONEMAS VOCÁLICOS

		anteriores Oral/Nasal	centrais Oral/Nasal	posteriores Oral/Nasal
alto		i / ĩ	ɨ / ɥ	u / ũ
médio	fechado	e / ĕ	ɛ	o / õ
	aberto	ɛ		ɔ
baixo			a / ǣ	

### 2.7.1. Oposições Fonêmicas Vocálicas

A oposição fonêmica entre fonemas vocálicos orais pode ser observada nos exemplos a seguir:

/kāmí/ [kã'mbɨ] "mingau" e /kāmí/ [kã'mbɨ] "irmão"

/sí/ [ˈsɨ] "rosto" e /sí/ [ˈsɨ] "semente"

/pí/ [ˈpɨ] "comprar" e /pú/ [ˈpu] "pegar"

/tí/ [ˈtɨ] "morrer" e /tú/ [ˈtu] "engravidar"

/tučí/ [tu'çi] "machado" e /tuté/ [tu'te] "arco,  
espingarda"

/sí/ [ˈsɨ] "cara, rosto" e /té/ [ˈte] "carrapato"

/jén/ [ˈjeɲ] "marido" e /jér/ [ˈjeɲ] "batata"

/pé/ [ˈpɛ] "mato, capim, grama" e /pá/ [ˈpa] "1<sup>a</sup> p.s."

/mé/ [ˈmɛ] "acender" e /má/ [ˈma] "saber, escutar,  
ouvir"

/ké/ [ˈkɛ] "peito" e /kó/ [ˈko] "mosquito"

/pí/ [ˈpi] "comprar" e /pé/ [ˈpɛ] "capim, grama, mato"

/mrík/ [ˈmbrɪk] "bicho" e /mér/ [ˈmɛrɛ] "chorar"

/kú/ [ˈku] "borduna" e /kó/ [ˈko] "mosquito"

/ku/ [ku] "pronome oblíquo/ 3<sup>a</sup> p.s." e /ŋó/ [ˈŋo] "água"

/ŋrés/ [ˈkrɛ] "ovo" e /krá/ [ˈkra] "filho"

/té/ [ˈtɛ] "perna" e /tá/ [ˈta] "derrubar"

/ná/ [ˈnda] "chuva" e /nó/ [ˈndo] "olho"

/kā/ [ˈka] "2<sup>a</sup> p.s." e /kó/ [ˈko] "pele"

/té/ [ˈtɛ] "carrapato" e /tɛ/ [ˈtɛ] "perna"

/nečí/ [ndɛpˈtʃi] "aririnha" e /nepčí/ [ndɛpˈtʃi]  
"vermelho"

/pé/ [ˈpɛ] "mato, capim, grama" e /pá/ [ˈpa] "1<sup>a</sup> p.s."

/ké/ [ˈkɛ] "peito" e /ká/ [ˈka] "2<sup>a</sup> p.s."

/kó/ [ˈko] "mosquito" e /kó/ [ˈko] "pele"

/kóy/ [ˈkoy] "vento" e /kóy/ [ˈkoy] "botoque"

A oposição fonêmica entre fonemas vocálicos nasais pode ser observada nos exemplos a seguir:

/sítí/ [sɪˈtɪ] "nome dele/a" e /ŋitĩ/ [ŋiˈtɪ] "chocalho"

/kín/ [ˈki] "querer" e /čír/ [ˈtʃɪr] "vivo/a"

/čír/ [ˈtʃɪr] "vivo/a" e /tũm/ [ˈtũm] "velho/a"

/nētú/ [nɛˈtu] "punho" e /wiñũ/ [wiˈñũ] "esperar"

/kĩ/ [ˈkĩ] "cabelo" e /ikẽ/ [iˈkẽ] "rir"  
 /pĩ/ [ˈpĩ] "matar" e /tẽ/ [ˈtẽ] "ir"  
 /mũ/ [ˈmũ] "ver, olhar" e /mõ/ [ˈmõ] "ir"  
 /rũ/ [ˈrũ] "ferir" e /yũ/ [ˈyũ] "maduro/a"  
 /tũm/ [ˈtũm] "velho/a" e /tõm/ [ˈtõm] "febre"  
 /mẽ/ [ˈmẽ] "gente, pessoa" e /mõ/ [ˈmõ] "ir"  
 /tẽ/ [ˈtẽ] "ir" e /tõ/ [ˈtõ] "irmão, voar"  
 /krã/ [ˈkrã] "cabeça" e /krẽ/ [ˈkrẽ] "comer"  
 /nã/ [ˈnã] "mãe" e /tẽ/ [ˈtẽ] "ir"  
 /ikrã/ [iˈkrã] "minha cabeça" e /ikõ/ [iˈkõ] "beber"

Algumas oposições fonêmicas entre fonemas vocálicos orais e nasais podem ser vistos a seguir:

/pĩ/ [ˈpĩ] "comprar" e /pĩ/ [ˈpĩ] "matar"  
 /pã/ [ˈpã] "1ª p.s." e /pã/ [ˈpã] "surucutu"  
 /sĩ/ [ˈsĩ] "semente" e /čĩr/ [ˈčĩr] "vivo/a"  
 /witĩ/ [wiˈti] "um" e /ŋĩtĩ/ [ŋĩˈti] "teu nome"  
 /kũ/ [ˈku] "borduna" e /mũ/ [ˈmũ] "ver"  
 /tutẽ/ [tuˈte] "arco, espingarda" e /tučĩ/ [tuˈči]  
 "tatu"  
 /mẽ/ [ˈmẽ] "acender" e /mẽ/ [ˈmẽ] "gente, pessoa"  
 /tetẽ/ [teˈte] "jaçanã" e /tẽtẽ/ [tẽˈtẽ] "venha !"  
 /krẽ/ [ˈkrẽ] "periquito vaqueiro" e /krẽ/ [ˈkrẽ] "comer"  
 /pẽ/ [ˈpẽ] "mato, capim" e /pã/ [ˈpã] "surucutu"  
 /-mẽ/ [-mẽ] "para, a" e /-mã/ [-ˈmã] "intencionalidade"  
 /kã/ [ˈkã] "peito" e /krã/ [ˈkrã] "cabeça"

/ro/ [rɔ] "com" e /tõ/ [ˈtõ] "irmão, voar"

/ŋoči/ [ŋgoˈçi] "rio grande" e /ŋõči/ [ŋgõˈçi] "curimatá"

/krá/ [ˈkral] "filho" e /krã/ [ˈkrã] "cabeça"

/pá/ [ˈpa] "1<sup>a</sup> p.s." e /pã/ [ˈpã] "surucutu"

## 2.7.2. OS FONEMAS VOCÁLICOS e seus ALOFONES

### 2.7.2.1. Alofones dos fonemas vocálicos orais:

/i/ [i]

Exemplos:

/ikrã/ [iˈkrã] "minha cabeça"

/ŋoči/ [ŋgoˈçi] "rio grande"

/ŋõči/ [ŋgõˈçi] "curimatá"

/e/ [e]

Exemplos:

/té/ [ˈte] "carrapato"

/teté/ [teˈte] "jaçanã"

/tuté/ [tuˈte] "arco, espingarda"

/ɛ/ [ɛ]

Exemplos:

/tɛ/ [ˈtɛ] "perna"

/krɛ/ [ˈkrɛ] "periquito vaqueiro"

/ŋrɛ/ [ˈkrɛ] "ovo"

/ɛ/ [ɛ]

Exemplos:

/sɛ/ [ˈsɛ] "semente"

/kãmɛ/ [kãˈmbɛ] "irmão"

/pɛ/ [ˈpɛ] "comprar"

/e/ [e]

Exemplos:

/pé/ [ˈpə] "mato, capim"

/-mè/ [-mè] "para, a"

/mé/ [ˈmè] "acender"

/a/ [a]

Exemplos:

/krá/ [ˈkra] "filho"

/pá/ [ˈpa] "1<sup>a</sup>.p.s."

/tá/ [ˈta] "derrubar"

/u/ [u]

Exemplos:

/nítú/ [nĩˈtu] "punho"

/tuté/ [tuˈte] "arco, espingarda"

/kú/ [ˈku] "borduna"

/o/ [o]

Exemplos:

/kó/ [ˈko] "mosquito"

/kóγ/ [ˈkoγo] "vento"

/ηočí/ [ɛŋoˈçi] "rio grande"

/o/ [o]

Exemplos:

/kó/ [ˈko] "pele"

/kóγ/ [ˈkoγo] "botoque"

/ro/ [ro] "com"

#### 2.7.2.2. Alofones dos fonemas vocálicos nasais:

/ĩ/ [ĩ]

Exemplos:

/kĩn/ [ˈkĩ] "querer"

/kĩ/ [ˈkĩ] "cabelo"

/pĩ/ [ˈpĩ] "matar"

/e/ [e] ~ [ɛ]

Exemplos:

/mě/ [ˈmě] ~ [ˈmɛ] "gente, pessoa"

/krě/ [ˈkrě] ~ [ˈkrɛ] "comer"

/ě/ [ɛ]

Exemplos:

/ɲitě/ [ɲiˈtɛ] "chocalho"

/čěr/ [ˈčɛr] "vivo/a"

/nětú/ [něˈtu] "punho"

/ů/ [u]

Exemplos:

/wiňů/ [wiˈňu] "esperar"

/yů/ [ˈyu] "maduro/a"

/mů/ [ˈmu] "ver, olhar"

/ō/ [o] ~ [ɔ]

Exemplos:

/yō/ [ˈyo] ~ [ˈyɔ] "esposa"

/mō/ [ˈmo] "ir"

/tō/ [ˈto] "irmão, voar"

/ā/ [a] ~ [ə]

Exemplos:

/-mā/ [-ˈmā] ~ [-ˈmə] "intencionalidade"

/pém/ [ˈpeme] "pai"

/krã/ [ˈkrã] "cabeça"

/mé/ [ˈmɛ] "acender"

Como se pode observar, diferentemente do que acontece com os fonemas consonantais, os processos de alofonia das vogais é muito simples.

## 2.8. A Tonicidade em Suyá

Como mostram os exemplos abaixo, a tonicidade é um fonema supra-segmental que tem sua realização na sílaba:

/toá/ [toˈa] "dente"

/tóa/ [ˈtoa] "banho"

/wá/ [ˈwa] "nós, nosso/a"

/oá/ [oˈa] ~ [ˈwa] "1<sup>a</sup> p.s."

Os morfemas da Língua Suyá são geralmente monossilábicos e, portanto, é comum também encontrar palavras monossilábicas. Há, porém, a ocorrência de morfemas e palavras paroxítonas e até proparoxítonas, como se observa nos seguintes exemplos:

ywíkire [ˈywikire] "pluralizador"

mũˈtaje [ˈmũˈtaji] ~ [ˈmũˈtaye] "longe"

kumení [kume'ni] "muito"

A realização fonética mais típica do acento é a duração mais longa da sílaba tônica. Por exemplo:

mũ'taʒe [ 'mũ'taʒi ] ~ [ 'mũ'taye ] "longe"

[ 'çi'kume'ni ] "muito grande"

[ lɛ'çi ] "comprido"

[ ɛ'ne ] "coletivo", como em [ ɲ<sup>9</sup>oturɛye ɛ'ne ]

"criançada"

Não foi possível determinar o status dessas vogais longas em Suyá. Entretanto, a hipótese que se pode aventar é a de que essas vogais longas estejam ligadas a aspectos prosódicos na língua, porém este tema não será abordado nesta análise.

Não foram registradas consoantes longas em Suyá.

As sílabas tônicas das palavras são fonemicamente marcadas como segue:

- o acento agudo / / para as vogais abertas ou fechadas;
- o acento nasal / ~ / para marcar a tonicidade das vogais nasais, além de marcar a nasalização.

Nas palavras em que ocorrem vogais nasais e cuja sílaba tônica não é coincidente, usa-se o acento agudo para marcar a sílaba tônica e o til " ~ " para

marcar nasalidade da vogal.

Por exemplo:

/rãŋó/ [rã'ŋo] "colar"

/pĩ/ [ 'pĩ] "matar"

/pá/ [ 'pa] "1<sup>a</sup> p. s."

## 2.9. A sílaba em Suyá

A sílaba apresenta a seguinte estrutura básica em Suyá:  $.(C_1)(C_2)(C_3)V(C_4). / .(C_1)(C_2)(C_3)\tilde{V}(C_4)..$ , sendo que o núcleo é sempre uma vogal e as partes ascendente e descendente constituídas por consoantes.

Em início de sílaba pode ocorrer como  $C_1$  qualquer consoante.

Se o início de uma sílaba for vogal pode ocorrer, à exceção da vogal média central /e/, todas as demais vogais.

Por exemplo:

/a-/ [a] " seu, sua"

/pá/ [ 'pa] "eu"

/ãkĩ/ [ã'kĩ] "espiga"

/aŋró/ [a'ŋro] "porco"

/péje/ [ 'peji] "chegar"

- /ají/ [a'ji] "nosso/a"  
 /ikě/ [i'kě] "rir"  
 /nā/ [ 'tā] "morder"  
 /tém/ [ 'təmə] "cair"  
 /ñōr/ [ 'ñōrō] "comida"  
 /tóa/ [ 'toa] "banho"  
 /twómi/ [ 'twomi] "cru"  
 /kít/ [ 'kit] "difícil"  
 /ywét/ [ 'yweti] "fazer"  
 /sóy/ [ 'soy] "doer"  
 /wewé/ [we'wɛ] "borboleta"  
 /wɛ/ [wɛ] "na, em"  
 /Jén/ [ 'Jeni] "marido"  
 /ajpá/ [ay'pal] "nós"  
 /tép/ [ 'tɛp] "peixe"  
 /yō/ [ 'yo] "esposa"  
 /kikčí/ [kik'či] "machado"  
 /tāčí/ [tā'nči] "doce"  
 /Jén/ [ 'nJeni] "marido"  
 /ŋwéji/ [ 'ŋweji] "panela"  
 /ŋoJrā/ [ŋoy'rā] "caneca"  
 /pé/ [ 'pe] "capim, mato"  
 /seysaká/ [ 'seysa'ka] "gavião- branco"  
 /sók/ [ 'sok] "doente, dor"  
 /Jár/ [ 'yara] "asa de ..."  
 /mrík/ [ 'mbrík] "bicho"

$C_1$  pode ser seguida de  $C_2$  ou não, como se observa nos exemplos abaixo:

/ .mrík./ [ 'mbrík ] "bicho"  
 /tí.kró/ [ tí.'krø ] "preto/a"  
 /tā.čí/ [ tā.'nči ] "doce"  
 /ŋra.čí/ [ ŋgra'či ] "paca"  
 /krwá.me/ [ 'krwame ] "atirar"  
 /krwa.γú.tā.čí/ [ krwa'γutā'nči ] "cana"  
 /krwá/ [ kru'wa ] "flecha"

Quando ocorre ( $C_2$ ) acontecem as seguintes situações:

1. se  $C_2$  for /r/  $C_1$  será /k/ ou uma das nasais /m,ŋ/:

/kã'.mró/ "sangue"  
 /ŋra.čí/ "espécie de sapo, anta, paca"  
 /.krã./ "cabeça"

2. se  $C_2$  for /w/ poderá ocorrer como  $C_1$  /t, k, n, ŋ, γ/:

/twó.mi/ "cru"  
 /kwe.té/ "rede"  
 /nwí.rok/ "mesmo, igual"  
 /ŋwó.je/ "balde, panela"

/ɣwĩ.rã/ "flor"

Como C<sub>3</sub> só ocorre /w/, como em:

/krwá.me/ [ˈkrwame] "atirar"

/krwa.ɣú.tã.čĩ/ [krwaˈɣutãˈnčĩ] "cana"

Em posição final de sílaba, como C<sub>4</sub> ocorrem:

- /k/, /p/, /t/, /ɣ/, /j/, /w/ (ou [x] sinalizando o limite de palavras)

/tép/ "peixe"

/kík.čĩ/ "machado"

/ŋoʃ.rã/ "caneca"

/sey.sa.ká/ "gavião - branco"

/kréw/ "plantar"

/krít.ɣó/ "facão"

Em final de sílaba, as consoantes nasais e os fonemas consonantais: /č, s, r/, não ocorrem. A ocorrência de nasais está restrita a alguns poucos itens lexicais como /pém/ e /kĩn/.

Em final de sílaba ocorrem todas as vogais como já foi demonstrado, quando da apresentação dos segmentos vocálicos orais e nasais neste mesmo capítulo.

C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>, C<sub>3</sub> e C<sub>4</sub> podem, como já foi visto ser /w, j/. Estes fonemas se realizam como "glides" (caso em

que /j/ tem como alofone [y]), quando estão ocorrendo como C<sub>2</sub>, C<sub>3</sub> e C<sub>4</sub>. Por exemplo:

/kréw/ ['krɛw] "plantar"  
 /twó.mi/ ['twomi] "cru"  
 /aJpá/ [ay.'pa] "nós"  
 /Jasé/ [ya.'se] "assustar"

Se C<sub>1</sub> for /s, w, y/ ocorrerá depois delas qualquer uma das vogais, a exceção da vogal alta central nasal /i/. A vogal /i/ só encontrada após os fonemas /t, n, č, ŋ/.

A sílaba fonética, enquanto unidade de realização da fala, e a sílaba fonológica não são coincidentes na língua. Nem sempre os mesmos fonemas de uma sílaba fonológica ocorrem nas sílabas fonéticas e nem sua divisão é sempre a mesma. Assim:

/krwá/ ['krwa] ~ [kru'wa] "flecha" > .kru.wá.  
 /mũ'taje/ ['mũ'tay] ~ ['mũ'tajil] ~ ['mũ'taye]  
 "longe" > .mũ'.ta.je.

## 2.10. Outras considerações a respeito da fonologia do Suyá

### 2.10.1. Marcador de final de palavra

Diante de pausa, as palavras terminadas por um dos seguintes fonemas vocálicos: [i], [ə] e [õ] podem receber uma fricativa velar surda [x] sinalizando o final do vocábulo, como nos exemplos abaixo:

/ɣwi/ ['hwix] ~ ['hwi] "urucum"

/pé/ ['pex] ~ ['pə] "capim, mato, grama"

/iñõ/ [i'ñõx] ~ [i'ñõ] "minha comida"

[x] ocorre tipicamente quando o falante está dizendo palavras isoladas ou listas de palavras, não ocorrendo na fala contínua de enunciados.

### 2.10.2. Reduplicação Vocálica em Suyá:

#### Formas breves e formas longas

Na língua Suyá há um predomínio de palavras monossilábicas sobre outros tipos. Quando a palavra monossilábica termina em consoante, costuma ocorrer o acréscimo de uma vogal eco no final da palavra. Essa vogal eco tem a mesma qualidade fonética da vogal anterior. Quando a palavra aparece na sua forma monossilábica, dá-se o nome de forma breve, curta ou reduzida e quando aparece na forma dissilábica, dá-se o nome de forma longa. Assim:

/pém/ [ 'pəmə] "pai"

/séy/ [ 'seye] "pássaro"

/múr/ [ 'm<sup>b</sup>uru] "pescoço"

/sóy/ [ 'soyo] "chato/a"

Nos enunciados, por exemplo quando seguido de partículas, a vogal eco não ocorre:

/múr/ + /-ra/: [ 'mburu] + [-ra]= [ 'mburta] "pescoço"

/kén/ + /-ra/: [ 'kene] + [-ra]= [ 'kenra] "pedra"

/pém/ + /-ra/: [ 'pəmə] + [-ra]= [ 'pəmra] "pai"

/múr/ + /-ra/ + /ríč/: [ 'mburu] "pescoço" + [-ra] + [ 'ríči] "comprido" = [ 'mbuta' líči] "pescoço comprido"

As formas longas aparecem tipicamente em palavras isoladas. As formas breves parecem ter uma função de co-ocorrer junto a verbos transitivos. No entanto, tem-se observado também a ocorrência de formas longas não só com verbos intransitivos, como com verbos transitivos em alguns casos. Este aspecto da língua será retomado na parte dedicada à Sintaxe e, na verdade, necessita de uma investigação mais detalhada e profunda.

## 2.11. Breve panorama dos estudos já realizados sobre o sistema fonológico do Suyá

Steinen (1886/tradução - Cannabrava: 1942)

Vogais: i e a o ɔ o<sup>1</sup> u u, em que ɔ, e, u soam reduzidas, â, ã nasaladas.

Ditongos - ai, au, ei, oa, oi, ua.

Consoantes: k g X<sup>2</sup> h r ñ ñ t d s z ρ l n p φ  
w m.

Steinen diz que não há as consoantes kX, ts', s', z'', l "mouillé", b, v e, que designa com ρ o r, por exemplo: múpu "sol", dental, com φ um som intermediário entre f bilabial e h. Em palavras nas quais é esperado a ocorrência de p, como por exemplo pari "pé" ocorre φ: woapaii; ou h.

Figuram como sons iniciais, de acordo com Steinen, todas as consoantes exceto z, r, ñ. Os encontros consonantais iniciais são: ñg, nd, st, kr, dy e os mediais: ñk, nt, nd, dn, tk, ks, ts, ns e st. Em posição final ocorrem os segmentos vocálicos primordialmente.

Steinen obseva que, na maioria das palavras, o acento tônico ocorre na última sílaba. Para o autor

---

1. o equivale a o.

2. X é a fricativa uvular surda (cf. Crystal, 1990 - I.P.A.).

este fenômeno se deve ao fato de " ter-se dado uma abreviatura da vogal final nas palavras em que a acentuação tônica cái na penúltima sílaba".

A alofonia dos segmentos consonantais do Suyá observada por Steinen se dá da seguinte maneira: "na ligação consonantal *kr* medial, falha frequentemente o *r*. Dessa maneira explica-se a raridade do *r* (não *ρ*); trocam *s* e *h*, além do fato de *st* poder figurar no lugar de um *b* ou *v*; ao *ρ* medial corresponde em casos comparáveis, com outras línguas *Jê*, *tt*, *t* e assim como o *p*, o *b* também se perdeu, sendo substituído por *m*.

Steinen registra, também, o pronome possessivo da 1<sup>a</sup> pessoa *wa* ou *woa*, o pronome da 2<sup>a</sup> pessoa *i* e *ni* como um pronome demonstrativo e como terminações verbais as formas: *ane*, *one*, *ene*.

Em 1962, Collins fornece uma lista de palavras da língua, não propondo qualquer análise. O autor registra variações, como as exemplificadas: *pwĩ* ~ *k<sup>h</sup>i* "casca" *tute* ~ *tuhte* "arco".

Em 1988, proponho uma análise preliminar do sistema fonológico do Suyá e mostro que o acento é fonêmico na língua: *toá* "dente"/ *tóa* "banho". Naquele momento, os dados me sugeriram um sistema fonológico, dos segmentos consonantais, muito próximo do Kayapó (Txukahamãe). Mas, em virtude da coleta de novos dados, feitos posteriormente, a análise atual apresenta sensíveis diferenças decorrentes de um estudo mais

detalhado da língua (cf. Guedes, 1988).

## 2.12. Os sistemas fonológicos de outras línguas Jê

Interessa, neste instante, apresentar, ainda que brevemente, as análises que já existem para algumas línguas da Família Jê, exceto o Suyá.

Não pretendo com isso cobrir todos os aspectos discutidos pelos pesquisadores que trabalharam com as línguas Jê e nem tecer qualquer crítica aos trabalhos feitos para essas línguas. Centro-me naqueles trabalhos que considero relevantes, em função da descrição do Suyá, abrangendo apenas alguns aspectos da fonologia que, ao meu ver possam servir, neste momento, de parâmetro para uma comparação superficial.

Apresento, apenas, aquelas análises que, ao meu ver, são as mais representativas e às quais tive acesso. Convém, lembrar, todavia, que há poucos trabalhos a respeito dos temas tratados aqui e que, em sua maioria, são muito limitados seja em função da análise proposta pelos pesquisadores, seja em função do corpus por eles trabalhados, seja em função, ainda, dos objetivos desses pesquisadores.

A exceção dos trabalhos de Santos (1990) e de Dourado (1990), os demais trabalhos foram realizados por pesquisadores do Summer Institut of Linguistics, cujo objetivo principal é a descrição e análise das línguas em

função da alfabetização e evangelização dos povos que as falam. Não é meu interesse discutir, neste momento, questões dessa natureza. Entretanto, o acesso à parte do material produzido por essa Instituição permite a comparação aqui pretendida.

Meu interesse é, unicamente, fornecer um exemplário das análises, buscando com isso evidenciar as semelhanças e diferenças que se podem, eventualmente, encontrar nas estruturas dessas línguas.

Acredito que este panorama é uma contribuição relevante, não só ao meu próprio trabalho, mas também se constitui em uma necessidade para todos aqueles que, envolvidos ou não com descrições de línguas indígenas brasileiras, pretendam conhecer mais de perto os trabalhos que são desenvolvidos nessa área.

São apresentados resumos das línguas Xavante, Xerente, Apinayé, Tapayuna, Panará, Canela - Krahô e Kayapó (Txukahamãe).

M<sup>c</sup>Leod e Mitchell (1980) apresentam, como fonemas da língua Xavante, o seguinte quadro de consoantes e vogais:

Consoantes: /p t ? b d č j ř w h m n ñ/

Vogais:

orais: /i e ε a o u ɛ ẽ/, "em que ẽ é semelhante a "ʌ" do inglês" (p. 8).

nasais: /ɛ̃ ɨ̃ ã õ/

Entonação: "as locuções declarativas têm entonação cadente, i.e., o tom ou nível da voz é mais baixo ao final da locução do que ao princípio. As locuções interrogativas descrevem uma configuração entoacional de nível baixo-alto-baixo. ..." (p. 10).

Duração enfática: "Para fins enfáticos, prolonga-se a penúltima sílaba de uma locução. Quanto mais prolongada a sílaba, maior a ênfase. ..."

Por exemplo: romhee di "é longe" romheee di "é muito longe" (p. 11).

Intensidade: "A intensidade é previsível em palavras de 2, 3 e 4 sílabas que contêm apenas vogais curtas.

Em palavras de duas sílabas, a última sílaba é acentuada: pi'õ "mulher".

Em palavras de três sílabas, o acento cai na primeira e na última sílabas: apito "chefe".

Em palavras de quatro sílabas, o acento cai na segunda e na última sílaba: dawataçu "barba". (p. 11)".

"As sílabas longas são sempre acentuadas. Há três tipos de sílaba longa: aquelas de vogal prolongada; aquelas de vogal mais 'i'; aquelas que terminam em consoante: aibe "homem", waahi "cobra", umde "castor".

É acentuada a sílaba final de toda locução, a menos que seja o sufixo diminutivo -re: buru (buuru) "à roça".

Quando a última sílaba da palavra consiste no sufixo diminutivo -re, não é acentuada. A intensidade em tal caso é previsível da seguinte maneira:

Em palavras de duas sílabas, o acento cai na primeira: ĩire "passarinho".

Em palavras de três sílabas, o acento cai na segunda: upure "mosquinha".

Em palavras de quatro sílabas, o acento cai na primeira e na terceira: abajire "linha, fio" (p. 12)".

Há que se acrescentar que Burgess (1971) faz uma análise das sílabas do Xavante com o objetivo de demonstrar que uma análise prosódica é mais produtiva em relação a uma análise fonêmica.

Em 1974, M<sup>c</sup>Leod apresenta uma análise fonêmica do Xavante, reformulada em M<sup>c</sup>Leod e Mitchell (1980).

Mattos (1973) estabelece, para o Xerente, treze padrões silábicos, em que 6 são considerados, por ele, como básicos e 7 como resultantes da perda de vogal em construções gramaticais.

Por exemplo: CCV: /brẽ/ [mrẽ] "falar"

/tahãt krbrẽbẽ/ "ele está falando"

CCCCCV: krbrbẽ"falar"

Há 10 fonemas consonantais e 14 vocálicos.

Consoantes: as oclusivas orais /p t k/, as oclusivas nasais /b d/, as contínuas sonoras /w z/, as surdas /s h/ e a vibrante /r/.

"/p t k/ têm uma variante ligeiramente aspirada [p<sup>h</sup>, t<sup>h</sup>, k<sup>h</sup>]".

Esses alofones estão em distribuição complementar em função de seus ambientes de ocorrência. Assim: [p<sup>h</sup>] ocorre precedendo /i/, [t<sup>h</sup>] precedendo /i, u] e [k<sup>h</sup>] precedendo /i, e, ε, e/: [kup<sup>h</sup>i] "espécie de peixe", [wat<sup>h</sup>i] "apertar", [t<sup>h</sup>urɪ] "menino", [tok<sup>h</sup>i] "pássaro preto", [k<sup>h</sup>e] "mel", [k<sup>h</sup>ε] "serrar", [k<sup>h</sup>e] "água", [k<sup>h</sup>uba] "canoa" (Mattos op. cit.: 82 -83).

/k/ tem uma variante [g] ~ [k] seguindo /i/.  
/b/ tem um alofone [m] ocorrendo em início de sílaba que contenham vogais nasais em posição final de sílaba.

"/d/ tem uma variante oral [d] que ocorre no início de sílabas que contêm vogais orais, uma variante nasal [n] que ocorre no início de sílabas que começam com vogais nasais, e uma variante semi-vogal nasalizada [y] que ocorre no final da sílaba. Por exemplo:

[dadi] "ventre", [dadk<sup>h</sup>é] "morto", [nõžé] "milho",  
[nmāzi] "onde", [íkwaŷba] "certo", [danšȳto] "língua" (v. Mattos: 84)".

As vogais orais são: / i í u e ë o ε a o /.

As vogais nasais são: / ĩ ü ẽ ã õ /.

Alguns dados ilustrativos: wa "eu" ka  
"tu" tahā "ele, aquele" wadšrĩ "nós" brā "bosque,  
mato" kadšrĩ "vós" -re "com" kāhā "este"

Para o Apinayé, Ham (1961) apresenta a seguinte análise:

Fonemas consonantais: /p t č k m n ŋ ? v r z/. Os fonemas consonantais têm os seguintes alofones: [p, p<sup>o</sup>, b] [t, t<sup>o</sup>, d] [tš, tš<sup>o</sup>, t̥, dž, d̥] [k, k<sup>o</sup>, g]; [w, w̃, v, ṽ, ɔ] [ʔ, ʔ̃, ʔ̄, ʔ̅, ʔ̆, ʔ̇, ʔ̈, ʔ̉, ʔ̊, ʔ̋, ʔ̌, ʔ̍, ʔ̎, ʔ̏, ʔ̐, ʔ̑, ʔ̒, ʔ̓, ʔ̔, ʔ̕, ʔ̖, ʔ̗, ʔ̘, ʔ̙, ʔ̚, ʔ̛, ʔ̜, ʔ̝, ʔ̞, ʔ̟, ʔ̠, ʔ̡, ʔ̢, ʔ̣, ʔ̤, ʔ̥, ʔ̦, ʔ̧, ʔ̨, ʔ̩, ʔ̪, ʔ̫, ʔ̬, ʔ̭, ʔ̮, ʔ̯, ʔ̰, ʔ̱, ʔ̲, ʔ̳, ʔ̴, ʔ̵, ʔ̶, ʔ̷, ʔ̸, ʔ̹, ʔ̺, ʔ̻, ʔ̼, ʔ̽, ʔ̾, ʔ̿, ʔ̻̥, ʔ̼̥, ʔ̥̽, ʔ̥̾, ʔ̥̿] [ʃ, ʃ̃, ʃ̄, ʃ̅, ʃ̆, ʃ̇, ʃ̈, ʃ̉, ʃ̊, ʃ̋, ʃ̌, ʃ̍, ʃ̎, ʃ̏, ʃ̐, ʃ̑, ʃ̒, ʃ̓, ʃ̔, ʃ̕, ʃ̖, ʃ̗, ʃ̘, ʃ̙, ʃ̚, ʃ̛, ʃ̜, ʃ̝, ʃ̞, ʃ̟, ʃ̠, ʃ̡, ʃ̢, ʃ̣, ʃ̤, ʃ̥, ʃ̦, ʃ̧, ʃ̨, ʃ̩, ʃ̪, ʃ̫, ʃ̬, ʃ̭, ʃ̮, ʃ̯, ʃ̰, ʃ̱, ʃ̲, ʃ̳, ʃ̴, ʃ̵, ʃ̶, ʃ̷, ʃ̸, ʃ̹, ʃ̺, ʃ̻, ʃ̼, ʃ̽, ʃ̾, ʃ̿, ʃ̻̥, ʃ̼̥, ʃ̥̽, ʃ̥̾, ʃ̥̿] [ʒ, ʒ̃, ʒ̄, ʒ̅, ʒ̆, ʒ̇, ʒ̈, ʒ̉, ʒ̊, ʒ̋, ǯ, ʒ̍, ʒ̎, ʒ̏, ʒ̐, ʒ̑, ʒ̒, ʒ̓, ʒ̔, ʒ̕, ʒ̖, ʒ̗, ʒ̘, ʒ̙, ʒ̚, ʒ̛, ʒ̜, ʒ̝, ʒ̞, ʒ̟, ʒ̠, ʒ̡, ʒ̢, ʒ̣, ʒ̤, ʒ̥, ʒ̦, ʒ̧, ʒ̨, ʒ̩, ʒ̪, ʒ̫, ʒ̬, ʒ̭, ʒ̮, ʒ̯, ʒ̰, ʒ̱, ʒ̲, ʒ̳, ʒ̴, ʒ̵, ʒ̶, ʒ̷, ʒ̸, ʒ̹, ʒ̺, ʒ̻, ʒ̼, ʒ̽, ʒ̾, ʒ̿, ʒ̻̥, ʒ̼̥, ʒ̥̽, ʒ̥̾, ʒ̥̿] [ŋ, ŋ<sup>o</sup>, ŋg, ŋg<sup>o</sup>].

Os fonemas vocálicos orais são: / i ĩ u e ě o ε ε̃ o a/ e os nasais são: / ỹ ĩ̃ ũ ž ž̃ ǒ ā/.

Há a ocorrência de /h/ em canções e em hesitações de fala; de /s/ na fala infantil e em empréstimos, de /f/ na mesma situação anterior e de /t/ na fala dos homens.

Qualquer vogal pode ser longa ocorrendo em enunciados em que a consoante inicial da palavra seguinte tem o mesmo ponto de articulação da consoante final da forma isolada da palavra ou, ainda, quando a forma isolada da palavra termina em (k) e a consoante inicial da palavra seguinte é uma nasal ou uma oclusiva em qualquer ponto de articulação. Morfofonemicamente é um fenômeno predizível, mas contrasta com as não-longas em ambientes idênticos, sendo, portanto, fonêmico (cf. Ham, 1961: 3).

Alguns exemplos: a'tš<sup>o</sup>waA "teu dente"  
 'ne "mãe" aya'k<sup>o</sup>vaA "tua boca" 't<sup>o</sup>wəm "gordo"

Santos (1990) analisa o Tapayuna como segue:

Fonemas vocálicos orais: /i i̇ u e o ɛ ʌ ɔ a/  
e nasais: /ĩ ũ ẽ ẽ̃ õ õ̃ ã/.

Quanto às consoantes se tem: /p t t̃ č k d j  
g m n ñ ŋ x ř w y/.

Alofones: č e j têm como variantes [tš] ~ [tʲ] e [dž] ~ [dʲ], respectivamente. /ŋ/ tem variantes pré-nasalizadas [ŋk] ~ [ŋg] e /k/ apresenta uma variante [k<sup>h</sup>]. A vibrante alveolar /ř/ tem uma variante uvular [r].

Alguns exemplos: 'ti "osso" ku'ti "fogo"  
tã'k<sup>h</sup>ra "mão" kũ'ta "morder" xwi'tu "fruta"  
'no "olho" tu'te "arco" kay'kwa "céu"

A intensidade é fonêmica na língua.

Por exemplo: /ka.'tu.a/ "pilão" e /ka.tu.'a/  
"sal"

Dourado (1990) apresenta a seguinte análise para o Panará:

Fonemas consonantais: / p t k ? s h m n w r  
y/.

Os fonemas vocálicos orais são: /i i̇ u e ɛ o  
ɛ a ɔ/ e os nasais são: /ĩ ẽ ũ ẽ̃ ã õ/.

Os alofones são: /p/ [b̥ mp p]; /t/ [d̥ nt  
t]; /ʔ/ [ʔ]; /k/ [k̥ k<sup>h</sup> ŋk k ŋ]; /m/ [m]; /n/ [ñ ñ̃ n];

/s/ [s̥ t̥ ts̥ ns̥ s̥]; /h/ [h]; /w/ [w̥ ũ̥]; /r/ [r]; /y/ [ñ̥ ḁ̃ ḁ̃].

Todos os sons não-consonantais orais são suscetíveis de enurdecimento, desde que ocorram em margem final de sílaba.

O enurdecimento de sons consonantais restringe-se a [b̥] e [d̥], que podem ocorrer em posição intervocálica, em sílaba não acentuada.

As vogais, em posição final de sílaba independentemente do acento de intensidade, podem ocorrer alongadas: [s̥í:] "intestino"; [ĩ: 't̥] "perna"

Dourado registrou, também, a duração com o valor de intensificador em determinadas palavras: [p̥u̥õ' h̥] "longe"/ [p̥u:õ' h̥] "muito longe"

Foneticamente, há 14 padrões silábicos e seis grupos consonantais tautossilábicos: [pr], [py], [kr], [ky], [kw] e [sw]. Por exemplo: [p̥.r̥] "que?" [p̥i̥i̥] "caminho" [kuk' r̥] "casa" [ĩ' k̥i̥] "cabeça" [i' k̥y̥i̥] "pêlo" ['s̥y̥er̥i̥] "banho"

Jack & Jo Popjes (1971) analisam o Canela - Krahô como segue:

Contóides: [k<sup>h</sup>], [ʔ], [ts], [p p<sup>o</sup> b], [t t<sup>o</sup> d], [m m<sup>o</sup> bm], [n n<sup>o</sup> dn], [ŋg g], [w v w<sup>o</sup>], [l ʎ ʎ<sup>o</sup>], [z ʒ y ỹ y<sup>o</sup> ỹ<sup>o</sup>], [k k<sup>o</sup> g], onde [k<sup>h</sup> ~ k<sup>></sup>] [h x ? ].

Como encontro consonantais existem na língua: pl, kl, k<sup>h</sup>l, cv.

Os vocóides são: [ɿ v ] não silábicos e os silábicos são: [i ĩ], [i ĩ̃], [u ũ], [e], [é], [o], [ɛ ě], [ɛ ě̃], [ɔ ɔ̃], [a ā].

Como fonemas consonantais se tem: / p t k ɸ k<sup>h</sup> m n ŋ v l y h / e como fonemas vocálicos orais: / i ĩ u e é o ɛ ě o a / e nasais / ĩ ĩ̃ ũ ẽ ẽ̃ õ ã /.

Na transcrição dos fonemas os autores utilizam ç que equivale a ts, k̲ que equivale a k<sup>h</sup>, ë que equivale a ɛ, ẽ que equivale a e.

O acento ocorre na sílaba final de palavra e a língua apresenta consoantes longas, que ocorrem somente seguindo vogais breves.

As vogais longas ocorrem como supra-segmento.

Alguns exemplos: a. 'pa "teu braço" k<sup>h</sup>la  
 "paca" ko "água" ku. 'hĩ "fogo" ka "você" a. k<sup>h</sup>la  
 "tua criança" ho "folha" a. 'pze "teu marido" a. 'twëbm  
 "você é gordo" tɛp "peixe" tɛpti "peixe grande"  
 tɛb. 'lɛ "peixe pequeno" lɛ "pequeno" tɛ "passado" ɣop  
 ~ ɣop<sup>o</sup> "cachorro" mĩ "jacaré" a. 'pai ~ a. 'pai<sup>i</sup> "teu pé"  
 a. 'pam ~ a. 'pam<sup>i</sup> "teu pai"

Para o Txukahameí (Kayapó), Stout & Thomson (1974) apresentam a seguinte análise:

Fonemas consonantais: / p t č k ʔ b d ʝ g m n  
 ñ ŋ w ʃ y /.

Os fonemas vocálicos orais são: / i ī u e é o  
 e a ä o/ e os nasais: / ī ī̃ ū ū̃ ē ē̃ ā ā̃ ō ō̃ /

As flutuações existentes são: /č ʝ / [tš,  
 dž, tʲ, dʲ] /p t č k / [ᵐp, ᵐb, ᵐt, ᵐd, ᵐts, ᵐdž, ᵐk, ᵐg]  
 que ocorrem depois de vogais nasalizadas, / m n ñ / [ᵐm,  
 ᵐn, ᵐn] que ocorrem depois de vogais orais, /ʃ/ [ñ] que  
 ocorre depois de uma vogal nasalizada,

"Os fonemas /d/, /b/ e /g/ são muito raros  
 ocorrendo o primeiro em palavras exclamatórias e em  
 /a'dun/ "curto", os outros dois aparecem em pronomes  
 comuns como /ba/ "eu" e /ga/ "você" (p. 156)".

Além das ocorrências acima, as autoras  
 oferecem os seguintes exemplos: [botš] "chegar", [bři]  
 "sapo", [bay'batī] "nojo", [a'bey<sup>ε</sup>] "procurar".

A intensidade não é predizível em termos  
 fonológicos. Gramaticalmente, ocorre normalmente na  
 última sílaba do tema da palavra.

Há oito tipos de sílabas: V, VC, CV, CCV,  
 CCVC, CVC, CCCV, CCCVC.

Alguns exemplos: a "você" o "com" ák  
 "pássaro" am "ficar em pé" na "chuva" pa "braço" ká  
 "pele" i'mut "meu pescoço" wa "dente" a'no "teu  
 olho" ᵐba ~ ba "eu" ga ~ ᵐga "você" ʔi "osso"  
 ʔo "folha" ʔi "semente" řač "grande"

O quadro fonológico de Jefferson (1980)

difere daquele proposto por Stout & Tomson (1974), para o Txukahamãe, nos seguintes aspectos:

Jefferson transcreve com  $\underset{\cdot}{y}$  o que Stout & Tomson transcrevem com  $\underset{\cdot}{i}$  e que equivalem a  $\underset{\cdot}{i}$ :  $mr\underset{\cdot}{y}$  (Jefferson)/  $mr\underset{\cdot}{i}$  (Stout & Tomson) "carne".

Jefferson transcreve com  $\underset{\cdot}{y}$  o que Stout & Tomson transcrevem  $\underset{\cdot}{e}$  e que equivalem a  $\underset{\cdot}{a}$ :  $tw\underset{\cdot}{y}m$  (Jefferson)/  $tw\underset{\cdot}{e}^b m$  (Stout & Tomson) "gordo, gordura".

Jefferson transcreve com  $\underset{\cdot}{a}$  o que Stout & Tomson transcrevem com  $\underset{\cdot}{a}$  e que equivalem a  $\underset{\cdot}{e}$ :  $k\underset{\cdot}{a}$  (Jefferson)/  $k\underset{\cdot}{a}$  (Stout & Tomson) "pele".

Jefferson (1980: 13) mostra o contraste entre  $\underset{\cdot}{a}$  e  $\underset{\cdot}{a}$  nasalizado, dizendo que " Em Kayapó, é muito rara a ocorrência do  $\underset{\cdot}{a}$  nasalizado. Geralmente, os contextos evitam qualquer ambigüidade entre esses sons, embora ambos sejam escritos  $\underset{\cdot}{a}$  ". Por exemplo:  $b\underset{\cdot}{a}$  "floresta",  $pur\text{-}m\underset{\cdot}{a}$  "roça - para",  $it\text{ê}m\text{-}m\underset{\cdot}{a}$  "eu estou indo".

### 2.13. Algumas comparações

QUADRO 3: Equivalências entre os sistemas fonológicos de Steinen e Guedes

## VOGAIS:

	posterior oral/nasal		central oral/nasal		anterior oral/nasal	
	S/G	S/G	S/G	S/G	S/G	S/G
altas	/u	ũ/ũ	u/ĩ	/ĩ	i/i	/ĩ
médias: fecha- das	o/o	/õ	o/ø		e/e	/ẽ
abert- tas	o/o				/e	
baixas			a/a	ã/ã		

## CONSOANTES:

	oclusivas		africadas		fricativas		nasais		líquidas		flap		glide	
	S	G	S	G	S	G	S	G	S	G	S	G	S	G
bila- biais	S	G	p	p	ɸ/		m	m					w	w
alveo- lares	S	G	t/d	t/	s/z	s/	n	n	l				r	p
den- tais	S													
álveo- pala- tal	S	G			ç/j		ñ	ñ						
pala- tal	S													y
velar lar	S	G	k/g	k/		ɣ	ŋ	ŋ						
uvu- lar	S				x									
glo- tal	S				h									

Steinen propõe, também, uma vibrante alveolar

r.

Em Suyá o acento é fonêmico, fato que de certa maneira se aproxima das observações feitas por Steinen.

Comparando-se a transcrição de Steinen e a fonemização feita, aqui, observa-se que Steinen registrou a ocorrência fricativa alveolar sonora, de uma fricativa uvular surda e de uma fricativa glotal surda que não foram registradas por mim. Em meus dados foi registrada uma africada álveo-palatal surda.

De um modo geral, pode-se resumir as análises das demais línguas como segue:

- na fonética: há a constatação de variação tanto de segmentos vocálicos, quanto de segmentos consonantais. Na maioria dos casos estas variações estão condicionadas pelo ambiente de ocorrência, em outros não, como é o caso do Xerente.

- a ocorrência de vogais e consoantes longas e breves, que, às vezes, são manifestações fonéticas e outras vezes não. O que pude notar, em se tratando de vogais longas é que, no Apinayé e no Canela-Krahô, elas são fonêmicas; no Xavante, ela é tratada como duração enfática, no Panará, com valor de intensificador. Possivelmente em ambas as línguas se trate do mesmo fenômeno.

- na fonologia: o acento, na maioria das línguas, é predizível e recai na última sílaba da palavra, mas em Panará ele é considerado fonêmico (Dourado, 1990: 27);

- o número de vogais orais estabelecidas são 9 para o Xavante, Xerente, Tapayuna e Panará e 10 para o Apinayé, Canela-Krahô e Txukahamãe;

- as vogais nasais estabelecidas são 7 para o Apinayé, Txukahamãe, Canela-Krahô e Tapayuna, 6 para o Panará, 5 para o Xerente e 4 para o Xavante;

- os fonemas /b, d, g/ "não são raros" como afirmam Stout e Tomson (1974) para o Txukahamãe. As autoras registram esses fonemas em toda a série pronominal da língua;

- Mattos (1973) analisando a sílaba diz "que [n] ocorre no início de sílabas que começam com vogais nasais" Entretanto, o que pude observar nos dados registrados por Mattos é que [n] ocorre precedendo ou uma vogal nasal ou precedendo imediatamente [m] que, por sua vez, precede uma vogal nasal em uma mesma sílaba: [nõzẽ] "milho" e [nmãzi] "onde" (Mattos op. cit.: 84).

O autor registra que a língua por estar "atualmente numa fase de mudança em que há perda da vogal (cf. Mattos, 1973: 79)", justificaria a ocorrência de [da.nka] "cães", por exemplo. Segundo Mattos "numa seqüência [nVCV], se a vogal perdida é uma nasalizada, o som n permanece, mas agora não faz parte de uma sílaba com vogal nasalizada, mas sim oral, e o padrão resultante é [nCV]".(cf. Mattos op. cit.: 84).

Há que se observar, ainda, com relação à Fonologia que, em Xavante, o acento de intensidade é

previsível e está relacionado a palavras que contenham vogais longas ou breves. Os autores registram, também, a ocorrência de consoantes longas. Em Xerente, o acento não é apresentado, tanto quanto em Apinayé. Nesta língua, é registrada a ocorrência de vogais longas e breves como um fenômeno fonêmico. Em Tapayuna, é registrado o acento de intensidade, como sendo fonêmico, o que não acontece no Panará.

Em Panará, é registrada a duração, como um intensificador, além da ocorrência de vogais e consoantes enurdecidas, que ocorrem em ambientes determinados pelo contexto. Soma-se a isto a ocorrência de vogais alongadas.

Em Canela- Krahô, o acento é considerado previsível, ocorrendo na última sílaba da palavra. É registrada a presença de consoantes longas, que ocorrem seguindo vogais breves e as vogais longas são consideradas como supra-segmentos. Em Kayapó, as autoras registram que a intensidade não é previsível em termos fonológicos, mas sua previsibilidade é gramatical.

**QUADRO 4:** Equivalências dos fonemas consonantais e vocálicos das línguas Xavante (Xa.), Xerente (Xe.), Apinayé (Ap.), Tapayuna (Ta.), Canela - Krahô (Ca.), Panará (Pa.) e Txukahamãe (Tx.) e Suyá (Su):

Para as vogais é registrado /ʌ/ média central semi-aberta: Ta.. Em Tx. (Stout & Tomson: 1974, a): /ä/ e (1974, b): /é/. Jefferson (1980): ÿ. Em Pa. é registrado /ə/, /é/ em Xa., Xe., Ap., Ca., Tx. (Stout & Tomson: 1974, a), /ä/ em Tx. (Stout & Tomson: 1974, b) e por Jefferson (1980): /à/. /ɛ̃/ é registrado para o Xa., Xe., Pa.. /i/ para o Ap., Ca. e Jefferson (1980): /ý/ para o Tx..

Para as consoantes, M<sup>c</sup>Leod (1974) registra /c j/: oclusivas alveo-palatais e não registra nenhuma consoante nasal. Em M<sup>c</sup>Leod e Mitchell (1980) é registrado /ɛ̃ j/: africadas palatais que foneticamente se realizam [ts, dz], respectivamente. Registram, ainda as consoantes nasais /m n ñ/.

Santos (1990) registra, ainda, uma consoante alveolar retroflexa /ɖ/.

Jack e Jo Popjes (1971) registram /k<sup>ʰ</sup>/, uma consoante oclusiva velar aspirada e, além disso, a consoante alveolar africada é foneticamente [ts].

## VOGAIS:

		altas	médias		baixas
			1/2	1/2	
			fechada	aberta	
		O/N	O/N	O/N	O/N
anterior	Xa.	i/ĩ	e/	e/ẽ	
	Xe.	i/ĩ	e/	e/ẽ	
	Ap.	i/ĩ	e/	e/ẽ	
	Ta.	i/ĩ	e/ẽ	e/ẽ	
	Pa.	i/ĩ	e/ẽ	e/	
	Ca.	i/ĩ	e/	e/ẽ	
	Tu.	i/i <sub>ç</sub>	e/	e/ẽ <sub>ç</sub>	
Su.	i/ĩ	e/ẽ	e/		
central	Xa.	ɨ/	ë/		a/ã
	Xe.	ɨ/	ë/		a/ã
	Ap.	ɨ/ĩ	ë/	ẽ/ẽ	a/ã
	Ta.	ɨ/		ɛ/	a/ã
	Pa.	ɨ/ĩ	e/		a/ã
	Ca.	ɨ/ĩ	ë/	ẽ/ẽ	a/ã
	Tu.	ɨ/i <sub>ç</sub>	ë/	ã/ã <sub>ç</sub>	a/ã
Su.	ɨ/ĩ	e/		a/ã	
posterior	Xa.	u/	o/	o/õ	
	Xe.	u/ũ	o/	o/õ	
	Ap.	u/ũ	o/	o/õ	
	Ta.	u/ũ	o/õ	o/õ	
	Pa.	u/ũ	o/õ	o/	
	Ca.	u/ũ	o/	o/õ	
	Tu.	u/u <sub>ç</sub>	o/o <sub>ç</sub>	o/	
Su.	u/ũ	o/õ	o/		

## CONSOANTES:

		oclu- sivas su/so	nasais	frica- tivas su/so	africa- das su/so	late- rais	flap	semi- vogais
bila- biais	Xa.	p/b	m					w
	Xe.	p/b						w
	Ap.	p/	m					
	Ta.	p/	m					w
	Pa.	p/	m					w
	Ca.	p/	m					w
	Tx.	p/b	m					w
lábio- dentais	Su.	p/	m					w
	Xa.							
	Xe.							
	Ap.			v				
	Ta.							
	Pa.							
	Ca.							
den- tais/ alveo- lares	Tx.							
	Su.							
	Xa.	t/d	n					ɹ
	Xe.	t/d		s/z				ɹ
	Ap.	t/	n	/z				ɹ
	Ta.	t/d	n					ɹ
	Pa.	t/	n	s/				ɹ
pala- tal	Ca.	t	n		ʧ	l		
	Tx.	t/d	n					ɹ
	Su.	t/	n	s/				ɹ
	Xa.		ɲ		ʧ/J			
	Xe.							
	Ap.		ɲ		ʧ/			
	Ta.		ɲ		ʧ/J			y
velares	Pa.							y
	Ca.							y
	Tx.		ɲ		ʧ/J			y
	Su.		ɲ		ʧ/J			
	Xa.							
	Xe.	k/						
	Ap.	k/	ŋ					
glotais	Ta.	k/g	ŋ	/x				
	Pa.	k/						
	Ca.	k/	ŋ					
	Tx.	k/g	ŋ					
	Su.	k/	ŋ		ɣ/			
	Xa.			h/				
	Xe.			h/				
glotais	Ap.	ʔ/						
	Ta.							
	Pa.			h/				
	Ca.			h/				
	Tx.	ʔ/						
	Su.							

Os sistemas de fonemas vocálicos do Suyá e do Panará são iguais.

No que diz respeito aos sistemas de fonemas consonantais, as bilabiais: oclusivas, nasais e semi-vogais são iguais para o Suyá, Tapayuna e Panará. As palatais africadas e nasais são iguais para o Xavante e o Suyá. As velares oclusivas e nasais são iguais para o Suyá, o Apinayé, o Panará e o Canela-Krahô. O Suyá apresenta, ainda, uma consoante africada velar surda.

### 3. MORFOLOGIA/ SINTAXE

#### 3.0. Considerações Gerais

O processo de formação de palavras mais produtivo, em Suyá, é o da composição.

As palavras monossilábicas podem ser tanto pronomes, substantivos, adjetivos, verbos e partículas.

Os pronomes pessoais, os substantivos, os adjetivos e os verbos são sempre tônicos, enquanto que as partículas são átonas.

Partículas monossilábicas e átonas, como por exemplo /-me/, quando ocorrem com pronomes monossilábicos, que têm a função de objeto indireto da oração, tornam-se tônicas.

Por exemplo: /-me/ "para, a"

/i-/ "eu, mim"

/a-/ "você"

[i'me] "para mim"

[a'me] "para você"

As palavras podem ser simples ou compostas. A formação de palavras se dá basicamente por dois processos: composição e afixação. A afixação, quando se dá, realiza-se pela prefixação ou pela sufixação e a composição, por sua vez, realiza-se pela união de duas ou mais raízes.

Por exemplo:

tcsí: tɛ "perna" + sɨ "osso" = "canela"

aĵpá: aĵ- "plural" + pá "eu" = "nós"

nasaténí: ná "chuva" + saté "brilhar" + -ní  
"nominalizador" = "relâmpago"

As palavras podem, portanto, constituir-se de um morfema (raiz ou tema), de dois ou mais morfemas (raízes ou temas). A estes se pode acrescentar afixos (prefixos ou sufixos).

Os morfemas, quando raízes ou temas, são formas livres; os morfemas, enquanto afixos, são formas presas ou dependentes (cf. Mattoso Câmara, 1974).

Os processos flexionais (modo pelo qual as palavras se flexionam, a fim de expressarem diferenças gramaticais) tanto quanto os processos derivacionais (os princípios que governam a construção de novas palavras, sem referência ao papel gramatical específico que a palavra deva ter na oração) ocorrem em Suyá.

Por exemplo:

A partícula sufixal -ra é um marcador de caso que ocorre com os sintagmas nominais que ocupam a posição de sujeito ou a posição de objeto da oração:

měkaróra krató "o espírito apareceu"

měkarō "espírito"

-ra "partícula sufixal/ marcador de caso"

krató "aparecer"

-re, por sua vez, é uma partícula sufixal que ocorre com pronomes que ocupam a posição de sujeito em orações, nas quais a partícula sufixal -ra ocorre no objeto direto

írε nóra ikômã "eu tomo água/ vou tomar água"

í- "eu"

-re "partícula sufixal/ marcador de caso"

nó "água"

-ra "partícula sufixal/ marcador de caso"

ikô "beber"

-mã "intenção"

Em Suyá, a estrutura sintática exige a ocorrência de partículas sufixais, que são marcadores de caso, agregados aos sintagmas nominais ( substantivos e pronomes) que ocupam a posição de sujeito ou objeto da oração. Aos substantivos é agregado -ra. Os pronomes se dividem em dois grupos nesta posição: aqueles que recebem -ra e os que recebem -re. Ambos os grupos de pronomes são considerados pronomes pessoais independentes por ocuparem a mesma posição dos substantivos, que exercem a função de sujeito da oração.

O Suyá se caracteriza basicamente por ser uma língua aglutinante, sendo que os morfemas que compõem a

estrutura interna das palavras apresentam formas variantes.

### 3.1. SUBSTANTIVOS

Os substantivos são uma classe gramatical, que exercem a função de argumento(s) ou valência, em uma oração. Eles podem ser sujeito, objeto direto ou indireto, sendo especificados ora morfologicamente, ora sintaticamente.

A composição pode se dar com os seguintes tipos de raízes:

#### a) temas simples:

sí "osso"

pé "capim"

mě "gente"

ɣwá "pé"

mí "macho"

kupě "não-índio". Existe, ainda, a palavra karai (de origem Tupi, que é empregada pelos Suyá, significando "não índio")

ní "fêmea"

ɲó "pele, roupa"

## b) duas ou mais raízes substantivas:

káarakarakó - ní "(galo - fêmea) galinha"  
 nētú - kə - rāṅó "(pulso- com - colar) pulseira"  
 karai - ḡwá - ṅó "(branco - pé - roupa) chinelo"  
 ḡwĩ - ṅó "(árvore - casca) canoa"  
 kupě - ḡwĩ - ṅó "(branco - árvore - casca) avião"  
 pə - sí "(capim - semente) arroz"  
 no - sí "(olho - osso) testa"  
 kwísí - ṅāyó "(fogo - baba) brasa"  
 mēni - ṅāyó "(abelha - baba) mel"

## c) uma raiz substantiva e uma raiz verbal:

ḡwĩ - ṅró "(árvore - queimar) lenha"  
 ḡuká - kré "(terra - cavar) buraco"  
 mē - tũm- Jarē "(gente - velha - contar) história"  
 mē - kapēr "(gente - falar) língua, idioma"

## d) uma raiz substantiva e um sufixo:

katót - ni "algodão"  
 karé - ni "cigarro"  
 tuké - ni "dorso"  
 tō - čí ~ tó - ni "tatu"  
 ḡwitā - čí ~ ḡwí - ni "pequi"

kwō - čí ~ kayā - čí "tartaruga"  
 ney - čí ~ ne - čí "ariranha, lontra"  
 mē - mí - Je "(gente - macho - suf.) homem"  
 mē - ní - Je "(gente - fêmea - suf.) mulher"  
 káarakarakó - Je "(galo - suf.) galo"  
 ké - Je "(família - suf.) família"

Os Suyá delimitam campos semânticos através dos sufixos -čí (tônico), -ni (átono), e -Je (átono), que ocorrem da seguinte maneira:

- os dois primeiros se referem a elementos e seres da natureza, cujo traço principal é [-humano];

- o segundo ocorre com [+ humano].

A hipótese levantada não é conclusiva; entretanto se observa nos dados levantados que -čí e -ni ocorrem com todos os itens lexicais que se referem a aves e peixes, por exemplo. -Je, por sua vez ocorre como nos exemplos acima. A única exceção é a palavra káarakarakóJe.

e) duas raízes substantivas, uma raiz adjetiva e uma partícula sufixal:

Ocorre com partes do corpo, por exemplo, a partícula sufixal -ra, na mesma posição em que ocorrem -čí, -ni e -Je.

nikrá - sí - čí      -ra "dedão"  
 mão - osso - aum. - part. suf.

nikrá - sí - síre - ra

mão - osso - dim. part. suf.

"dedinho"

f) uma raiz substantiva, um verbo e um sufixo nominalizador

mě - kín - ni

gente - gostar/amar - nom.

"festa"

na - saté - ni

chuva - brilhar - nom.

"relâmpago"

g) uma raiz substantiva e uma raiz adjetiva:

róp - kasóyre "cachorro"

onça - ruim

no - čí "rio"

água - grande/ aumentativo

rop - čí "cavalo"

onça - grande/ aumentativo

krã - síre "cabecinha"

cabeça - pequena/ diminutivo

no - síre "olhinho"

olho - pequeno/ diminutivo

h) uma raiz verbal e uma raiz adjetiva:

saté - ěí "brilhante"

brilhar - aum.

i) uma raiz substantiva e uma raiz adverbial:

soá - kér "desdentado"

dente - neg.

kĩ - kér "careca"

cabelo - neg.

Jén - kér "solteira, viúva"

marido - neg.

Anĩ marca posse reflexiva. Ocorre como forma livre (cf. Mattoso Câmara, 1974: 88) e precede imediatamente um adjetivo ou um verbo, como nos exemplos abaixo:

I) pronome reflexivo + adjetivo:

anĩ - kayĩ "(pos. - triste) a própria tristeza"

II) pronome reflexivo + verbo:

anĩ - nó "(pos. - pintar-se) a própria pintura"

### 3.2. ADJETIVOS

Os adjetivos são uma classe de palavras que denotam uma qualidade, modificando um substantivo.

Os adjetivos apresentam as mesmas possibilidades morfológicas dos substantivos em Suyá.

a) tema simples, portanto uma raiz:

čí "grande"

sĩɾɛ "pequeno/a"

rĩč "comprido/a"

mét "bonito/a, bom, boa"

b) uma raiz adjetiva + uma raiz adverbial:

čí - kumení "gordo/a"

grande - muito

c) uma raiz adjetiva + um sufixo nominalizador:

tik - čí "sujo/a"

sujar - nom.

siko - čí "inchado/a"

inchar - nom.

d) gradação dos adjetivos:

kíwə            mēmíjera    kračiro    mēníje    Jakré

aldeia/na - homem -    mais/com - mulher - menos

"na aldeia tem mais homem do que mulher"

Kamaníra siwjá    kapër    má    kwé            trumái

Kamaní - Suyá - língua - saber - tanto quanto - Trumái -

kaper            kukaper

língua -            a/saber

"Kamaní sabe a língua Suyá tão bem quanto Trumái"

Kamaníra karén    ywé    Weták    nurakā

Kamaní - cigarro - fumar - Wetáge - tanto quanto

"Kamaní fuma tanto quanto Wetáge"

no    itára    kračí            kumení

rio - este - mais (grande) - muito

"este rio é o maior"

Kokréra sarí    méč

Kokré - pular - bem

"Kogrere pula melhor"

Jók    mē    Kokréra aJmē            nuírok

Yoko e Kokré - os dois - iguais

"Yoko é do mesmo tamanho que Kokré"

yuká itára mét yúr aní ywétmā  
 terra - este - bom - roça - própria - fazer/intenção  
 "este é o melhor lugar para se fazer roça"

yuká itára kasóyre yúr aní ywétmā  
 terra - este - ruim - roça - própria - fazer/intenção  
 "este é o pior lugar para se fazer a roça"

wanikrára sĩro waywá Jakré  
 nossa/mão - menor/com - nosso/pé - menos  
 "nossa mão é menor que o nosso pé"

Páwlura čĩro Weták Jakré  
 Paulo - mais/com - Wetáge - menos  
 "Paulo é maior que Wetáge"

Os adjetivos ocorrem sempre pospostos aos  
 substantivos:

JaJkwá čí "boca grande"

boca - grande

JaJkwá sĩrø "boca pequena"

boca - pequena

krā ríč "cabeça grande"

cabeça - comprida

krā kaJkéw "cabeça redonda"

cabeça - redonda

kĩ tikrê "cabelo preto"

cabelo - preto

no sírs "olho pequeno"

olho - pequeno

no ěí "olho grande"

olho - grande

O intuito, aqui, foi mostrar algumas das possibilidades de formação de palavras: substantivos e adjetivos no Suyá. A análise não é exaustiva e nem está definitivamente concluída.

### 3.3. PRONOMES

#### 3.3.0. Considerações Gerais

Aqui serão abordados aspectos do sistema pronominal da língua Suyá.

Os pronomes, palavras gramaticais que indicam as pessoas envolvidas no discurso, a serem considerados aqui são: os marcadores de posse nominal, os pronomes independentes, os marcadores de formas reflexivas e recíprocas e os marcadores de pessoa nos verbos.

#### 3.3.1. Pronomes Independentes

Pronomes independentes ou pronomes pessoais são uma categoria gramatical que faz referência aos participantes do enunciado, mais especificamente àqueles que têm a função de sujeito da oração.

O quadro dos pronomes independentes pode ser esquematizado como segue:

1<sup>a</sup> p.s. pá [+ locutor] "eu".

2<sup>a</sup> p.s. ká [+ ouvinte] "você".

3<sup>a</sup> p.s.  $\emptyset$  ~ tá [- locutor/- ouvinte] "ele".

1<sup>a</sup> p.p. a]~ + pá [+ locutor/- ouvinte/+ outros] "nós  
(exclusivo)".

1<sup>a</sup> p.p. wa + ywíkire [+ locutor/+ouvinte/+ outros] "nós  
(inclusivo)".

1<sup>a</sup> p.p. ku + pá [+ locutor/+ ouvinte/- outros] "nós  
(dual)".

Este pronome, quando acompanhado do sufixo  
-ko se torna sinônimo de wa + ywíkire.

2<sup>a</sup> p.p. aJ- + ká [- locutor/+ ouvinte/+ outros] "vocês".

3<sup>a</sup> p.p. aJ- + tá ~ níra [- locutor/- ouvinte/+ outros]  
"eles".

O prefixo aJ- é indicador de "plural" para as  
formas pronominais independentes, possuindo uma forma  
variante aJa.

Os pronomes independentes se realizam como  
segue:

1<sup>a</sup> p.s.:

pánowa róp pĩ "eu matei uma onça"

eu - onça - matar

róp noá kupĩ "eu matei uma onça"

onça - eu - ela/matar

pánowa tém "eu caio"

eu - cair

pánowa péje "eu chego/cheguei"

eu - chegar

tootō tẽ noá kumá "escuto passos de bicho"

bicho - vír - eu - ele/escutar

noá tẽ "ando/andei"

eu - ir

tép oá kukú "comi peixe"

peixe - eu - ele/comer

pá mẽ níra nõ roikõ "eu e eles estamos bebendo água"

eu - e - eles - água - ger./beber

2<sup>a</sup> p.s.:

kára má ywá "você sabe tudo"

você - saber - tudo

kára imũ "você me vê"

você - me/ver

káre itá nõ kér "você não dorme aqui"

você - aqui - dormir - não

ká mẽ níra nõ roikõ "você e eles estão bebendo água"

você - e - eles - água - ger./beber

3<sup>a</sup> p.s.:

Ø ner roní "ele está cantando"

(O ele/a) - cantar - sentado

Ø yirõ tẽ "ele vai pelo caminho"

(O ele/a) - caminho/pelo - ir

tā kwisímē sayók "ela sopra o fogo"

ele/a - fogo/para - soprar

1<sup>a</sup> p.p.:

aĵpánowa tém "nós caímos"

pl./eu - cair

waywíkire kwér kú "nós comemos mandioca"

nós/pl. - mandioca - comer

kupā wamér "nós choramos"

nós - nós/chorar

kupāko ayōkə nrín "brigamos com sua mulher"

nós/pl. - sua/mulher/com - brigar

2<sup>a</sup> p.p.:

aĵkára ikē "vocês riem"

pl./você - rir

aĵkára tém "vocês caem"

pl./você - cair

aĵkára kumá "vocês sabem"

pl./você - (isso/o/aquilo)/saber

3<sup>a</sup> p.p.:

ajtára ikē "eles/as riem"

pl./ele (a) - rir

níra wačičik "eles estão batendo em nós"

eles -nós/bater

ɣwíkire ocorre com o pronome átono wa-, como forma dependente e como forma livre é (cf. Mattoso Câmara, 1974: 88) utilizada para se fazer a pluralização dos substantivos.

Por exemplo:

mēníje ɣwíkire ɣúrka aywé

mulher - pluralizador - roça/na - você/trabalhar

"todas as mulheres trabalham na roça"

mēra ɣwíkire kī tikrǎ

gente/suf. marc. de caso - pluralizador - cabelo - preto

mē "homem" -ra "suf. marc. de caso" ɣwíkire "pl."

kī "cabelo" tikrǎ "preto"

"os homens têm cabelos pretos"

Quando ocorre a palavra ɣwíkire com os substantivos a ordem de ocorrência é a seguinte:

[ [ substantivo + (suf. marc. de caso) + pluralizador].

Por exemplo:

waywíkire kwér kú "nós comemos mandioca"

nós/pluralizador - mandioca - comer

### 3.3.2. Marcadores de Pessoa no Verbo

Em Suyá, ocorrem pronomes átonos agregados aos verbos, cuja função é ser o sujeito da oração.

Por exemplo:

i rér má "eu sei nadar"

eu - nadar - saber

i tẽ mã "eu vou embora"

eu - ir - intenção

i rít mǎǎ "eu enxergo bem"

eu - enxergar - bem

i kót nó "eu descanso"

eu - descansar - deitado/a

a rér má "você sabe nadar"

você - nadar - saber

a rít mǎǎ "você enxerga bem"

você - enxergar - bem

a kót nó "você descansa"

você - descansar - deitado

a tễ mã "você vai embora"

você - ir - intenção

Ø rér má "ele/a sabe nadar"

O (ele/a) - nadar - saber

sõ má mếc "ele/a pensa bem"

ele/a - pensar - bem

Ø kót nó "ele/a descansa"

O (ele/a) - descansar

Ø tễ mã "ele/a vai embora"

O (e/a) - ir - intenção

wa kót nó "nós descansamos"

nós - descansar - deitados/as

wa kató "nós saímos"

nós - sair

wa rér má "nós sabemos nadar"

nós - saber - nadar

wa tễ mã "nós vamos embora"

nós - ir - intenção

aja tồ "vocês voam"

pl./você - voar

aja kató "vocês saíam/sairam"

pl./você - sair

aja kót nó "vocês descansam"

pl./você - descansar - deitados/as

aJa ~ aJ tẽ mã "vocês vão embora"

pl./você ~ pl. - ir - intenção

aJsa yók "eles/as estão furando"

pl./ele(a) - furar

aJsa né "eles/as estão apertando"

pl./ele(a) - apertar

Estes prefixos são formas presas (cf. Mattoso Câmara, 1974: 94 - 97) e átonas. Porém o pronome aJsa tem uma variante nira, tônico e acentuado.

Por exemplo:

nira itá "eles/as estão aqui"

ele(as) - aqui

nira tẽ mã "eles/as vão embora"

ele(as) - ir - intenção

### 3.3.3.2.1. Alternância entre a presença e a ausência dos marcadores prefixais e dos pronomes independentes:

panowa imét ~ i mét "sou bom/boa, bonito/bonita"

kara amét ~ a mét "você é bom/boa, bonito/a"

kana akót nó ~ a kót nó "você descansa"

waywikire wamét ~ wa mét "nós somos bons/boas,  
bonitos/as"

O uso dos pronomes independentes e dos marcadores de pessoa no verbo não é opcional. Segundo Chafe (1979) toda oração é construída em torno de um elemento predicativo (verbo) acompanhado de um ou mais elementos nominais (nomes ou argumentos).

Sendo o verbo presente semanticamente em todos os enunciados, é a natureza dele que vai determinar como deverá ser o restante da oração e principalmente que nomes o acompanharão; isto é, que relação será estabelecida entre os nomes (ou sintagmas nominais) e o verbo. Determina-se, então, para cada verbo, em primeiro lugar, suas relações sintático-semânticas básicas e mostra-se o arranjo estrutural em termos de categorias mórficas ou em termos de categorias funcionais.

### 3.3.3. Outras Formas Pronominais

Há, também, a forma pronominal máko significando "a gente, coletivo":

máko Brasíliame tẽ "vamos para Brasília".

nós - Brasília/para - ir

máko wanõ anĩ ywét

nós - nossa/comida - própria - fazer

"vamos fazer a nossa própria comida".

Existe, ainda, as formas pronominais hã e mã que são utilizadas em contextos do tipo:

" O que fulano está fazendo?

hã    ηōr "ele dorme".

ele - dormir

" Se alguém pergunta: Onde está fulano? Aí a resposta é:

mã    ηōr    mẽ    nó "ele está dormindo".

ele - dormir - e    deitado

### 3.3.5. Marcadores de posse

As línguas indígenas, de um modo geral, distinguem dois tipos de substantivos: os alienáveis e os inalienáveis.

No Suyá, os marcadores de posse dos substantivos alienáveis e inalienáveis são pronomes átonos, que ocorrem como segue:

#### QUADRO 5. PRONOMES MARCADORES de POSSE:

	INALIENÁVEIS	ALIENÁVEIS
1a.p.s.	i	iñ ~ iñō
2a.p.s.	a	η ~ ηō
3a.p.s.	∅	s ~ sō
1a.p.p.	wa	wañō
2a.p.p.	aJa ~ aJ-	aJηō
3a.p.p.	níra	aJs ~ aJsa ~ aJsō

O que se pode observar é que na 2<sup>a</sup> pessoa do singular e na 3<sup>a</sup> pessoa do plural os marcadores de posse alienáveis se encontram em variação com os marcadores inalienáveis, como nos seguintes exemplos:

a ~ no ywĩńó "tua canoa"  
aj- + sõ ~ nıra ywĩńó "a canoa deles/as"  
aj- + sõ ~ nıra rukwā "a casa deles/as"

Os dados acima foram fornecidos por informantes diferentes e, por isso se constatou a variação registrada.

Os exemplos abaixo mostram a ocorrência dos pronomes marcadores de posse em Suyá:

1<sup>a</sup> pessoa do singular

i Jajkwá "minha boca"  
i kasesére "minha pinta"  
i nā "minha mãe"  
i ywĩńó "minha canoa"  
i ñõ "minha comida"  
iñõ rukwā "minha casa"  
iñõ krét "minha voz"

2<sup>a</sup>. pessoa do singular:

ŋ    JaJkwá "tua boca"  
a    kasesére "tua pinta"  
a    nã "tua mãe"  
a ~ ŋo    ywĩŋó "tua canoa"  
a    ñõ "tua comida"  
ŋõ    rukwā "tua casa"  
ŋõ    krét "tua voz"

3<sup>a</sup>. pessoa do singular:

s    JaJkwá "boca dele/a"  
 $\emptyset$     kasesére "a pinta dele"  
 $\emptyset$     nã "mãe dele/a"  
sõ    ywĩŋó "canoa dele/a"  
s    õ "comida dele/a"  
sõ    rukwā "casa dele/a"  
 $\emptyset$     krét "voz dele/a"

1<sup>a</sup>. pessoa do plural:

wa + i    JaJkwá "nossa boca"  
wa    kasesére "nossa pinta"  
wa    nã "nossa mãe"  
wa    ywĩŋó "nossa canoa"  
wa + i    ñõ "nossa comida"

wa + ñõ rukwā "nossa casa"

wa + ñõ krét "nossa voz"

2<sup>a</sup>. pessoa do plural:

aJ- + ŋ JaJkwá "a boca de vocês"

aJ- + a kasesére "a pinta de vocês"

aJ- + a nã "a mãe de vocês"

aJ- + ŋõ ywĩŋó "a canoa de vocês"

aJ- ñõ "a comida de vocês"

aJ- + ŋõ rukwā "a casa de vocês"

aJ- + ŋõ krét "a voz de vocês"

3<sup>a</sup>. pessoa do plural:

aJ- + s JaJkwá "a boca deles/as"

nira kasesére "a pinta deles/as"

aJ- + sa nã "a mãe deles/as"

aJ- + sõ ~ nira ywĩŋó "a canoa deles/as"

aJ- + sõ ~ nira rukwā "a casa deles/as"

aJ- + sõ + krét "a voz deles/as"

Os marcadores de posse aparecem com todos os substantivos, e se observa que há uma alternância nas 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas do singular entre os alomorfes ŋõ ~ ŋ e sõ ~ s, onde ŋ e s ocorrem precedendo temas começados por vogal.

Fato análogo ocorre com as 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas do

plural: aJ- + ŋõ ~ aJ- + ŋ e aJ- + sõ ~ aJ- + s.

Além disso, o prefixo aJ- que ocorre precedendo os marcadores ŋõ, ŋ, sõ, s é indicador de plural e se encontra em alternância com aJa. Soma-se, a isso, o fato de que a nasalidade da vogal desses marcadores de posse decorre da nasalidade da vogal da palavra que se pospõe a eles.

Na 3<sup>a</sup> p.s. sõ ~ s está em alternância com õ, na 3<sup>a</sup> p.p. aJ<sub>s</sub>õ ~ aJ<sub>s</sub>a ~ aJ<sub>s</sub>, que são alomorfes entre si, também, estão em alternância com n<sub>i</sub>ra.

### 3.3.5. Pronomes marcadores de Objeto

Os pronomes átonos que ocorrem com os verbos e têm a função de objeto da oração são:

#### QUADRO 6. PRONOMES MARCADORES de OBJETO:

1a.p.s. i

2a.p.s. a ~ ka

3a.p.s. ku ~ sõ ~ sa

1a.p.p. wa

2a.p.p. aJ

3a.p.p. aJ<sub>s</sub>a ~ aJ<sub>s</sub>õ ~ aJ<sub>s</sub>ku

Os exemplos abaixo mostram a ocorrência dos pronomes marcadores de objeto:

ropkasóyrera itā "o cachorro me morde/mordeu"

me/ a mim

Jókra imŭ "Yoko me vê/viu"

me/ a mim

Jókra iwiñŭ "Yoko me esperou"

me

ropkasóyrera atā "o cachorro morde/mordeu você"

você

Jókra amŭ "Yoko vê/viu você"

você

pánowa kawíñŭ "eu espero/ei você"

você

ropkasóyrera kutā "o cachorro o/a morde/mordeu"

o/a

Jókra sōmŭ "Yoko o/a vê/viu"

o/a

kára sawíñŭ "você o/a espera/ou"

o/a

ropkasóyrera watā "o cachorro nos morde/mordeu"

nos/ a nós

Jókra wamŭ "Yoko nos vê/viu"

nos/ a nós

ropkasóyrera ajtā "o cachorro morde/mordeu vocês"  
 vocês

Jókra ajmũ "Yoko vê/viu vocês"  
 vocês

ropkasóyrera ajkutā "o cachorro os/as morde/mordeu"  
 pl. + o/a

Jókra ajsōmũ "Yoko os/as vê/viu"  
 pl. + o/a

Jókra ajsawiñũ "Yoko os/as espera/esperou"  
 pl. + o/a

### 3.3.6. A forma pronominal recíproca

A reciprocidade se faz como segue:

ajkára ajamě čičík "vocês se bateram"  
se (um no outro/concomitantemente)

ajtára ajsōmě čičík "eles se bateram"  
se (uns nos outros/concomitantemente)

### 3.3.7. Pronome Reflexivo

A palavra anĩ é a forma do reflexivo, que ocorre em todas as pessoas. Assim:

pánowa anĩ jasé "eu me assustei"

eu - me/ a mim mesmo/a - assustar

ĵilétero oá anĩ nú "eu me cortei com a gilete"

gilete/com - eu - me/ a mim mesmo/a - cortar

kára anĩ mitó "você se defende"

você - a você mesmo/a - defender

kára anĩ nú "você se cortou"

você - a você mesmo/a - cortar

katoročíra anĩ tá "a corda forte se partiu"

corda/grande - se - partir

ĵwĩró anĩ ĵwétmā "ele/a se pintou com urucum"

pau/com - se - pintar

krítýoro anĩ nú "ele/a se cortou com o facão"

facão/com - se - cortar

ajpánowa anĩ ywétmã "nós nos pintamos"

pl./eu - nos - pintar

ajpánowa anĩ nú "nós nos cortamos"

pl./eu - nos - cortar

ajkára anĩ ywétmã "vocês se pintam"

pl./você - se - pintar

mēmíje mē mēníjera anĩ ywétmã

homem - e - mulher - se - enfeitar

"os homens e as mulheres se enfeitam"

### 3.4. VERBOS

Trata-se, aqui, de fazer uma descrição dos aspectos estruturais da morfologia verbal depreendidas até o presente momento.

#### 3.4.1. Formas verbais longas e formas verbais curtas ou reduzidas

Os verbos apresentam uma forma curta ou reduzida e uma longa, como foi dito na fonologia.

As formas reduzidas são sempre formas verbais transitivas. Nestas o objeto ocorre redundantemente, sendo anteposto imediatamente ao verbo o pronome objeto ku-.

Por exemplo:

ɣwĩsí oá kukú "eu como fruta"

fruta - eu - obj.(a)/ comer

iño Jakré noá kukrě "comi apenas alguma comida"

minha/comida - menos - eu - obj.(a)/ comer

rópra kãṅá pĩ "a onça matou a cobra"

onça - cobra - matar

aJpánowa rãṅó mēníJemə kuṅō

nós - colar - mulher/para - obj.(o)/ dar

"nós demos um colar para a mulher"

As formas longas, por sua vez, é que podem ocorrer como verbos transitivos ou não. Serão transitivos se o objeto preceder imediatamente o verbo e intransitivos se o sujeito anteceder imediatamente o verbo.

Além disso, as formas longas não ocorrem necessariamente como o último elemento de uma oração.

Por exemplo:

pānowa ñõ kĕr wa "eu comi tudo"

eu - comida - comer - tudo

írə ywĩsí kúr kér "eu não como fruta"

eu - fruta - comer - não

Jókra mičí pír mā "Yoko vai matar o jacaré"

yóko - jacaré - matar - intenção

kárs imé rāńó ńōr "você me dá um colar"

você - mim/para - colar - dar

tā ńōr "ele/a dorme/dormiu"

ele/a - dormir

inōr mā "eu durmo/dormi"

eu- dormir - aspecto contínuo

mĕra ywíkire kwetéke ńōr "todo mundo dorme em redes"

gente - pluralizador - rede/na - dormir

akót nó "você descansa"

você - descansar - deitado

níra oá katór "eu saio dali"

dali - eu - sair

kikráke ikatór mā "eu saio da casa"

casa/da - eu - sair - aspecto contínuo

imé rāńó kīń "quero o colar"

eu/para - colar - querer

kára ayōme rāńó ŋōr

você - sua/mulher/para - colar - dar

"você deu um colar para sua mulher"

pānowa ŋō kēr wa "eu comi toda a comida"

eu - comida - comer - tudo

kamaní sōra kēr wa "Kamaní comeu tudo"

kamaní - dele/comida - comer - tudo

γwísí oá kukrē ~ γwísí oá kukú

fruta - eu - a - comer

"eu como/i a fruta"

rópra kamaní kupĩ "Kamaní matou a onça"

onça - Kamaní - a - matar

ká ŋóra aĵkō mā "você quer beber água"

você - água - você - beber - intenção

### 3.4.2. As formas imperativas: afirmativa e negativa

Em sendo uma ordem o imperativo implica um falante e um ouvinte.

Em Suyá, são prefixos que ocorrem como marcadores das formas imperativas afirmativas.

### 3.4.3. O Imperativo Afirmativo

O imperativo afirmativo se faz da seguinte maneira:

riči

Ocorre em posição inicial de oração e é uma forma livre.

Por exemplo:

riči "vá!"

poder - (ir)

riči ŋũ "sente!"

poder - sentar

riči ŋõr "durma!"

poder - dormir

riči páwko tẽ "vá caçar!"

poder - caçar - ir

riči akapẽr "pode falar!"

poder - você/falar

riči atór "pode entrar!"

poder-você/entrar

riči akató "pode sair!"

poder - você/sair

A forma livre ričǐ "exortativo" pode preceder a forma imperativa a- "2<sup>a</sup> p. s.", que é forma presa que tem como variante (∅). Estas são as possibilidades de se fazer o imperativo afirmativo em Suyá.

Por exemplo:

ričǐ tẽ ~ ričǐ "vá!"

poder - ir

ričǐ a kapě̃r ~ a kapě̃r "fale!"

poder - você - falar

ričǐ páwko tẽ ~ ∅ páwko tẽ "cace!"

poder - caçar - ir

a γômō "corra!"

você - correr/em movimento

∅ tẽtẽ "venha!"

∅ - ir

∅ kupú "pegue!, tome!"

∅ - o,a/pegar, tomar

a tomrá "grite!"

você - gritar

#### 3.4.4. O Imperativo Negativo

O imperativo negativo é feito pospondo-se a palavra wičǐ "negativo proibitivo" à forma afirmativa. Além disso, ričǐ não ocorre em orações imperativas negativas.

Por exemplo:

akapēr wičí "não fale!, não pode falar!"

você/falar - não

atomrá wičí "não grite!, não pode gritar!"

você/gritar - não

aréré wičí "não nade!, não pode nadar!"

ayōmō wičí "não corra!, não pode correr!"

você/correr - não

wičí ocorre somente com o imperativo negativo, enquanto que kér é a partícula de negação que ocorre com as demais orações não-afirmativas.

### 3.5. PARTÍCULAS

Partículas são entendidas aqui, como elementos gramaticais, que têm de uma a três sílabas. Esses elementos (cf. Mattoso Câmara, 1974) podem ser formas livres, formas dependentes e formas presas.

Em Suyá, ocorrem como partículas tanto palavras, quanto morfemas. Estas formas mínimas podem ser afixos (sufixos ou prefixos), conjunções, preposições, advérbios, numerais etc.

#### 3.5.1. Partículas Sufixais - Marcadores de Caso

Existe, na língua, uma série de sufixos que ocorrem com os sintagmas nominais, partículas interrogativas, adverbiais, demonstrativas e com os pronomes. Uma outra série que ocorre somente com os pronomes. Estes sufixos foram interpretados, aqui, como marcadores de caso em função do papel que exercem nas orações.

A interpretação dada a estas partículas sufixais não é definitiva. Estudos posteriores que se façam poderão ou não confirmar o tratamento apresentado a elas neste trabalho.

Estes sufixos são em alguns casos formas presas e em outros formas dependentes (cf. Mattoso Câmara: 1974).

Enquanto formas presas eles ocorrem tanto com os pronomes pessoais independentes, quanto com substantivos que têm a função de sujeito ou de objeto da oração.

A forma dependente, por sua vez, é tratada, aqui, como uma raiz/ tema que às vezes se apresenta como forma dependente e às vezes como forma livre (Mattoso Câmara, op. cit.: 88).

**-ta:** ocorre com orações descritivas e intransitivas.

Por exemplo:

wetákta čí kumení "Wetági é muito grande"

Wetáge - grande - muito

i múrta ríč "meu pescoço é comprido"

meu - pescoço - comprido

rópta tí "a onça morreu"

onça - morrer

rópta tē "a onça fugiu"

onça - ir

**-ma:** ocorreu em apenas um dado, numa oração intransitiva.

Exemplo:

wetákma krwíjme kapēr "Wetági fala no rádio"

Wetáge - rádio/em - falar

**-na:** ocorre em orações transitivas e equativas. Nesta última **-na** ~ **-ra**.

Por exemplo:

**rópna** **kānjá** **pĩ** "a onça matou a cobra"

onça - cobra - matar

**rópna** **kamaní** **kupĩ** "foi onça que Kamaní matou"

onça - Kamaní - ela/matar

**sóyna** **turičĩ** **kú** "o passarinho come banana"

pássaro - banana - comer

**ipémna** **kwé** **marawĩ** "meu pai é Marawy"

meu/pai - ser (igual a) - Marawy

**itána** **kén** ~ **itára** **kén** "isto é uma pedra"

isto - pedra

**-na** ~ **-ra:** ocorreu em um único caso, numa oração transitiva.

Exemplo:

**ajkána** ~ **ajkára** **kumá** "vocês sabem isso"

pl./você - isso/saber

**-ra:** ocorre com orações transitivas, intransitivas, equativas e decriptivas. Além disso, **-ra** ocorre tanto com os sintagmas nominais que ocupam a posição de sujeito, quanto de objeto da oração.

Por exemplo:

kamaníra róp pĩ "Kamaní matou uma onça"

Kamaní - onça - matar

mičíra tẽ "o jacaré fugiu"

jacaré - ir

kréra tí "o periquito morreu"

periquito - morrer

weták pémra tí "o pai de Wetági morreu"

Wetáge pai - morrer

itára kén ~ itána kén "isto é uma pedra"

isto - pedra

kuiwsíra nér "Kuyusí é meu tio"

Kuiwsí - tio

ménira kwé nér "Mèni é velha"

Mèni - ser (é igual a) - velha

kātečíra kwé mēnĭje "a estrela virou mulher"

estrela - tornar-se (virar) mulher

mĕkarōra krató "o espírito apareceu"

espírito - aparecer

rānōra Kamaní kuŋō "Kamaní deu o colar"

colar - Kamaní - o/dar

-ra ocorre, também, nos substantivos que ocupam a posição de objeto em orações transitivas. Nestas orações ocorre -re junto aos pronomes que ocupam a posição de sujeito. -re<sup>1</sup>, por sua vez, só ocorre com pronomes.

---

1: Para a 3a. p.s., 2a. 3a. p.p. não foram obtidos dados com a presença do sufixo -re.

Por exemplo:

íre kréwmã "eu vou plantar"

eu - plantar

wáre kréwmã "nós vamos plantar"

nós - plantar

káre itá ñõr kër "você não dorme aqui"

você/marc. de caso - aqui - dormir não

-re ocorre em orações intransitivas, como nos exemplos acima, em orações transitivas em que no objeto ocorre opcionalmente o sufixo, marcador de caso, -ra, como por exemplo:

íre amé rãñõra ñõr "eu dou um colar para você"

eu/marc. de caso - você/para - colar/marc. de caso - dar

íre páwkora itēmã "eu vou caçar"

eu/marc. de caso - caça/marc. de caso - eu/ir

íre ñõra ikõmã "eu tomo água"

eu/marc. de caso - água/marc. de caso - beber

íre sayókmã "eu vou furar"

eu - isto/furar

íre ywĩ súr "eu vou derrubar a árvore"

eu/marc. de caso - árvore - derrubar

káre krútka krákmã "você vai quebrar o gravador"

você/marc. de caso - gravador - quebrar

káre imé rãñõ ñõr "você me dá um colar "

você/marc. de caso - me/para - colar - dar

wáre krútká krákmã "nós vamos quebrar o gravador"

nós/marc. de caso - gravador - quebrar

wáre ywĩ súr "nós vamos derrubar a árvore"

nós/marc. de caso - árvore - derrubar

Esquemáticamente se tem:

- ta: ocorre em orações descritivas e intransitivas;
- na: ocorreu em apenas um dado, numa oração intransitiva;
- na: ocorre em orações transitivas e equativas. Nesta última -na ~ -ra;
- na ~ -ra: ocorreu em um único caso, numa oração transitiva;
- ra: ocorre em orações transitivas, intransitivas, equativas e descritivas. Além disso, -ra ocorre tanto com os sintagmas nominais que ocupam a posição de sujeito, quanto de objeto da oração. Quando -ra ocorre posposto ao sintagma nominal que ocupa a posição de objeto, -re ocorre posposto ao pronome que ocupa a posição de sujeito, como nos exemplos já dados;
- re: ocorre em orações transitivas e intransitivas, pospondo-se somente a pronomes; não se constituindo um sufixo como os demais. A distribuição deste sufixo, bem como de -nówa é restrito na língua;
- nówa ~ nóa ~ oá: só ocorrem com as primeiras pessoas do singular e do plural, sendo que na 1ª p.

s. pode ocorrer como forma livre ou como forma dependente (cf. Mattoso Câmara, 1977: 48).

Por exemplo:

pánowa páje "eu chego/cheguei"

eu - chegar

tootō tẽ noá kumá "escuto passos de bicho"

bicho - vir - eu - ele/escutar

noá tẽ "ando/andei"

eu - ir

tép oá kukú "comi peixe/ foi peixe que comi"

peixe - eu - ele/comer

Durante o levantamento dos dados construí algumas orações, em função desses marcadores, solicitando a Kamaní o significado de cada uma delas:

As orações foram as seguintes:

1. pánowa tém
2. pára tém "eu caí/caio"
3. páre tém
4. pánowa i mét "eu sou bom/boa, bonito/a"
5. pára i mét

Kamaní aceitou apenas as orações 1 e 4, referindo-se às demais como "não posso falar, não tem sentido".

-ra ocorre, também, com o substantivo que tem a função de

objeto direto em orações em que ocorrem tanto -nówa, quanto noá.

Por exemplo:

krwá mē tutéro noá páwkora itēmā

arco - e - flecha/com - eu - caça - eu/ir

"eu caço com arco e flecha"

aJpánowa nóra aJikōmā

plural/eu - água - plural/beber

"nós bebemos água"

Ocorreu um único caso em que -ra não ocorreu posposto ao objeto:

tép oá kukú "comi peixe/ foi peixe que comi"

peixe - eu - o/comer

Para Dixon (1979: 60), uma língua é considerada ergativa, quando o sujeito de uma oração intransitiva é tratado da mesma maneira que o objeto de uma oração transitiva, distinguindo-se, portanto, do sujeito de uma oração transitiva.

Assim, o morfema que marca o sujeito de uma oração intransitiva deve ser igual à marca do objeto de uma oração transitiva. O autor diz, também, que em algumas línguas o acusativo (objeto) é o elemento não-

marcado no sistema nominativo/ acusativo. Quando isso ocorre se tem uma língua split (cf. Dixon, 1979).

O Suyá apresenta características de línguas "split". Entretanto, esta hipótese precisa ser confirmada.

Esquema da ocorrência dos marcadores de caso:

nówa: pá e aǰpá

re: í, wá e ká

ra, ma, na, na, ta: ká, tá, aǰká e aǰtá; além dos substantivos.

O sufixo -ra tem ocorrência menos restrita e é um elemento morfológico relevante para os itens lexicais, pronomes e substantivos, que ocupam, sobretudo, a posição de sujeito das orações. Este sufixo ocorre, também, com aqueles itens lexicais que ocupam a posição de objeto direto de orações.

Apenas o Suyá apresenta a ocorrência dos marcadores de caso. Este fato distingue esta língua das outras línguas da Família Jê, como se pode verificar nas línguas, cujas análises foram consultadas.

### 3.5.2. Outras partículas sufixais que ocorrem com locuções nominais

Existe, ainda uma outra série de partículas sufixais que ocorrem com os sintagmas nominais e com os

pronomes e indicam lugar, instrumento etc. Por exemplo:

Kamaníra páme tē "Kamaní está no mato"

Kamaní - mato/em - ir

kára imé tēp ηōr "você deu um peixe para mim"

você - eu/para peixe - dar

γukrá amé kaníw "você está sentado no chão"

terra - você/em - você/sentar

Goiâniame ipéje "cheguei em Goiânia"

Goiânia/para - eu/chegar

γúrke kwér "existe mandioca na roça"

roça/na - mandioca

pānowa ηoturéjeke ηrín "vou brigar com o menino"

eu - menino/com - brigar

Brasíliake imrá kér

Brasília/em - eu/ficar - não

"eu não fico em Brasília"

Jókrake krít "Yoko está com febre"

Yóko/com - febre

pānowa aró ikrāηačí "eu lutei com você"

eu - você/com - eu/lutar

γíro tē "ele anda pelo caminho"

caminho/pelo, no - andar

γwíró oá pí "eu subi na árvore"

árvore/na - eu - subir

mēmíjera tutéro ηračí pí

homem - espingarda/com - paca - matar

"o homem matou a paca com a espingarda"

mēmíjera tutéro nračíme krwáme

homem - espingarda/com - paca/na - atirar

"o homem deu um tiro de espingarda na paca"

waywíkire kikró kená "nós estamos dentro de casa"

nós/pluralizador - casa - dentro

kwetéra kená inõr mã

rede - dentro,na - eu/dormir

"durmo na rede"

akamora kená krít kumení

noite - dentro - frio - muito

"de noite faz muito frio"

### 3.6. Partículas que ocorrem junto aos verbos

Há uma série de partículas sufixais e prefixais que ocorrem com os verbos.

As partículas sufixais são:

**-mã**

Jefferson (1980), analisando o Kayapó, diz que **-mã** significa intenção ou pretensão de se realizar uma determinada ação.

Esta interpretação, parece ser a indicada, também, para o Suyá. Soma-se a isto uma outra possibilidade, qual seja, a de que esse sufixo indique também aspecto contínuo. O sufixo **-mã** é uma forma presa

(cf. Mattoso Câmara, 1974: 94 - 97), que segue imediatamente a raiz verbal. Por exemplo:

ḡér ajkér mā "vocês não estão cantando"

cantar - vocês/não - aspecto contínuo

kamaníra méyri jasér "kamaní assustou Mary"

Kamaní - Mary - assustar

Jókta páwlu jasér mā "Yoko vai assustar Paulo"

Yóko - Paulo - assustar - intenção

itára oá inō "eu durmo aqui"

aqui - eu - eu/ dormir

inōr mā "eu durmo/dormi"

eu/ dormir - aspecto contínuo

itē mā "vou embora"

eu - ir - intenção

mēmíjera sóy tók mā "o homem espantou o passarinho"

pessoa/macho - pássaro (passarinho) - espantar - intenção

piréjera ywísí kúr mā

criança - fruta - comer - intenção

"o menino quer comer a fruta"

oá ikót mā "vou descansar"

eu - eu/descansar - intenção

ká ḡóra ajkō mā

você - água - você - beber - aspecto contínuo

"você está bebendo água"

mēmíjera méja yók mā

pessoa/macho - favo de mel - furar - aspecto contínuo

"o homem está furando o favo de mel"

atík mã "você está morrendo"

você/morrer - aspecto contínuo

Na discussão sobre o sufixo -rã se viu que ele é um marcador de caso que ocorre em orações transitivas. Observa-se que, nas orações onde ocorrem -rã pode ou não ocorrer nos verbos o sufixo -mã.

Por exemplo:

irã ywĩ sūr "eu vou derrubar a árvore"

eu - árvore - derrubar

kãrã katóro kweté tór mã

você - corda/com - rede - amarrar

"você amarra a rede com a corda"

-wã ~ -ywã ~ -ni "tudo".

Indica aspecto completivo.

Por exemplo:

Jókra kukrě ni

Yóko - objeto/comer - tudo

"Yoko comeu tudo"

yókra mrík ñí káni kukrě

yoko - bicho - carne - assar/toda - objeto/comer

"Yoko assou a carne e comeu-a toda"

pānowa ñõ kër wa ~ pānowa ñõ ker ɣwá

eu - comida - comer - tudo

"eu comi tudo"

kára má ɣwá "você sabe tudo"

você - saber - tudo

ĩñõ kër wa kër "não comi toda a comida"

minha/comida - comer - tudo - não

Os sufixos -wa e -ni são formas presas (cf. Mattoso Câmara op. cit.) e átonas; -ɣwá ocorre como forma livre (Mattoso Câmara, 1974: 88) e é um sufixo tônico.

-ni ocorre quando o pronome átono de 3<sup>a</sup> p. singular, que tem a função de objeto ocorre, enquanto que -wa ocorre quando um substantivo, que tem a função de objeto está presente.

Esses sufixos, portanto, se encontram em distribuição complementar. -wa, por sua vez, encontra-se em variação livre com -ɣwá, sendo esta a forma mais produtiva na língua.

Os prefixos que ocorrem pospostos aos verbos são:

ro-: gerúndio. Ocorre opcionalmente como segue:

(ro-) + -ñũ ~ (ro-) + -ní "estar sentado", (ro-) + -tá ~ (∅) + kusé "estar em pé/ de pé", (ro-) + -nó ~ (ro-) + -ní "estar deitado", (ro-) + -mõ "estar em movimento".

Por exemplo:

ywĩnó kəná ŋũ "(ele/a) está na canoa"

canoa - dentro - sentado/a

tā krwayútāčĩ kasosóyo ronũ ~ tā krwayútāčĩ kasosóyo ronĩ

ele/a - cana - chupar - sentado/a

"ele/a está chupando cana"

ajkára ajtép kúr ronĩ

vocês - de vocês/peixe - comer - sentados/as

"vocês estão comendo peixe"

kára ŋũ "você está sentado/a"

você - sentado/a

tā krwayútāčĩ kasosóy rotá ~ tā krwayútāčĩ kasosóy

kusé

ele/a - cana - chupar - em/de pé

"ele/a está chupando cana"

kóŋme noá tá "eu me levantando"

cima/para - eu - de/em pé

pánowa ikó kučé rotá "eu lavando a minha roupa"

eu/nominalizador - minha roupa - a lavo - de/em pé

tā krwayútāčĩ kasosóy ronó

ele/a - cana - chupar - deitado/a

"ele/a está chupando cana"

akót nó "você descansa"

você/descansar - deitado/a

iŋō ronó "estou dormindo"

eu/dormir - deitado/a

ywarára oá iyō mō "corri ontem"

ontem - eu - eu/correr - em movimento

ayō mō "corra!"

você/correr - em movimento

tāra yō mō "ele/a corre"

ele, a - correr - em movimento

a- ~ Ø: imperativo afirmativo

A forma presa a- "2<sup>a</sup>. p. s." que tem como variante (Ø) são as possibilidades de se fazer o imperativo afirmativo em Suyá.

Por exemplo:

ričí akapĕr ~ a kapĕr "fale!"

poder - você - falar

ayōmō "corra!"

você - correr/em movimento

Økupú "pegue!, tome!"

Ø pegar, tomar

atomrá "grite!"

você - gritar

tó- significa que "alguém faz ou fez algo", sendo, portanto, co-referente ao sujeito de uma oração anterior, que pode estar subentendido.

(tó-) e (tō-) são alomorfes de tó-:

kāra imé tēp tōtē

você - a mim/para - peixe - você - ir

"traga peixe para mim"

imé tō "dê- me"

a mim/para

pānowa Jarí ŋóra tōŋó

eu - pular - água - eu - água

"pulei na água"

pānowa mēmíje tōpí

eu - homem - eu - matei

"matei um homem"

pānowa wosí tōakrō

eu - milho - eu - colher

"colho milho"

mēŋréra mētūje tōŋrér

gente/música - gente/velha - alguém - tocar

"a música foi cantada pelo velho"

pānowa amé tēp tōŋōr

eu - você/para - peixe - eu - dar

"vou lhe dar um peixe"

pānowa amé kukrít tōpí

eu - você/para - anta - eu - matar

"vou matar uma anta para você"

### 3.7. Aspecto contínuo

As formas livres ( Mattoso Câmara, 1988: 88 ) rwã e rwatã indicam aspecto contínuo de uma ação que está realizando num determinado instante ou que vai se realizar brevemente. A posição de ocorrência dessas palavras, na oração, não é fixa.

Por exemplo:

tã rwatã tęp kúr kér

ele/a - aspecto contínuo (ainda) - comer - não

"ele ainda não está comendo peixe"

tã tęp kúr rwã

ele/a - peixe - comer - aspecto contínuo (ainda)

"ele ainda está comendo peixe"

rwatã oá anĩ kroté

aspecto contínuo (agora/neste instante) - eu - em mim

mesmo,me - cortar

"eu estou me cortando"

### 3.8. Partículas Pluralizadoras

O plural é reapresentado, aqui, mas já foi discutido mais detalhadamente no item referente aos "Pronomes". Ele se realiza das seguintes maneiras:

a) através da palavra ɣwĩkĩrẽ posposta a substantivos ou

a pronomes.

Por exemplo:

kātečí ɣwíkire "estrelas"

mēmíJe ɣwíkire "homens"

wayɣwíkire "nós"

b) através do morfema aJ- anteposto a pronomes.

Por exemplo:

aJpá "nós"

aJká "vocês"

aJtá "eles/as"

c) a forma pronominal recíproca aJam<sup>ě</sup>, também, é uma das formas de se fazer o plural em Suyá.

Por exemplo:

ajkára aJam<sup>ě</sup> čičík "vocês se bateram"

ajtára aJam<sup>ě</sup> čičík "eles se bateram"

### 3.9. Partículas Interrogativas

Pronominal:

númira nõr nenõ "quem está dormindo?"

quem - dormir - e - deitado/a

númira nõn tẽ "quem foi pescar?"

quem - pescar - ir

nitókra ká amrá<sup>mã</sup>

com quem - você - você/ficar/intenção

"com quem você vai ficar?"

nitã nítira "qual é o seu nome?"

qual - seu/nome

wotã mét "o que é melhor?"

o que - bom

As adverbiais se sub-dividem em:

a) locativa:

nitãira sóy "onde dói?"

onde - doer

nitãira oá tá "onde eu estou?"

onde - eu - estar

nitãira oá mrá "onde eu moro?"

onde - eu - ficar

b) tempo:

dukačira ká até "quando você foi?"

quando - você - ir

ḡukačira ḡón tē "quando ele pescou?"

quando - pescar - ir

c) causal:

kuté kára tē "porque você foi?"

porque - você - ir

kuté, também, é usado para respostas do tipo sim/não.

kuté mē "será que é gente?"

"é" - gente

kuté tootō "será que é bicho?"

"é" - bicho

kuté ḡón tē "você pescou?"

você/pescar - ir

d) modal:

nukánitō saywét "como ele faz isso?"

como - ele/fazer

### 3.10. Partículas Adverbiais

a) intensidade:

Kamaní sōra kēr ɣwá "Kamaní comeu tudo"

Kamaní - a comida dele - comer/todo

krít kumení "muito frio"

frio - muito

inō sĩrē "dormi pouco"

meu/dormir - pouco

b) negação:

mēníjera karai kapēr má kér

mulher - não-índio - língua - saber - não

"as mulheres não sabem falar português"

kára má kér ɣwá "você não sabe nada"

você - saber - não - tudo

pánowa kumá kér "eu não sei nada"

eu - isso/saber - não

akapēr wičí "não fale!"

você/falar - não

ayō wičí "não corra!"

você/correr - não

c) lugar:

itára oá inō "eu durmo aqui"

aquí - eu - eu/dormir

inōrukwā mũ'taJe "minha casa é longe"

minha/casa - longe

měmíjera saserotá wirōj tá

homem - porta - atrás - ficar

"tem um homem atrás da porta"

ríte noá yukakré "eu estou cavando lá"

lá - eu - buraco/cavar

wayúr            itáje "nossa roça fica perto"

nossa/roça - perto

měmíjera kikré kená aywét

mulher - casa - dentro - você/trabalhar

"as mulheres trabalham dentro de casa"

d) modo:

imrá tút kumení "ando muito depressa, rapidamente"

eu/andar - rápido - muito

imrá tekré

eu/andar - devagar

"ando devagar, lentamente"

e) tempo:

aríp nōr "durma já!"

já - dormir

sō kér "ele/a não dorme nunca"

seu/dormir - não

itára oá ywét "hoje eu trabalho"

hoje - eu - trabalhar

akačíwa imé táp tótě

amanhã - eu/para - peixe - você/trazer

"traga peixe para mim amanhã"

akamó kəná krít kumení "de noite faz muito frio"

noite - dentro - frio - muito

rwatā akú

pouco tempo - você/comer

"você comeu há pouco tempo"

### 3.11. Partículas Demonstrativas

Somente a partícula demonstrativa recebe o sufixo marcador de caso.

Por exemplo:

kén itára "esta pedra"

pedra - esta/marc. de caso

itára kíkéré "esta casa"

esta/marc. de caso - casa

### 3.12. Pronomes Indefinidos

Os pronomes indefinidos do tipo alguém, ninguém, alguns ocorrem em frases afirmativas.

Por exemplo:

mã ŋõr nenõ "alguém está dormindo"

alguém, a gente

aŋwikire aŋré "muitos estão cantando"

muitos

mãnowa tém "alguém caiu"

alguém

metõ kót kér "ninguém/nenhuma pessoa chegou"

pessoa - não

mẽmiŋeywikire sõywét kér

homens/pluralizador não

"muitos homens não trabalham"

mẽmiŋeywikire yrke aywét

homens/pluralizador

"todos os homens trabalham na roça"

### 3.13. Partículas Numerais

Os numerais vão de um a cinco e para se fazer zero pospõe-se kér "não" ao substantivo.

Exemplos:

toá kér "desdentado"

dente - sem

kaŋapóra wité "um kayapó"

kayapó - um

kóŋra wité "um papagaio"

papagaio - um

toára aĵkúr "dois dentes"

dente - dois

kóĵra aĵkúr "dois papagaios"

papagaio - dois

aĵkúkne toára "três dentes"

três - dentes

kóĵra aĵkúkne "três papagaios"

papagaio - três

Kamaní kráira aĵkúknewíté

Kamaní - filho - três + um

"Kamaní tem quatro filhos"

kóĵra aĵkúknewíté "quatro papagaios"

papagaio - três + um

kóĵra wanikráwíté "cinco papagaios"

papagaio - nossa/mão/uma

poĵtóra wanikráwíté "cinco mamões"

mamão - nossa/mão/uma

Não há números acima de cinco, depois disso eles dizem muitos e atualmente têm usado as formas portuguesas para se referirem a quantidades maiores.

### 3.14. Partículas Conjuntivas

São partículas que relacionam estruturas sintáticas entre si, podendo estar intercaladas ou iniciando o primeiro período:

iĩĩņoké sókra táņe sók kumení kér

meu/peito - doente - mas - dor - muito - não

"mas a dor que eu sentia no meu peito não era tão forte"

pánowa sók táņe oá má kér

eu/marc. de caso - doente - mas - eu -saber - não

"eu estava doente, mas não sabia"

dowtór Barúsira imŭ ņéjmā améčra toņā iméč kér

doutor - Baruzzi - me/viu - então/intenção - você/bem -  
quando - eu/bem - não

"Dr. Baruzzi me examinou e disse que eu estava bem,  
quando eu não estava"

kupěkocíra sětí kumení toņā wamé tuté ŋōr kér

não-índio/marc. de caso - mente - muito - quando -  
nós/para - espingarda - dar - não

"o branco mente quando diz que nos dará uma espingarda"

krwá mě tuté noá páwkora itěmā

arco - e - flecha/com - eu - caça - eu/ir/aspecto  
contínuo

"eu caço com arco e flecha"

ņoturéjera tóm mě mér

criança - cair - e - chorar

"a criança caiu e chorou"

tā kuténitó itěmā

ele - quando - eu/ir/intenção

"ele disse quando eu iria embora"

tā kutéwoté noá těmā

ele - para que - eu - ir/intenção

"ele disse para que eu tinha ido"

tã kuténi tẽ

ele - onde - ir

"ele disse onde estava indo"

Jók mẽ kraykã péJe

Yóko - e - Kaykrã - chegar

"Yoko e Graykã chegaram"

kára anĩ kuténi iwiñũ

você - a mim mesmo - porque - eu/esperar

"porque você me fez esperar"

### 3.15. Coletivo

O coletivo é feito através da forma livre í'ne que é posposta ao substantivo, como por exemplo:  
noturéJe í'ne "criançaada"

### 3.16. Aspectos Morfológicos de outras Línguas Jê

Os aspectos da Morfologia considerados mais relevantes para uma breve comparação, entre o Suyá e outras línguas da Família Jê, são apresentados neste momento.

Lachnitt (1988) propõe, para o Xavante, os seguintes elementos estruturais das palavras:  
raiz: que geralmente é monossilábica e

afixos: prefixos e sufixos.

Os prefixos são assim designados:

Prefixos Pessoais-

da-

sentido genérico, qualquer pessoa, da pessoa, de gente

Por exemplo: damama "o pai da pessoa"

da'ãma "para a gente"

ĩ- (longo)

1<sup>a</sup> pessoa do singular

Por exemplo: ĩme "comigo"

a-

ai-

i-

2<sup>a</sup> pessoa (só usado em verbos transitivos).

Por exemplo: a hã, te iwaibu "tu pegas  
muitas coisas"

i-<sup>2</sup> (breve)

ti-

3<sup>a</sup> pessoa

wa-

1<sup>a</sup> pessoa dual e plural

'wa/wa'wa

dual - 2<sup>a</sup> pessoa

dzahuré

dual - 3<sup>a</sup> pessoa

dza'ra

plural nas 3 pessoas.

2: Não encontrei exemplos de ocorrência desse prefixo.

Assim:

1<sup>a</sup> pessoa dza'ra ni

2<sup>a</sup> pessoa dza'ra wa'wa  
dza'ra wa'aba

Prefixos Verbais-

'ma- ('mai-):

indica objeto e quantidade definidos em verbos transitivos -

wa hã, wa dza tãma 'manho "eu lhe darei uma só vez"

a- (ai-):

indica muito, muitas coisas ou pessoas em verbos transitivos - wa hã, wa dza tãma anho "eu lhe darei muitas coisas"

ti-:

indica objeto e quantidade definidos em verbos transitivos- wa hã, wa tãma ti tsõ "eu lhe dou só isso"

ro- (rob-, rom-):

intensificador em verbos transitivos - ro'manhari "fazer mesmo", romnhi "carne de todo o tipo"

Os sufixos são:

-'wa:

para substantivos de tema verbal transitivo indicando agente da ação - dapibui'wa "zelador"

-dzé:

para substantivos de tema verbal transitivo  
indicando instrumento ou lugar da ação - dadzawidzé  
"amizade, amor"

-re:

diminutivo - ĩ'rare "filhinho"

-wawe:

aumentativo - öwawe "água grande, rio grande"

-õ:

negação ĩwẽ'õ "não bom, mau"

#### Pronomes Pessoais Retos:

wa hã "eu"

a hã "tu (você)"

õ hã "ele/a"

wa norĩ hã "nós"

a norĩ wa'wa hã "vós (vocês)"

õ norĩ hã "eles/as"

#### Pronome Pessoal Oblíquo

te õ hã, te te 'manharĩ õ di "ele não o faz"

#### Pronomes Relativos

wa "eu/ nós que"

te ~ ma "tu/ vós/ ele/ eles que"

M<sup>c</sup>Leod & Mitchell (1980) dizem que, em Xavante, há formas longas e breves tanto para as consoantes, quanto para as vogais. Para se evitar

confusões o prefixo pronominal de primeira pessoa do singular é escrito ii-, enquanto que o de terceira pessoa do singular é escrito i- (M<sup>c</sup>Leod & Mitchell op. cit.: 6).

Pronomes que ocorrem com verbos intransitivos em orações independentes:

#### Singular:

wa  $\emptyset$ -: wa mo "vou"  
 te ai-: te aimo "você vai"  
 te  $\emptyset$ -: te mo "ele vai"

#### Dual:

wa wa- ni: wa wanem ni "nós dois vamos"  
 te a- wa'wa: te ane wa'wa "vocês dois vão"  
 te tí- dzahuré: te tinem dzahuré "eles dois vão"

#### Plural

wa ai- ni: wa ai'aba'ré ni "vamos todos"  
 te ai- wa'wa: te ai'aba'réi wa'wa "vocês todos vão"  
 te ai-  $\emptyset$ : te ai'aba'ré "eles todos vão"

Pronomes que ocorrem com verbos transitivos em orações independentes:

#### Singular

wa  $\emptyset$ : wa romhu "trabalho"  
 te Ĩ-: te ĩromhu "você trabalha"  
 te  $\emptyset$ : te romhu "ele trabalha"

## Dual

wa  $\emptyset$  ni: wa romhuri ni: " nós dois  
 trabalhamos"  
 te Ĩ- 'wa: te ĩromhuri 'wa "vocês dois  
 trabalham"  
 te  $\emptyset$  dzahuré: te romhu dzahuré "eles dois  
 trabalham"

## Plural

wa  $\emptyset$  dza'ra ni: wa romhu dza'ra ni " todos  
 trabalhamos"  
 te Ĩ- dza'ra wa'wa: te ĩromhu dza'ra wa'wa  
 "vocês todos trabalham"  
 te  $\emptyset$  dza'ra: te romhu dza'ra "eles todos  
 trabalham"

Pronomes que ocorrem com verbos transitivos  
 em orações dependentes:

## Singular

te romhuri da, wa mo "para trabalhar, eu vou"  
 romhuri da, te aimo "para trabalhar, você vai"  
 te te romhuri da, te mo "para trabalhar, ele vai"

## Dual

wa te romhuri da, wa wamem ni: "para trabalhar, nós  
dois vamos"

romhuri aba da, te ane wa'wa "para trabalhar,  
você e eu dois vamos"

te te romhuri dzahuré da, te tinem dzahuré "para  
trabalhar, eles dois vão"

### Plural

wate romhuri dza'ra da, wa ai'aba'ré ni "para  
trabalhar, todos vamos"

romhuri dza'ra wa'aba da, te ai'aba'réi wa'wa  
"para trabalhar, vocês todos vão"

te te romhuri dza'ra da, te ai'aba'ré "para  
trabalhar, eles todos vão"

da-:

prefixo que se refere geralmente a pessoas, mas  
pode significar animais ou coisas: "eles/as,  
deles/as".

Marcadores de pessoa que ocorrem com verbos  
intransitivos em orações dependentes:

	singular	dual	plural
1 <sup>ª</sup>	ĩĩ-	wa-	wa-
2 <sup>ª</sup>	ai-	ai-	ai-
3 <sup>ª</sup>	0	0	0

### Singular

ĩĩmorĩ waptsi, wa dza romhu "quando for, vou  
trabalhar"

aimorĩ waptsi, wa dza romhu "quando você for, vou trabalhar"

Ø morĩ waptsi, wa dza romhu "quando ele for, vou trabalhar"

#### Dual

wane waptsi, wa dza romhu "quando nós dois formos, vou trabalhar"

ane wa'aba waptsi, wa dza romhu "quando vocês dois forem, vou trabalhar"

Ø nem dzahuré waptsi, wa dza romhu "quando eles forem, vou trabalhar"

#### Plural

watsi'aba'rúi waptsi, wa dza romhu "quando todos formos, vou trabalhar"

ai'aba'rúi wa'aba waptsi, wa dza romhu "quando vocês todos forem, vou trabalhar"

Ø tsi'aba'rúi waptsi, wa dza romhu "quando todos forem, vou trabalhar"

wa'wa ~ wa'aba ~ 'aba ~ 'wa: "esta alternância ocorre em posição mediana de enunciado, na forma imperativa (M<sup>c</sup>Leod & Mitchell, 1980: 43)".

Segundo as autoras, "pós-posicionais são palavras..." (M<sup>c</sup>Leod & Mitchell, 1980: 109). Estes pós-posicionais ocorrem como substantivos. A série pronominal que ocorre com os pós-posicionais é a seguinte:

ĩĩ-:

te dza ĩĩma romhu "ele vai trabalhar para mim"

ai-:

te dza aima romhu "ele vai trabalhar para você"

ĩ-:

ĩ'rata te nhamra "ele senta ao pé de sua  
(própria) mãe"

O pronome ĩ- (terceira pessoa do singular, dual e plural) não ocorre com os pós-posicionais, como nos exemplos:

te dza tāma romhu "ele vai trabalhar para ele"

te dza tiwi ti'ö "ele vai levá-lo dele" (wi: "de")

te dza we ŕtsô mo "ele virá por ele"

te dza ŕtsada romhu "ele vai trabalhar para ele"

Os pronomes independentes são os seguintes:

wa hã:

wa hã a'wě "sou Xavante"

a hã:

a hã a'wě "você é Xavante"

ta hã:

ta hã a'wě "ele/a é Xavante"

wa norĩ:

wa norĩ a'wě "nós (grupo) somos Xavante"

Não-singular

wa norĩ hã:

wa norĩ hã a'wẽ "nós somos Xavante"  
a norĩ wa'wa hã:  
a norĩ wa'wa hã a'wẽ "vocês são  
Xavante"  
ta norĩ hã:  
ta norĩ hã a'wẽ "eles/as são Xavante"  
ã norĩ hã:  
ã norĩ hã a'wẽ "estes são Xavante"  
õ norĩ hã:  
õ nori hã a'wẽ "aqueles são Xavante"

#### Dual

wa dzahuré:  
wa dzahuré a'wẽ "nós dois somos Xavante"  
a tsahuré:  
a tsahuré a'wẽ "vocês dois são Xavante"  
ta dzahuré:  
ta dzahuré a'wẽ "eles dois são Xavante"

" /dzahuré/ é usado quando se enfatiza a dualidade. Nos outros casos se usa a forma não-singular para dual e plural. (McLeod & Mitchell, 1980: 106)".

O substantivos são analisados, pelas autoras (p. 55 - 61), como segue:

- temas nominais:

perdem a sílaba final em posição final da locução:

mimi dzô "por lenha" e mi "lenha";

- há o prolongamento da vogal da penúltima sílaba em posição final de locução:

wede na "na árvore" e weede "árvore"

- o substantivo é invariável. O número pode ser indicado:

- 1) por numerais: aibö maparane "dois homens"
- 2) coletivo: aibö norĩ "um grupo de homens"

Os marcadores de pessoas/ coisas possuídas dos substantivos da classe 1 são:

ĩmama "meu pai"  
aimama "seu pai"  
ĩmama "o pai dele/a"

ĩ- -----> ti-: quando o sujeito de 3<sup>a</sup> p. s. possui o objeto (M<sup>o</sup>Leod & Mitchell, 1980: 65).

ĩmama, wa tô tsabu "vi o pai dele/a"  
timama, ma tô tsabu "ele viu seu próprio pai"  
ĩmama, ma tô tsabu "ele viu o pai dele/a (uma outra pessoa)"

#### Dual

wamama "nosso pai (dois de nós)"  
aimama 'wa "seu pai (dois de vocês)"

ĩmama dzahuré "o pai deles (dos dois)"

Plural

wmama dza'ra "nosso pai (mais de dois de nós)"

amama dza'ra wa'wa "seu pai (mais de dois de vocês)"

ĩmama dza'ra "o pai deles (mais de dois)"

Os prefixos marcadores de pessoa e coisas não possuídas, da classe 2 (p. 88) são:

- para os possuídos, mas alienáveis, os prefixos que ocorrem são os mesmos da classe 1, sendo que aqui se acrescenta o afixo -nhim- ~ -tsim- "possessão alienável":

ĩĩnhip 'ri "minha casa"

atsip 'ri "sua casa"

ĩtsip 'ri "a casa dele/a"

Dual

wanhíp 'ri "nossa casa"

atsip 'ri wa'wa "sua casa"

ĩtsip 'ri dzahuré "a casa deles/as"

Plural

wanhíp 'ri dza'ra "nossa casa"

atsip 'ri wa'wa "sua casa"

ĩtsip 'ri dza'ra "a casa deles"

Ocorrem os nominalizadores *-wa* "agente" e *-dzé* "instrumento ou lugar (p. 92):

romhuri'wa "trabalhador",  
rowahutuddzé "escola, igreja"  
romhuriddzé "ferramenta"  
ĩĩnhimiwamroddzé "a coisa com que a varredura é  
feita por mim"

O genitivo se faz da seguinte forma:  
substantivo + *-h-* + *-v-* final do substantivo + possessão:

Babati ----> Babatihi na "a mãe de Babati"

O reflexivo é feito como segue: prefixo  
marcador de pessoa + *-tsi-* (forma reflexiva) + tema  
verbal:

ĩĩtsi'upté "a pintura de meu corpo"  
(por mim)  
ĩĩtsi'uptsöddzé "a coisa com que me lavo"

Ham, Waller & Koopman (1979) destacam, para  
o Apinayé, os seguintes aspectos:

Para se indicar o possessivo há duas  
maneiras, utilizando-se o possessivo pronominal antes do  
substantivo. Quando este indica parte do corpo ou  
pertences feitos pela própria pessoa, usa-se um prefixo  
possessivo em vez do pronome ou adjetivo possessivo.

Tem-se então:

ixpa "meu braço"  
 inhõ rat "minha lata"  
 apa "seu braço"  
 anhõ kagà "seu livro"  
 õ ku'pip "a esteira dele/a"  
 inhĩ'kra na ja "minha mão"  
 inhõ'to na ja "minha língua"  
 ixpar na ja "meu pé"  
 õ'to na ja "a língua dele/a"  
 no na ja "o olho dele/a"

Os prefixos pessoais podem ser inclusivos ou exclusivos. Os exclusivos são: ix-, inh-, i-.

Com substantivos, a primeira pessoa inclusiva (incluindo o ouvinte) é pa: pa'par "nossos pés (dual)". Acrescentando-se me, tem-se o plural: mepa'par "nossos pés".

Para o Kayapó (Txukahamãe), Jefferson (1980), referindo-se aos pronomes, diz "que há duas formas referentes a cada pessoa: a forma livre e a presa, esta última não pode ser separada do verbo. A forma livre é usada com a forma verbal reduzida, e a presa com a forma verbal plena. Além da série de formas do singular, há duas séries de formas do plural: plural limitado (grupo pequeno) e ilimitado (todos, ou grupo grande).

Quadros de pronomes:

## Singular:

	forma verbal reduzida livre	forma verbal plena presa
1 <sup>a</sup> pessoa	ba	i-
2 <sup>a</sup> pessoa	ga	a-
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup> pessoas	gu	guba-
3 <sup>a</sup> pessoa	∅	∅

## Plural:

## LIMITADO

	forma verbal reduzida livre	forma verbal plena presa
1 <sup>a</sup> pessoa	bar	ar i-
2 <sup>a</sup> pessoa	gar	ar a-
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup> pessoas	gwaj	gwaj ba-
3 <sup>a</sup>	ar	ar

## ILIMITADO

	forma verbal reduzida livre	forma verbal plena presa
1 <sup>a</sup> pessoa	ba me	me i-
2 <sup>a</sup> pessoa	ga me	me a-
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup> pessoas	gu me	me ba-
3 <sup>a</sup> pessoa	me	me

O plural é formado acrescentando-se a cada pronome singular um outro pronome livre, me<sup>3</sup> ou ar. (Jefferson op. cit: 7 - 8)".

---

3: A autora registra me e não mẽ para o Kayapó. Entretanto, em outros trabalhos é a forma mẽ que ocorre.

O pronome reflexivo é ami(m) que ocorre com todos os pronomes pessoais. Por exemplo:

ba amĩm ay "eu me cortei"  
me amĩm ay "eles se cortaram"

O pronome recíproco é aben:

aben kubã nhy "sentados uns na frente dos outros"  
aben yapa "entrecruzam-se"

Os pronomes objeto são, por exemplo: a-, i-,  
∅, que ocorrem como segue:

ba abĩ "eu mato você"  
ba ∅kuruwa "eu bato nele"  
∅ ran ibĩ "ele quase me mata"

Os marcadores de posse são:

i- "meu"; a- "teu"; ∅ "seu";  
guba ~ gwayba "nosso"; ara "de vocês" e  
ari ~ me "deles".

### 3.17. Considerações Gerais

A seguir, será feito um breve comentário a respeito das análises feitas para outras línguas da Família Jê. Soma-se a isto a descrição preliminar feita de aspectos da Morfologia da língua Suyá.

M<sup>c</sup>Leod & Mitchell (1980) poderiam dizer que, no Xavante, a vogal que ocorre como prefixo de primeira pessoa do singular é longa, ao invés de dizerem que grafarão esta forma como *ĩĩ*-. Além disso, não explicam porque a vogal é longa. Lachnitt (1988) diz que a vogal é longa, mas também não faz maiores comentários.

Lachnitt, por sua vez, dá como pronomes pessoais do caso reto as seguintes formas:

õ hã "ele/a"

wa norĩ hã "nós"

a norĩ wa'wa hã "vós (vocês)"

õ norĩ hã "eles/as"

Estas têm significação diferente da dada por M<sup>c</sup>Leod & Mitchell (1980):

ta hã: ta hã a'wẽ "ele/a é Xavante"

wa norĩ: wa norĩ a'wẽ "nós (grupo) somos Xavante"

#### Não-singular:

wa norĩ hã: wa norĩ hã a'wẽ "nós somos Xavante"

a norĩ wa'wa hã: a norĩ wa'wa hã a'wẽ "vocês são Xavante"

ta norĩ hã: ta norĩ hã a'wẽ "eles/as são Xavante"

ã norĩ hã: ã norĩ hã a'wẽ "estes são Xavante"

õ norĩ hã: õ norĩ hã a'wẽ "aqueles são Xavante"

/norĩ/ é marcador de plural para Lachnitt e

para M<sup>c</sup>Leod & Mitchell indicam, além do plural, o coletivo.

M<sup>c</sup>Leod & Mitchell (1980) não indicam a sílaba tônica nas transcrições dos dados e o / indica a consoante oclusiva glotal.

M<sup>c</sup>Leod & Mitchell (1980: 111- 112) ao apresentarem a série pronominal que ocorre com os pós-posicionais, não registram que  $\tilde{y}$ -,  $\emptyset$ ,  $t\tilde{a}$ - e  $t\tilde{i}$ - estão, aparentemente, em distribuição complementar.

As autoras, ao se referirem a alternância entre  $-nhim-$  ~  $-tsim-$  (M<sup>c</sup>Leod & Mitchell, op. cit.: 88) não a justificam. A alternância se dá porque esses alomorfes estão em distribuição complementar:  $-nhim-$  ocorre com as primeiras pessoas do singular e plural e  $-tsim-$  nos demais casos.

$-m\tilde{e}$  ou  $-a\tilde{r}$  indicam o plural dos pronomes independentes e  $-m\tilde{a}$  é analisado como um prefixo verbal significando intenção ou pretensão de se realizar uma determinada ação em Txukahamãe,

Em Apinayé, ocorre  $m\tilde{e}$  contíguo a pronomes (cf. Ham, Waller & Koopman, 1979) indicando "plural", o mesmo acontecendo no Kayapó que tem a forma  $m\tilde{e}$  (cf. Jefferson, 1980).

A interpretação dada às formas reduzidas e longas dos verbos em Suyá, difere das análises propostas por Ham & Waller & Koopman (1979) para o Apinayé, de Jefferson (1980) para o Kayapó e de Jack & Jo Popjes

(1986) para o Canela-Krahô em relação ao mesmo fenômeno.

### 3.18. Aspectos Morfológicos: análises prévias do Suyá

Em um trabalho, de 1989, faço uma abordagem prévia de aspectos do sistema pronominal da língua, principalmente no que diz respeito aos pronomes independentes, marcadores de pessoa no verbo e os marcadores de posse dos substantivos.

Ocorrem, enquanto marcadores de posse dos substantivos os seguintes morfemas:

i	aykwá "minha boca"	i	ɣwĩkó "minha canoa"
ŋ	aykwá "tua boca"	a ~ ŋo	ɣwĩkó "tua canoa"
s	aykwá "boca dele/a"	sõ	ɣwĩkó "canoa dele/a"

Observo, nos dados, que o uso dos marcadores de pessoa no verbo e dos pronomes independentes não é opcional, e para tanto considero os pressupostos teóricos de Chafe (1979). Para ele, a natureza do elemento predicativo (verbo) é que vai determinar como deverá ser o restante da oração e principalmente que nomes o acompanharão. Assim, é o verbo que dita a presença e a natureza do nome.

O quadro do uso dos pronomes pessoais independentes e dos marcadores de pessoas no verbo é o

seguinte:

Verbos especificados como:	Pronomes Pessoais Independentes	Marcadores de Pessoa no Verbo
+ processo	+ opcional	+ obrig.
+ ação	+ obrigatório	[ - obrig. - opcional ]
[ + ação + processo ]	+ obrigatório	

Por exemplo:

pánowa imét ~ imét "eu sou bom/boa, bonito/a"

eu - eu/bom/boa, bonito/a

akót nó "você descansa"

você/descansar - deitado/a

kára kumá "você sabe"

você - isso/saber

pánowa aymé ηér "eu estou brigando com vocês"

eu - vocês/com - brigar

Os aspectos gramaticais considerados são aqueles concernentes às relações entre as palavras e às funções que estas exercem dentro de um enunciado.

A proposta é fazer uma breve descrição dos sintagmas nominais, verbais e os periféricos, entendendo-se por estes últimos tanto os elementos que se acrescentam ao núcleo do sintagma, quanto os sintagmas adverbiais, como de lugar, instrumento etc, e os sintagmas preposicionais. Registram-se, também, as orações equativas e predicativas.

Além disso, analisar-se-ão de maneira genérica os tipos de orações: simples e complexas.

### 3.19. Os sintagmas nominais

Os sintagmas nominais quando constituídos apenas pelo núcleo, que pode ser um substantivo ou um pronome, são simples; enquanto que aqueles aos quais se acrescentam elementos periféricos são complexos.

No primeiro caso se tem:

sí "osso"

mẽ "gente"

pé "capim"

a-krá "seu filho"

i-nó "meu olho"

ká "você"

pá "eu"

Os complexos por sua vez se apresentam como segue:

anró-ñí "(porco - carne) carne de porco"

wosí ja-ákĩ "(milho/ det.- espiga) espiga de milho"

i-ñõ "(pro.pos.- comida) minha comida"

ywĩrā nĩra "(flor - dem.) aquela flor"

aĵ-pá "(pl.- eu) nós"

wá ywĩkire "(1<sup>a</sup> p.pl. - pluralizador) nós"

aĵ-sõ nó "(pl.- pro.pos. - olho) olhos deles/as"

kaĵapóra witĩ "(kayapó - numeral) um kayapó"

kóĵra aĵkúkne "(papagaio - numeral) três papagaios"

aĵkúkne toára "(numeral - dentes) três dentes"

Há sintagmas nominais que exprimem uma relação de posse, em que o possuidor é o primeiro elemento, seguido daquilo que é possuído. Assim:

siwĵá pató "(suyá - aldeia) aldeia dos Suyá"

kuiwsí nã "(Kuiwsí - mãe) a mãe de Kuyusí"

káarakarakó ñĩ "(galinha - carne) a carne da galinha"

poĵtó sí "(mamão - semente) a semente do mamão"

mě ka'mró "(gente - sangue) sangue de gente"

mrík ka'mró "(bicho - sangue) sangue de bicho"

káarakarakó ĵré "(galinha - ovo) ovo de galinha"

Quando esses sintagmas nominais estão

inseridos em um enunciado, o sufixo marcador de caso -ra ocorre posposto ao segundo elemento do sintagma, por exemplo:

kuiwsí pémra tí " o pai de Kuyusí morreu"

Kuiwsí pai - morrer

kaJkrã Jénra ikamí " o marido de Gaykrã é meu irmão"

Kaykrã marido - meu/irmão

páwlo kikrra mét " a casa de Paulo é bonita"

Paulo casa - bonita

Nos sintagmas nominais que ocupam a posição de sujeito da oração, a ordem dos constituintes é a seguinte:

a) substantivo + marcador de caso + pluralizador, por exemplo:

m<sup>ã</sup>ra ywíkire kwetéke ñõr "todo mundo dorme em redes"

gente/marc. de caso - pluralizador

b) pronome + pluralizador, por exemplo:

waywíkire kwér kú "nós comemos mandioca"

nós/pluralizador

c) pluralizador + pronome + marcador de caso, por exemplo:

aIpānowa têm "nós caímos"

pluralizador/eu/marc. de caso

### 3.20. Os sintagmas verbais

Em Suyá, foi dito que as formas longas dos verbos são as que podem ocorrer como sendo verbos intransitivos ou transitivos.

Os verbos que ocorrem como formas longas são sempre transitivos se o sujeito for um pronome seguido pelo sufixo, marcador de caso, -ra. Neste caso pode ou não ocorrer -ra, marcador de caso, no objeto.

Os verbos que ocorrem como formas longas serão transitivos se o objeto preceder imediatamente o verbo e intransitivos se o sujeito preceder imediatamente o verbo e, nas formas reduzidas o objeto ocorre redundantemente, sendo anteposto ao verbo o pronome objeto ku-, por exemplo:

1. pānowa krityó Kamaníme kuṅō

eu - facção (objeto direto) - Kamaní/para - o/dar (verbo + forma reduzida)

"eu dei um facção para Kamaní"

2. ywĩsí oá kukrě ~ ywĩsí oá kukú

"comi/o a fruta"

fruta - eu - a/comer (krě ~ kú - verbo + forma reduzida), em que o pronome átono ku é o objeto direto correferente

à fruta que ocorre em posição inicial da oração.

zwĩsĩ "fruta" é o primeiro constituinte e por isso ocorre ku- redundantemente para indicar o objeto direto da oração.

Somam-se mais alguns exemplos:

pānowa róp ópĩ ~ róp noá kupĩ

eu - onça (objeto direto) o/matar (verbo + forma reduzida) ~ onça - eu - a/matar (verbo + forma reduzida)

"eu matei uma onça"

rópra kamanĩ kupĩ

onça/marc. de caso - Kamanĩ - a/matar (verbo + forma reduzida)

"Kamanĩ matou uma onça"

As formas longas dos verbos (cf. item "Verbos") ocorrem como nos exemplos abaixo:

imé rāńó kĩń "quero o colar"

eu/para - colar - querer (verbo + forma longa)

kāra ayōme rāńó ńōr

você - sua/mulher/para - colar - dar (verbo + forma longa)

"você deu um colar para sua mulher"

pānowa ńō kērwa "eu comi toda a comida"

eu - comida - comer (verbo + forma longa) - tudo

pánowa kěrwá " eu comi tudo"

eu - comer (verbo + forma longa) - tudo

pirájera ywĩsí kúrmã

menino - fruta - comer (verbo + forma longa)/intenção

"o menino quer comer a fruta"

kamaní sōra kěrwá

Kamaní - sua/comida/marc. de caso - comer (verbo + forma longa) - toda

"Kamaní comeu toda a comida dele"

ká ŋóra a jkōmã

você - água/marc. de caso - você/beber (verbo + forma reduzida)/intenção

"você quer beber água"

rōpra kamaní kupĩ

onça/marc. de caso - Kamaní - a/matar (verbo + forma reduzida)

"Kamaní matou uma onça"

Nestes três últimos casos, o marcador de caso, mais especificamente, -ra não ocorreu contíguo ao sujeito, mas sim ao objeto.

Dixon (1979) diz que nas línguas split quando o acusativo (objeto) ocorre como um caso marcado é porque o nominativo é morfologicamente não- marcado.

Esta parece ser a situação do Suyá.

A ordem dos constituintes nos sintagmas verbais é a seguinte:

SV: (prefixo) V:

pánowa ótém "eu caio/caí"

akató "você sai/saiu"

SV: V (aspecto/ sintagmas adverbiais):

atík mã "você está morrendo"

você/morrer/aspecto contínuo

kára má zwá "você sabe tudo"

você - saber - tudo

kára má kér zwá "você não sabe nada"

você - saber - não - tudo

pánowa ñõ kërwa "eu comi tudo"

eu - a comida - comer/tudo

akót nó "você descansa"

você/descansar - deitado

inõ ronó "eu me deito/ estou dormindo"

eu/dormir - gerúndio/deitado/a

### 3.21. Os sintagmas periféricos

Os sintagmas periféricos são aqueles que exprimem circunstâncias variadas como: de lugar, instrumento, tempo etc. Assim:

káre katóro kweté tórmã

você - corda/com (instrumento) - rede - amarrar -  
intenção

"você amarra a rede com a corda"

krwá mĕ tutĕro noá páwkora itĕmā

arco - e - flecha/com - eu - caça - eu/ir/intenção

"eu caço com arco e flecha"

páwlorá ywĩro ikúra

paulo - pau/com - mim/bater

"Paulo bateu em mim com um pau"

pánowa aró ajkrāṇačĭ

eu - você/com - lutar

"eu lutei com você"

wayíkire kikré keṅá

nós/todos - casa - dentro (lugar)

"nós estamos dentro de casa"

kupĕ<sup>ñ</sup> rukwā keṅá

não-índio - casa - dentro

"ficamos na casa do índio"

mĕpató keṅá oá mrá

gente/aldeia - dentro - eu/andar

"estou na aldeia"

kupekočĭ patóke oá mrá

não-índio - aldeia/em - eu/andar

"estou na cidade"

pánowa mĕpatóke mrá

eu - gente/aldeia/em - andar

"estou na aldeia"

(a) akačíwa imé tęp tótě

você/amanhã (tempo) - eu/para - peixe - você/trazer

"traga peixe para mim amanhã"

mú'tají noá měpató imrá

longe - eu - gente/aldeia - eu/andar

"estou fora da aldeia"

ɣwarára oá rír

tarde - eu - acordo

"acordo tarde"

ɣwarára oá iyō mō

ontem - eu - eu/correr - de pé

"corri ontem"

imrá tekré

eu/andar - devagar, lentamente (modo)

"ando devagar"

imrá tút kumení

eu/andar - rápido - muito

"ando rapidamente"

### 3.22. A estrutura da oração

As orações intransitivas se formam basicamente de um sujeito e de um verbo, podendo ocorrer opcionalmente um ou mais sintagmas periféricos. O sujeito pode ser um pronome independente, um substantivo, e ainda, há casos em que não aparece uma forma explícita de sujeito, dado que no verbo ocorre o marcador de pessoa.

Por último, pode, também, ocorrer o pronome independente e o marcador de pessoa no verbo e verbos com sujeito oculto.

Tem-se, assim:

tã ñõr "ele/a dorme/iu (ele - dormir)"

S V

rópra tí "a onça morreu (onça - morrer)"

S V

yúrme ø tẽ

Ad. Lugar S V

"ele vai/foi para o PIV (PIV/para - O - ir)"

ywará oá rír

Ad.Tempo S V

"eu acordo tarde (tarde - eu - acordar)"

weták pémra tí

S V

"o pai de Wetáge morreu (o pai de Wetáge - morrer)"

pánowa imét

S S V

"sou bonito/a (eu - eu/bonito/a)"

Há, ainda orações sem verbo:

wayúr itáje

S Ad. Lugar

"nossa roça fica longe (nossa/roça - longe)"

wakanró kumení

S Ad. Int.

"de dia faz muito calor (nosso/calor - muito)"

As orações transitivas se caracterizam por ter no mínimo três constituintes S O V, que é a estrutura encontrada, mais comumente, língua. Entretanto, o que se pode observar é que a ordem SOV não é fixa no Suyá.

O número máximo de sintagmas que pode ocorrer numa oração, seja ela transitiva ou intransitiva é quatro e o número de sintagmas que ocorre entre o sujeito e o verbo é três.

Por exemplo:

pánowa	róp	pĩ	~	róp	noá	kupĩ
eu	-	onça	-	matar	~	onça - eu - a/matar
S		O.D.		V		O.D. S O.D. V

"eu matei uma onça"

rópra	Kamaní	kupĩ
onça	- Kamaní	- a/matar
O.D.	S	O.D. V

"Kamaní matou uma onça"

koronéwra	imé	ikritók
coronel	- eu/para	- eu/bravo
O.D.	O.I.	S V

"eu fiquei bravo com o coronel"

ηραčí noá (oá) kupí  
 veado - eu - o/matar  
 O.D. S O.D. V

"eu matei um veado"

pánowa mēmíje tópi  
 eu - homem - eu/matar  
 S O.D. S V

"matei um homem"

pánowa wosí tóakrō  
 eu - milho - eu/colher  
 S O.D. S V

"colho milho"

mēmíjera imŭ  
 mulher - me/ver  
 S O V

"a mulher me vê"

mēmíjera tutéro ηραčí pí  
 homem - espingarda/com - veado - matar  
 S Ad.Instr. O.D. V

"o homem matou o veado com a espingarda"

pánowa krityó Kamaníme kuḡō  
 eu - facão - Kamaní/para - o/dar  
 S O.D. O.I. O.D. V

"eu dei um facão para Kamaní"

Derbyshire (1987) ao discutir a ordem dos constituintes oracionais em línguas amazônicas, mostra que o critério básico para que se possa fazer generalizações lingüísticas, em se tratando de ordem básica dos elementos de uma oração, se baseia em fatores, tais como as relações pragmáticas/ sintáticas, morfologicamente marcadas.

Soma-se a isto o status fixo versus não-fixo da ordem das palavras, as motivações discursivas/pragmáticas na seleção de um esquema gramatical particular, na informação solicitada etc.

Há, segundo Derbyshire, um conjunto particular de propriedades pertinentes àqueles parâmetros que parecem estar diretamente associados à uma tendência de escolha dos constituintes iniciais de uma oração que são:

- as línguas possuem uma ordem flexível e isto dificulta o estabelecimento de um único padrão básico;
- sujeito e objeto são expressos em orações por afixos verbais ou por SV cliticizado;
- fatores pragmáticos/discursivos são os determinantes na escolha do falante para usar um SN, um pronome independente ou um afixo verbal etc. para expressar o sujeito ou objeto. Isto depende de elementos como: informação nova ou já conhecida, topicalização etc.

Para Derbyshire, a ordem dos constituintes oracionais não é necessariamente fixa, já que uma das

características das línguas split diz respeito à mudança de ordem dos elementos de uma oração, como resultado de uma mudança de caso ergativo para o acusativo ou neutro.

Assim, nestas línguas, a marcação de casos pode estar concorrendo para diferenciar orações principais de subordinadas, marcar tempo/aspecto/modo, distinguir pessoas ou classes pronominais etc.

No Suyá, a marcação de caso ocorre com os substantivos e com os pronomes independentes, na função de sujeito, e nos substantivos na função de objeto direto; além da ordem não-fixa dos constituintes oracionais permitem supor que a língua seja uma língua "split", já que as características que o Suyá apresenta se coadunam com as propostas de Derbyshire (1987), com relação à ordem dos constituintes oracionais, além das de Dixon (1979) sobre línguas split. Porém, essa suposição necessita de uma averiguação mais aprofundada.

### **3.23. Os períodos simples e compostos**

Os períodos podem se constituir de uma oração independente ou período simples ou por mais de uma oração ou período composto.

O período simples já foi apresentado, falta, assim, apresentar o período composto. Este é formado por orações justapostas ou por aquelas ligadas por partículas conjuntivas.

Nas orações coordenadas, a ocorrência do conectivo mĕ "e" é opcional:

pánowa páwko itĕmā  $\emptyset$  tootō pĭr mĕ kĕrmā  
 eu - caça -eu/ir/asp. cont. -(e)- bicho - matar - e -  
 comer - asp. cont.

"eu caço para comer"

tā mrík ĩí ká  $\emptyset$   $\emptyset$ kúr kĕr  
 ele - bicho - carne - assar - (e) - (a)/comer - não

"ele assou carne, mas não a comeu"

Na oração acima houve o apagamento tanto do conectivo, quanto do objeto da segunda oração.

Nas orações justapostas em que não há a presença de uma conjunção o sujeito da segunda oração pode, também, não ocorrer.

Por exemplo:

yókra soáme tĕ  $\emptyset$   $\emptyset$ mĕt kumení  
 Yóko - seus/dentes/para - ir - (e) (os\_dentes)/bonitos -  
 muito

"Yoko vai tratar dos dentes e eles vão ficar bonitos"

tā mičĭ pĭ  $\emptyset$   $\emptyset$  kukrĭt pĭ  
 ele - jacaré/s - matar - (e) - (ee) - anta/s - matar

"ele matou jacaré/se anta/s"

As orações ligadas por partículas conjuntivas se realizam como estão descritas no item : "Partículas".

Por último se registram as orações predicativas e as equativas.

### 3.24. Orações Predicativas

Os pronomes que ocorrem como sujeito de orações predicativas são:

i sĩrɛ "sou pequeno/a"

i čĩr "estou vivo/a"

i čĩ kumenĩ "sou gordo/a"

i kasóyrɛ "sou feio/a"

a sĩrɛ "você é pequeno/a"

a kasóyrɛ "você é feio/a"

a čĩ kumenĩ "você é gordo/a"

ø kasóyrɛ "ele/a é feio/a"

ø čĩr "ele/a está vivo/a"

ø mét "ele/a é bonito/a"

wa mét "somos bonitos/as"

wa kasóyrɛ "somos feios/as"

wa čĩr "estamos vivos/as"

aJa kasóyræ "vocês são feios/as"

aJa mét "vocês são bonitos/as"

aJa kêtú "vocês são barrigudos/as"

nira kasóyræ "eles/as são feios/as"

nira soá póre "eles/as são calmos/as, mansos/as"

nira soyri kumení "eles/as são bravos/as"

Os pronomes marcadores de posse inalienáveis, de objeto, de pessoa nos verbos e os que ocorrem nas orações predicativas são átonos, enquanto os que ocorrem nas orações transitivas são tônicos.

### 3.25. As orações equativas

kwé é uma forma livre (cf. Mattoso Câmara, 1974: 88) que significa "tornar-se/virar e ser", que ocorre em orações equativas.

Por exemplo:

sãtíra kwé Jók "o nome dele é Yoko"

dele/nome - igual a (ser) - Yóko

Kuiwsíra kwé mēropakané mét "Kuiusí é um bom chefe"

Kuiwsí - igual a (ser) - chefe - bom

kātečíra kwé mēníje "a estrela virou mulher"

estrela - virar, tornar-se - mulher

kénra kwé wañí "a pedra virou gente"  
 pedra - virar, tornar-se - nossa/carne

### 3.26. Aspectos Sintáticos de outras Línguas Jê

Apresento, a seguir, algumas considerações que dizem respeito a aspectos gramaticais de línguas da Família Jê. Comparo, ainda que superficialmente, alguns aspectos sintáticos do Kayapó (Txukahamãe) Ka. - Stout & Thomson: 1974 a, b) com o Suyá. Chamo de constituintes periféricos, em Suyá, o que é tratado por Stout e Thomson como Modalidades, em Kayapó.

Stout e Thomson (1974: a) discutem o que chamam de elementos de modalidade, termo que exclui os substantivos e verbos, mas que adicionados a proposição fornecem coerência e relevância ao discurso total de qualquer tipo (Stout & Thomson op. cit.: 69).

Distinguem três tipos de modalidade, devido à maneira de operarem nas proposições: orientação, conexão e conceito.

Orientação/localização geográfica e tempo:

Ka: kôkôbir nẽ gormã akubun bôx  
 kokobiri tp demora voltar chegar  
 "Kokobiri voltou depois de muito tempo"

Su: tára atúńíw pójē  
 ele/marc. de caso - depois de muito tempo - chegar  
 "ele voltou depois de muito tempo"

Ka: kikrekām ja ga mēkarō pumũ  
 casa/em tv 2p retrato ver

Su: ká kíkřéke mēkarō mũ  
 você - casa/em - retratos - ver  
 "veja os retratos dentro da casa"

Orientação/duração + completivo -pa:

Ka: Bír ně krěn pa "Bíri comeu tudo"  
 tp comer tudo

Su: Jókra kukřě ywá "Yoko comeu tudo"  
 Jóko/marc. de caso - obj/comer - tudo

Conexão:

Ka: amũ tě ně rŭm amě "vá embora e o jogue longe"  
 embora ir e longe jogar

Su: kurí tě mrík tí mũ\*taJe kumě  
 embora - ir - bicho - morto - longe - obj/jogar  
 "vá embora e jogue o bicho morto longe"

Ka: bá kubù ně kuga ně kukřě  
 você o/pegar e o/assar e o/comer

"eu o pego, asso e como"

Su: oá tɛp tɪr kuká kukrẽ

eu - peixe - matar - obj/assar - obj/comer

"eu pego o peixe, asso e como"

Conexão/causalidade:

Ka: a nhúr kêt kām ne ga túm

2p sentar não porque e 2p caiu

"você caiu porque não se sentou"

Su: kára atém njú kér na ká tóm

você/marc. de caso - você/cair - sentado - não -  
então - você - cair

"você caiu porque não estava sentado"

Ka: ikrá pumũnh ma ně ba mũm tẽ

1p/filho ver para tv 1p embora fui

Su: ikrá mũn noá tẽ

meu/filho - ver - eu - ir

"fui para ver meu filho"

Ka: i-ye mar kuta ba kujwa arẽ

1p-aux ouvir seguindo 1p dizer também

"como ouço, vou dizer também"

Su: aĵa má ywá aĵamé sarẽ

vocês - saber - tudo - vocês/para - dizer

"vocês ouvem, vão dizer também"

## Conexão lógica/possibilidade:

Ka: ba amã akre ga abí

1p 2p/para mostrar 2p 2p/matar

"vou mostrar- lhe para você o matar"

Su: oámə ñõ arěj ñõ kúr ywá

eu/para - comida - você/dizer - comida - comer -  
toda

"vou lhe mostrar a comida para você a comer"

Ka: prêk ba ku ma

tocar 1p obj- ouvir

Su: tówk oá kumá

tocar - eu - obj./ouvir

"toque para eu ouvir"

Thomson & Stout (1974: b) fazem uma análise baseada na teoria dos casos, para os elementos proposicionais das orações em Kayapó, o que permite, também, uma comparação com o Suyá.

Segundo Stout & Thomson, "definimos os tipos fundamentais de predicados em termos de papéis semânticos que expressam relações existentes na estrutura subjacente. Essa definição evidencia quatro tipos de predicados em Kayapó: três são relacionados na estrutura de superfície, as orações verbais transitivas, intransitivas, bitransitivas, descritivas e semi-

descriptivas, respectivamente: Agente - Paciente (transitiva); Agente (transitiva, intransitiva, bitransitiva e semi-descriptiva); Experimentador - Paciente (transitiva, adjunto-transitiva e descriptiva) e Essivo: é relacionado a um grupo de cinco orações equivalentes na estrutura de superfície a: demonstrativa, identificativa, possessiva, locativa e determinativa (Stout & Thomson, b op. cit.: 35-36)".

Ka: ba amã pijô rê  
       eu para/você fruta colher  
 Su: ywĩsí oá amé nér  
       fruta - eu - você/para - colher  
       "eu colho fruta para você"

Ka: ga àk krě  
       você pássaro comer  
 Su: kára sóy kúr  
       você/marc. de caso - pássaro - comer  
       "você come pássaro"

Ka: ba amã kukrut bí  
       eu você/para anta matar  
 Su: oá amé kukrít tópi  
       eu - você/para - anta - eu/matar  
       "eu vou matar uma anta para você"

Ka: ba muw

eu chorar

Su: pānowa imér

eu/marc. de caso - eu/chorar

"eu choro"

Ka: ba pi'ã            o abĩ

eu árvore- na subir

Su: ywĩro noá pí

árvore - eu - subir

"eu subi na árvore"

Ka: imã krù

mim-a frio

Su: imó krít

eu/para - frio

"eu estou com frio"

Ka: ibê dawi "eu sou Davi"

eu-sou Davi

Su: sítira kwé jók "ele é Yoko"

dele/nome/marc. de caso - igual a (ser) - Yoko

Jefferson (1980) analisando o Kayapó, no que tange às formas reduzidas e longas dos verbos, diz que ambas as formas podem ocorrer tanto com verbos transitivos, quanto intransitivos. O que determina a

distinção entre eles é o ambiente de ocorrência.

Além disso, Jefferson (1980: 5) diz que a ocorrência de formas longas ou reduzidas está vinculada aos pronomes da língua e ocorrem da seguinte maneira:

- a forma pronominal livre é usada com a forma verbal reduzida e
- a forma pronominal presa com a forma plena.

Jefferson (1980) diz, também, que -mã "um sufixo que é agregado a verbos " significa intenção ou pretensão de se realizar uma determinada ação.

Ham, Waller & Koopman (1979) consideram, para o Apinayé, dois tipos de orações principais que nomeiam como diretas e oblíquas. As diretas se referem a uma ação específica, enquanto que as oblíquas se referem a uma condição ou a um costume. Esta última pede sempre uma palavra relacional, com o sujeito indicado por prefixo obrigatório.

No primeiro caso se tem por exemplo: na pa pixô japrô "eu comprei (uma) banana" e no segundo caso a palavra relacional pode ser: kãm/-mã ou kot/-te.

Por exemplo:

inhamã pixô xành "eu gosto de bananas"

kãm pixô xành "ele/a gosta de bananas"

ixte pyka kapõnh "eu (por costume) varro a terra"

kot pyka kapõnh "ele/a (por costume) varre a terra".

Os verbos transitivos, dependendo da maneira como indicam o objeto (implícito ou explícito) podem ser classificados de duas maneiras:

a) os de primeira classe indicam por prefixo, que o objeto está implícito e

b) os verbos de segunda classe indicam às vezes por prefixo, às vezes por mudança na raiz, que o objeto está explícito.

Os verbos têm duas formas de raiz: uma forma comprida que ocorre somente quando o verbo é seguido de outras palavras na mesma frase, e a forma curta, na qual o verbo aparece em posição final na frase.

A forma curta é usada com o objeto explícito, e também com o objeto subentendido, quando duas formas do prefixo ocorrem.

Por exemplo:

pa mōx pĩ "eu mato a vaca"  
 pa kupĩ "eu (a) mato"  
 ka mōx pĩ "você mata a vaca"  
 ka apĩ "você (a) mata"  
 Sit na mōx pĩ "Sit mata a vaca"  
 Sit na kupĩ "Sit (a) mata"

Com objeto subentendido:

pa umĩ "eu (o) asso"  
 pa omu "eu (o) vejo"

Com objeto explícito:

pa ja xumĩ "eu asso isto"

pa ja pumu "eu vejo isto"

A forma comprida, às vezes, exige o prefixo (oclusiva glotal) que indica o objeto subentendido:

pa ?pĩr kêt ne "não mato (objeto singular)"

pa ?aprôr kêt ne "não (o) compro"

pa umĩr kêt ne "não (o) asso"

pa omunh kêt ne "não (o) vejo"

Com o objeto explícito:

pa ja xumĩr kêt ne "não asso isto"

pa ja pumunh kêt ne "não vejo isto"

Os mesmos prefixos ocorrem como objetos nos verbos transitivos, e como sujeitos nos verbos intransitivos. No primeiro caso não haverá objeto pronominal; no segundo ocorre o sujeito indicado por prefixo pronominal, além do pronome pessoal.

Exemplos com os verbos transitivos:

na pa apumu "eu vejo você"

na ka ijaprô "você me procura"

Exemplos com verbos intransitivos:

na pa ixprôt "eu corro"  
 na ka aprôt "você corre"  
 na ?prôt "ele corre"

Os verbos intransitivos pedem sempre que o sujeito seja indicado por prefixo pronominal, além do pronome pessoal. Na primeira pessoa dual inclusiva, este prefixo obrigatório do sujeito é pa e o pronome pessoal do sujeito é pu: na pu pa'prôt "nós corremos (dual inclusivo)"; na pu me pa'prôt "nós corremos (plural inclusivo)".

Alguns verbos intransitivos são regidos por palavras relacionais, que funcionam como preposição que têm o sujeito prefixado: inhmã kry "estou com frio"; Sit mã kry "Sit está com frio".

O mesmo ocorre com alguns verbos transitivos:

inhmã 'kính "eu gosto (dele/a)"; inhmã pixô 'prãm  
 "eu quero banana".

Jack & Jo Popjes (1986) mostram que, no Canela - Krahô, há dez tipos de orações diferentes: orações transitivas; transitivas estativas, em que te (estado habitual) ou mã (estado temporário) ocorrem pospostos ao sujeito da oração, quando este é um pronome; pseudo-transitivas, onde ocorrem as formas longas dos verbos; intransitivas, onde o sujeito pode ser: um

pronome independente, um substantivo ou um marcador de pessoa no verbo. Com a maioria dos verbos intransitivos a forma longa do verbo ocorre, quando este está no passado e o sujeito é um marcador de pessoa no verbo, exceto se houver um substantivo como sujeito. Com uma pequena classe de verbos irregulares, as formas longas dos verbos não ocorrem, a não ser que estes ocorram em posição final da oração.

Quando ocorre a forma curta do verbo, o sujeito pode ser um pronome livre ou um sintagma nominal nas orações intransitivas.

Por exemplo:

ihŋõ kam ca mō "você veio ontem"  
 ontem 2 vir  
 pê ca cre "você cantou (há muito tempo)"  
 DP 2 cantar

Há, também, as orações estativas, adjetivas, identificacional, em que ocorre pê entre o sujeito e seu complemento, existencial, temporal e equacional.

Não há na língua orações passivas e, os constituintes oracionais ocorrem como segue:

- transitiva e transitiva estativa: sujeito-objeto-verbo
- pseudo-transitivas: sujeito-obliquo objeto verbo
- intransitivas, estativas, adjetivas: sujeito-verbo

-equacionais e identificacionais: sujeito-complemento

-existenciais: complemento-sujeito

O número máximo de constituintes periféricos é quatro. O número de constituintes que ocorre entre o sujeito e o objeto ou o verbo não excede a dois.

Nas orações transitivas o objeto é normalmente seguido pelo verbo.

M<sup>c</sup>Leod & Mitchell (1980) dizem que, no Xavante, a ordem dos constituintes oracionais depende do número de palavras e do enfoque da sentença. Por exemplo:

aibö te mo buru u "o homem vai à roça"  
 homem - ele - vai - roça - à  
 buru u te mo "ele vai à roça"  
 awěptsi te dza mo buru u "amanhã ele vai à roça"

As sentenças interrogativas são feitas se acrescentando "E": E buru äma, ma tô iwadzo "você capinou a roça?"

As formas negativas de verbos intransitivos e transitivos em orações independentes são feitas como segue: Tema Verbal Integral + ò (negativo) + di (estativo). Por exemplo: te romhuri ò di "não estou trabalhando" (v. M<sup>c</sup>Leod & Mitchell op. cit.: 80)

Em "orações dependentes o negativo ò precede imediatamente o relacionante dependente (M<sup>c</sup>Leod & Mitchell, 1980: 81)". Por exemplo: te waihu'u ò wamhã wa dza tsadanha "se eu não sei, vou perguntar a ele"

### 3.27. Algumas considerações gerais

Na Morfologia, foram considerados os aspectos de interesse mais imediatos para o presente trabalho.

O interesse principal foi buscar, nas línguas apresentadas e no próprio Suyá, aspectos relativos ao sistema pronominal, devido à complexidade existente neste aspecto, na maioria das línguas da Família Jê.

O quadro do sistema pronominal do Suyá pode ser esquematizado como segue:

1<sup>a</sup> p.s. pá [+ locutor] "eu".

2<sup>a</sup> p.s. ká [+ ouvinte] "você".

3<sup>a</sup> p.s.  $\emptyset$  ~ tá [- locutor/- ouvinte] "ele".

1<sup>a</sup> p.p. aĵ- + pá [+ locutor/- ouvinte/+ outros] "nós  
(exclusivo)".

1<sup>a</sup> p.p. wa + ywíkire [+ locutor/+ouvinte/+ outros] "nós  
(inclusivo)".

1<sup>a</sup> p.p. ku + pã [+ locutor/+ ouvinte/- outros] "nós  
(dual)".

Este pronome, quando acompanhado do sufixo -k<sub>o</sub> se torna sinônimo de wa + ywíkire.

2<sup>a</sup> p.p. aĵ- + ká [- locutor/+ ouvinte/+ outros] "vocês".

3<sup>a</sup> p.p. aĵ- + tá ~ níra [- locutor/- ouvinte/+ outros]  
"eles".

## PRONOMES MARCADORES de POSSE:

	INALIENÁVEIS	ALIENÁVEIS
1a.p.s.	i	in ~ inō
2a.p.s.	a	η ~ ηō
3a.p.s.	ϕ	s ~ sō
1a.p.p.	wa	wanō
2a.p.p.	aĵ ~ aĵa	aĵηō
3a.p.p.	nira	aĵs ~ aĵsa ~ aĵsō

## PRONOMES MARCADORES DE OBJETO

1a.p.s.	i
2a.p.s.	a
3a.p.s.	ku ~ sō
1a.p.p.	wa
2a.p.p.	aĵ
3a.p.p.	aĵsa ~ aĵsō ~ aĵku

## PRONOMES MARCADORES de Sujeito em Orações:

## INTRANSITIVAS

1a.p.s.	i ~ pá
2a.p.s.	a ~ ká
3a.p.s.	ϕ ~ sa
1a.p.p.	wa ~ aĵpá ~ waywíkire ~ kupā
2a.p.p.	aĵa ~ aĵ- ~ aĵká
3a.p.p.	nira ~ aĵsá

	PREDICATIVAS	TRANSITIVAS
1a.p.s.	i	pá / í
2a.p.s.	a	ká / ká
3a.p.s.	∅ ~ sa	O ~ tá / —
1a.p.p.	wa	aĵpá ~ waywíkire ~ kupā / wá
2a.p.p.	aĵa	aĵká / —
3a.p.p.	níra	aĵtá ~ níra / —

O Suyá, diferentemente de outras línguas da Família Jê, apresenta uma série de sufixos, marcadores de caso que ocorrem sobretudo com os constituintes que têm as funções de sujeito e objeto direto nas orações. Não foi possível determinar todas as alomorfias, que por ventura existam, já que em muitos casos não foram registrados dados suficientes. Entretanto, nesta primeira abordagem, observou-se que esses sufixos ocorrem como segue:

nówa: pá e aĵpá

-rɛ: í , wá e ká

-ra, -ma, -na, -ŋa, -ta: ká, tá, aĵká e aĵtá; além dos substantivos.

Convém lembrar, ainda, que em outras línguas da Família Jê há, também, marcadores de plural para as formas pronominais: Xavante "norí", "dõrĩ", Xerente

"dõrĩ", Kayapó "mẽ ~ ar ~ ari", Apinayé "mẽ". Ar ~ ari em Kayapó é prefixo, tanto quanto aĩ- o é em Suyá.

kupã (1<sup>a</sup> p.p.) "dual" em Suyá corresponde à forma guba do Kayapó e a puva (dual inclusivo) em Apinayé.

waywĩkire corresponde a bame do Kayapó e a pame do Apinayé.

Em Suyá ocorre -ɣwá, enquanto que em Kayapó ocorre -pa.

aJamẽ do Suyá correspondem abem/game do Kayapó e mẽ do Apinayé.

A forma anĩ (descrição apresentada em um trabalho de 1991) do Suyá corresponde a forma amĩm do Kayapó.

As informações mais relevantes sobre alguns aspectos da estrutura sintática do Suyá foram apresentadas, somando-se a retomada das informações sobre a estrutura morfológica dos verbos na língua. A isto se acrescentou um breve resumo de aspectos sintáticos das línguas: Kayapó, Apinayé, Canela-Krahô e Xavante. De um modo geral. Além disso, foi feita uma breve comparação entre aspectos da estrutura sintática do Suyá e o Kayapó, podendo-se resumir as análises como segue:

- para as línguas Xavante, Apinayé, Canela-Krahô e Kayapó, os autores registram a ocorrência de formas longas e formas breves para os verbos. Para o Kayapó, Jefferson (1980) diz que as formas longas ou reduzidas

dos verbos podem indicar tanto um verbo transitivo, quanto intransitivo. O que determina a distinção entre eles é o ambiente de ocorrência.

Além disso, Jefferson diz, também, que a ocorrência de verbos com formas longas ou reduzidas está vinculada aos pronomes do Kayapó da seguinte maneira:

- a forma pronominal livre é usada com a forma verbal reduzida e
- a forma pronominal presa com a forma verbal plena.

Em Apinayé, Ham & Waller & Koopman (1979) quando tratam dos verbos transitivos dizem que os verbos transitivos em Apinayé podem ser classificados em dois tipos, dependendo da maneira de como indicam o objeto, quando este está implícito ou explícito. Os verbos têm duas formas de raiz: a forma comprida que ocorre somente quando o verbo é seguido de outras palavras na mesma frase, e a forma curta, na qual o verbo aparece em posição final na frase.

A forma curta é usada com o objeto explícito, e também com o objeto subentendido, quando duas formas do prefixo ocorrem.

Para o Canela- Krahô, Jack e Jo Popjes (1986) dizem que com a maioria dos verbos intransitivos, a forma longa do verbo ocorre no passado e o sujeito é um prefixo agregado ao verbo ou uma frase nominal. Com uma pequena classe de verbos intransitivos irregulares, a forma longa do verbo não ocorre no passado, a menos que o verbo não

seja o último constituinte da oração. Quando a forma curta do verbo ocorre, o sujeito deve ser um pronome independente ou uma frase nominal.

kwé ocorre, em Suyá, nas orações equativas, enquanto que em Kayapó ocorre bê. Em Apinayé a forma é pê.

Em Kayapó (Jefferson, 1980) e em Apinayé (Ham, Waller & Koopman, 1979) interpretam esses elementos como formas presas aos pronomes átonos. Em Suyá kwé ocorre como forma livre.

Em Kayapó há marcas de tempo (ne/ja), enquanto no Suyá isto não foi registrado e; há, aparentemente, uma ordem fixa dos constituintes oracionais em Kayapó. O mesmo não acontece em Suyá.

A ocorrência de verbos nas formas longas ou plenas, que em Apinayé se condiciona pela presença da oclusiva glotal indicando objeto implícito; em Canela-Krahô ocorre com os verbos pseudo-transitivos, intransitivos no passado e com os verbos irregulares em posição final de frase. No Txukahamãe esta forma verbal está condicionada pelo contexto e exige a presença de uma forma pronominal presa;

- a forma verbal reduzida ou curta ocorre no Apinayé em final de frase com a presença obrigatória do objeto, enquanto que no Txukahamãe está, também, condicionada pelo contexto e exige a ocorrência de uma forma pronominal livre. Para o Canela-Krahô a forma

curta do verbo não é muito discutida pelos autores.

Por último, cabe lembrar que aspectos da sintaxe do Suyá já foram considerados em trabalhos anteriores. Esses se constituíram em análises preliminares, dos quais faço um breve resumo neste momento.

### 3.28. Análises prévias de aspectos sintáticos do Suyá

Em 1970, apresento um trabalho em que discuto o papel semântico do substantivo tendo como determinante o verbo, além de uma breve apreciação dos marcadores de posse e dos substantivos.

Como suporte teórico para a análise, utilizo as propostas de Andrews (1985) e Chafe (1989), mostrando que as funções gramaticais dos substantivos, em uma oração, estão relacionadas com três tipos básicos de papéis que desempenham: semântico, pragmático e gramatical.

As funções semânticas e pragmáticas se referem ao significado das orações, enquanto que as gramaticais dizem respeito à estrutura da língua.

Mostro que a língua tem uma estrutura SOV, como por exemplo: mēñiyera i mũ "a mulher me vê" (em que mēñiyera "mulher/marc. de caso - sujeito i "me" - objeto direto mũ "ver" - verbo); e que o papel desempenhado pelo substantivo, na oração, depende das especificações

semânticas dos verbos. Além disso, descrevo os sufixos que ocorrem agregados aos substantivos que ocupam a posição de sujeito da oração, apresentando os seguintes esquemas:

V	Paciente	Agente
[ + processo ]	N	N (-ra ~ -nówa)
[ + ação ]		

V	Paciente
+ processo	N (-ra ~ -ta)

V	Agente
+ ação	N (-ra ~ -nówa)

V	Paciente
+ estado	N (-ra ~ -nówa)

Em 1991, em uma descrição morfológica e sintática da língua, discuto aspectos da estrutura oracional, além da reflexividade.

Mostro que anĩ é o pronome reflexivo, que ocorre como forma livre, sendo anteposto ao verbo, como por exemplo: pánowa anĩ yasé "eu me assustei"

eu - a mim mesma - assustar

Quanto às estruturas oracionais se tem como exemplos:

měníyera i mũ

S O V

mulher - me/vê

"a mulher me vê"

jilétero oá anĩ nú

Adv. S Ref. V

gilete/com - eu - a mim mesma - cortar

"eu me cortei com a gilete"

mēmíyera tutéro ŋračíme krwáme

S Adv. O. I./na V

homem - espingarda/com - paca/na - atirar

"o homem atirou na paca com a espingarda"

mēmíyera tutéro ŋračí pĩ

S Adv. O.D. V

homem - espingarda/com - paca - matar

"o homem matou a paca com a espingarda"

Os trabalhos envolvendo aspectos morfológicos e sintáticos, realizados por mim nessas ocasiões, não contemplaram uma análise mais detalhada das partículas sufixais que ocorrem junto aos constituintes que ocupam as posições de sujeito e de objeto direto no Suyá: os marcadores de caso (v. "Partículas").

A análise da estrutura oracional mostrou desde as primeiras observações, que na língua ocorre,

redundantemente, o objeto direto; quando este se encontra longe do verbo, ele co-ocorre na forma de um pronome (ku-) agregado como prefixo junto ao verbo.

Em relação à posição dos constituintes oracionais, uma outra posição é tomada, neste trabalho, já que foi observado que a língua não possui uma ordem fixa daqueles elementos.

## 4. CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA LINGUISTICA JÊ

### 4.0. PANORAMA DOS ESTUDOS JÁ REALIZADOS

O trabalho que me propus realizar num primeiro momento contemplava única e exclusivamente a descrição de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua Suyá.

Entretanto, durante o desenrolar do trabalho, percebi que a descrição de uma língua pouco conhecida, como é o Suyá, preenchia apenas uma faceta de um trabalho mais amplo, qual seja o de comparar os estudos por mim realizados com aqueles feitos por outros pesquisadores para línguas classificadas como pertencentes à Família Jê. Assim, nos capítulos anteriores, apresentei uma descrição de aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe do Suyá, alguns poucos aspectos estruturais de outras línguas da Família Jê para servir de subsídios para uma breve comparação, além dos trabalhos realizados previamente com o próprio Suyá.

Falta, ainda, apresentar os trabalhos de caráter histórico-comparativos feitos por pesquisadores, para a Família Jê, nos quais estão incluídos dados relativos à língua Suyá. Esta é a proposta deste capítulo, somando-se a isto uma breve discussão a respeito da questão língua/dialeto que envolve a classificação de línguas e, obviamente, das línguas

indígenas brasileiras.

Não é meu interesse discutir, neste trabalho, os procedimentos metodológicos nem tão pouco os critérios de classificação utilizados pelos pesquisadores. O objetivo é buscar, nas análises já feitas, os resultados obtidos para a identificação das línguas da Família Jê, na qual o Suyá está incluído.

Em 1959, Mattoso Câmara faz uma análise comparativa das línguas Jê: Akroá (Ak.), Apinayé (Ap.), Kayapó do norte (Kay.), Krahó (Kra.), Kren-yé (Kre.), Mehin (Me.), Piokobié (Pi.), Rankokamekra (Ra.), Suyá (Su.), Tayé (Ta.), Xavante (Xa.) e Xerente (Xe.), utilizando-se para isso de um vocabulário de 30 palavras, onde 13 itens se referem a partes do corpo, 8 a coisas da natureza, 3 nomes de animais, 3 adjetivos, 2 nomes de parentesco e 1 verbo.

Com o intuito de se chegar ao semantema radical puro, segundo Mattoso Câmara, é necessário se analisar primordialmente os afixos. Os afixos encontrados na comparação das treze línguas foram os seguintes:

**PREFIXOS:**

- a-: 1<sup>a</sup> pessoa singular
- ai-: (var. ain-): 2<sup>a</sup> pessoa singular
- ar-: deduzível como prefixo secundário de certos radicais
- aruá-: prefixo de valor obscuro
- as-: (var. assî-, assü-): 3<sup>a</sup> pessoa do singular

da-: (var. deduzível dan-): 1<sup>a</sup> pessoa do singular

hi-: (var. ho-, hu-, ha-, h-, hün): 3<sup>a</sup> pessoa do singular

i-: (var. ii-, in): 1<sup>a</sup> pessoa do singular

ni-: (deduzível ne-, n-): demonstrativo

-om-: índice de predicção do possessivo

pa-: (var. pa?-, pan-): 1<sup>a</sup> pessoa dual

sa-: (var. so-, sö-, soi-, sü-, su-, si-, s<sup>y</sup>i-, se-, ca-, za-, ze-):

deduzível como demonstrativo

reforçador do prefixo possessivo

yo-: (var. ya-, yu-, yi-, yi-, yom-):

demonstrativo reforçador do prefixo possessivo

ta-: (var. da-): deduzível como elemento secundário de certos

radicais, ocorrendo ta- em Kayapó

wa<sup>1</sup>: (var. woa- e wan-): 1<sup>a</sup> pessoa singular, sendo que em Suyá é prefixo possessivo

ka-: prefixo verbal da 2<sup>a</sup> pessoa singular

ku: verbo auxiliar "fazer"

#### SUFFIXOS:

-re: (var. -we, -ra): diminutivo

-ti (var. -tei, -dei): aumentativo

Sufixos vocálicos variados, que podem muitas vezes ser uma vogal paragógica

---

1: Nos dados coletados, por mim, pude demonstrar que na 1<sup>a</sup> p. s. ocorre oá, transcrito por Mattoso Câmara "wa".

-one: (var. -ene): sufixo verbal

Segundo Mattoso Câmara, as mudanças fonéticas apresentadas podem ou não representar distinções nos sistemas de fonemas. As mudanças consideradas pelo autor foram, mais especificamente, o consonantismo (lambdacismo, a aspiração, labiovelarização, redução da oclusiva velar aspirada ou não etc) e vocalismo (elevação ou abaixamento do timbre vocálico, labialização das vogais não-labiais, vocalização do r para i ou do n.

A aplicação dessas mudanças fonéticas ao material coletado permite um agrupamento classificatório dos radicais decorrentes de uma forma-base que melhor favorece a análise descritiva e que a experiência geral da evolução fonética nos autoriza a postulá-la como ponto de partida evolutivo (cf. Mattoso Câmara, 1959: 12).

O exame dos resultados comparativos, segundo Mattoso Câmara, em relação às mudanças fonéticas, põe em evidência mudanças preferenciais para certas línguas, que concorrem para destacá-las de outras, como por exemplo k > x em Tayé, Kren-yé e Mehin.

O tratamento dado às oclusivas pré-nasalizadas, por exemplo, demonstra que, no mesmo subgrupo, o Kayapó mostra uma nasalização mais sistemática do que o Suyá.

Como a desocclusão do Kren-yé, Mehin e Tayé parte de variantes orais, se cria uma distinção entre o Kayapó e Suyá de um lado, e, de outro, as demais línguas

do sub- grupo.

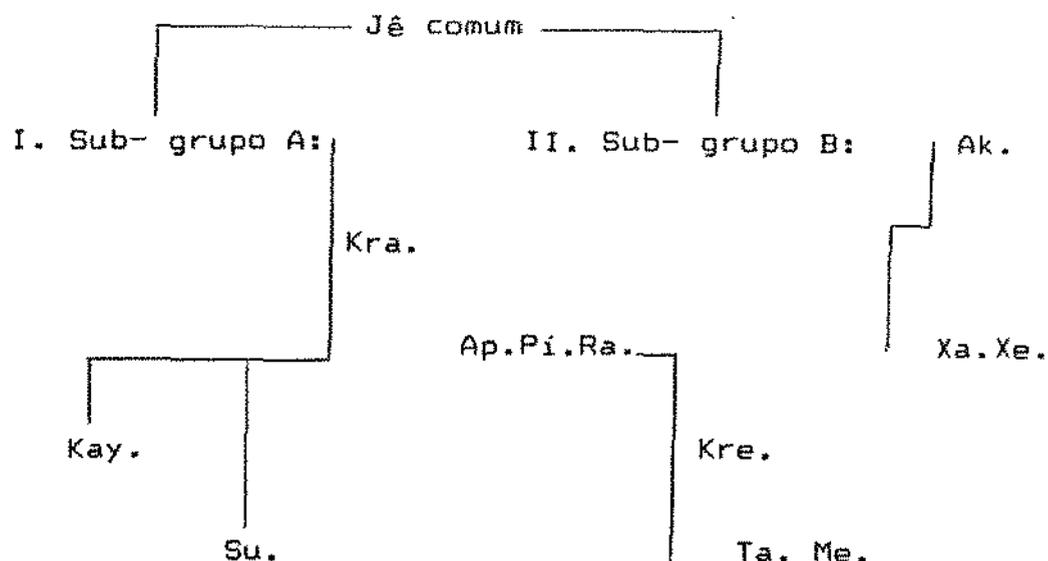
Quanto ao par Kayapó/ Suyá, é evidente um estado mais evoluído da segunda dessas línguas, que apresenta anaptixes, assimilações, a desocclusão da labial e um tratamento próprio da cacuminal.

Quanto às variantes radicais, nota-se uma oposição básica de radicais entre o sub- grupo do Akroá/ Xavante/ Xerente, de um lado, e de outro, o das demais línguas. Aqui o Suyá oferece uma forma radical mais evoluída. As próprias mudanças fonéticas preferenciais concorrem para distinguir nas línguas restantes o sub- grupo secundário Kren- yé, Mehin e Tayé bem como o Kayapó, a que se relaciona o Suyá, com sua oclusiva nasal, em face da oral das demais línguas, quando se trata de uma pré- nasalizada primitiva.

Segundo Mattoso Câmara, há uma lei fonética que coloca o Kayapó e até certo ponto o Suyá num sub- grupo à parte, em face das outras línguas Jê, porque: a presença de /m/ nessas duas línguas, quando nas demais há /p/ ou /mp/ com variantes [b] e [mb]. Nas línguas Jê que só têm /p/ ou /b/ houve a confluência de dois fonemas primitivos /p/ e /mp/. Esta última é que deu /m/ em Kayapó, com menos plenitude em Suyá em virtude da propagação da ressonância nasal a toda a articulação da consoante; daí, o Kayapó mak orelha, em face de pak e mbak em outras línguas Jê. (Mattoso Câmara, 1977: 162).

Por fim, Mattoso Câmara propõe o seguinte

quadro classificatório:



Para exemplificar a noção de vocábulo, enquanto forma livre ou dependente, em uma língua em que se desconhece sua estruturação gramatical Mattoso Câmara (1977: 47 - 63) propõe que se examine palavras de línguas próximas entre si. Para tanto, utiliza-se da palavra "orelha" e analisa como ela ocorre em certas línguas Jê.

Em Apinayé, por exemplo ocorre ambak; em Kayapó i-amak, yamak e iamagn; em Kren-yé payapag; em Mehín iyapagn; em Rankokamékra payapagn; em Tayé payapag. De acordo com Mattoso Câmara, aplicando-se o método da comutação se tem pag ou pagñ. A consoante final pode ser atribuída a variantes de um mesmo fonema (uma oclusiva posterior surda, sonora ou sonora com final nasalizado). magñ do Kayapó, corresponde à pagñ do Mehín, sendo que no primeiro ocorre m como elemento inicial e no segundo p.

Em Apinayé ambak (com [k] surdo, variante evidente de [g] e [gn]) apresenta uma articulação nasal seguida de articulação oral, que ao contrário de pag, pagn é b sonoro. A natureza sonora se explica pela pré-nasalidade, o que dá como resultado um elemento mb correspondente a p das outras formas e que vai nos explicar a forma magn, mak do Kayapó; devendo-se considerar o fonema mb (/<sup>m</sup>b/) de ambak o fonema básico, de que decorre p, pela perda da pré-nasalidade, e m, em Kayapó, pela ampliação da nasalidade a toda articulação consonantal (Mattoso Câmara, 1977: 51). Assim: a-: ambak, payä-: payapagn, ya-: yamak, i-: iyapagn.

Para Mattoso Câmara esta análise permite que se deduza a existência de quatro formas mínimas, que são partículas de posse e formas presas, cujas funções são: pa-: função de indicar a pessoa que fala e mais outra (nós/dual); ya-: elemento secundário pronominal; a- sendo sinônimo de i-: referente ao próprio falante (cf. Mattoso Câmara, 1977: 51 - 52).

Davis (1966) propõe uma análise comparativa para línguas da Família Jê, utilizando-se das listas de palavras de Harald Schultz<sup>2</sup> e Vaughn Collins (1962). Para o Suyá, estabelece o seguinte quadro fonêmico: consoantes: /p t c k t<sup>h</sup> k<sup>h</sup> m n n<sup>y</sup> ŋ w r j s h/ vogais orais: /i y u e e o e ʌ o a/ vogais nasais: /i<sup>n</sup> y<sup>n</sup> u<sup>n</sup> e<sup>n</sup> ʌ<sup>n</sup> o<sup>n</sup> a<sup>n</sup> /.

---

2: Aos dados de Harald Schultz não tive acesso.

Davis (op. cit: 11) considera que o Apinayé, na sua relação com o Proto-Jê, é em muitos aspectos também representativo dos dialetos Kayapó do Norte. Os dados do Kayapó apresentam um único traço fonológico importante que não é compartilhado com o Apinayé: um contraste entre oclusivas não-nasais vozeadas e oclusivas vozeadas que ocorre em ambientes restritos na primeira língua (cf. Kayapó ga "você" e kΛ "pele", mas em Apinayé ka e kΛ respectivamente).

Em Suyá, segundo Davis (op. cit: 14), \*k ocorre mais freqüentemente em posição medial, porém ocasionalmente em posição inicial também. Ao mesmo tempo k<sup>h</sup> tem ocorrência mais freqüente em posição inicial, ocorrendo, ainda no meio da palavra em posição de morfema inicial, por exemplo: \*ki "cabelo" - Suyá: (wa) k<sup>h</sup>i<sup>n</sup>. Em \*kok "vento" - Suyá: k<sup>h</sup>ogo ocorre g como um reflexo medial de k, mas o estatuto fonêmico desse som é incerto. Considerando que a língua se constitui de fato numa sub-divisão de outros membros da família Jê; Davis propõe que o Suyá tenha uma derivação direta do Proto-Jê.

Já, em 1985, Davis analisando as relações lingüísticas do Tronco Macro-Jê defende o ponto de vista de que o Apinayé e diversos dialetos do Kayapó do norte se constituem num bloco a parte e que juntamente com a língua Suyá compõem a sub-família Jê do Noroeste do Brasil.

Rodrigues (1986: 47 - 55) considera, mais objetivamente, as questões relativas à análise comparativa no que tange ao Tronco Lingüístico Macro-Jê. Para o autor não há evidências muito clara para o reconhecimento de um tronco lingüístico Macro-Jê, da mesma maneira que se tem para o Tupi; isto porque são as línguas do Tronco Tupi as mais estudadas até o presente momento.

As línguas pertencentes à família Jê, o constituinte maior do tronco Macro-Jê, são as seguintes: Timbira, que compreende as línguas do índios Canela; Krenjê; Parakáteye ou Gavião do Pará; Krahô; Kayapó, que compreende, entre outras as línguas dos Gorotire e Xikrin, além da dos Txukahamãe, no Parque Indígena do Xingu; o Akwén, que inclui o Xavante, Xerênte, Xakriabá, Kaingáng e o Xoklêng.

As línguas dos Suyá, Kren-akarore e provavelmente também dos Tapayuna (Beijo de Pau) no Alto Xingu, estão aparentadas mais estreitamente com o grupo Kayapó. O mesmo se dá com a língua dos Apinayé, apesar de seus falantes se considerarem descendentes dos Timbira, hoje seus vizinhos mais próximos. Segundo o autor, a diferença entre Timbira e Kayapó não é muito grande, em contraste com o grupo Akwén e, sobretudo, com o Kaingáng. Este é, realmente, o grupo mais diferenciado dentro da família Jê.

Além da correspondência regular entre os sons

e da identidade histórica de um certo número de palavras, as línguas das famílias propostas como membros do tronco Macro-Jê têm em comum também algumas características gramaticais. A maioria das línguas do tronco Macro-Jê distingue duas terceiras pessoas possuidoras, além da primeira ("meu") e da segunda ("teu"). Uma terceira pessoa é não reflexiva ("dele"), a outra é reflexiva ("dele mesmo").

O tronco Macro-Jê compreende um grande número de famílias, além da família Jê. A constituição do tronco Macro -Jê é altamente hipotética ainda.

Pode-se distinguir nos componentes do tronco Macro-Jê um conjunto a leste da família Jê, formado pelas famílias Purí (Coroado), Botocudo, Maxakalí, Kamakã e Karirí e mais as línguas Masakarã e Yatê (Fulniô), e outro conjunto a oeste daquela família, formado pela família Boróro e pelas línguas Ofayé, Guató e Rikbaktsá. A família Karajá, no Araguaia, situa-se entre dois sub-grupos da família Jê, o Kayapó a oeste e o Akwén a leste. Esta é, entretanto, uma distribuição puramente geográfica; não temos até agora evidências de que as línguas mais a leste ou mais a oeste apresentem todas maior afinidades entre si.

Em um artigo de 1989, apresento uma proposta de análise de três línguas Jê: Apinayé, Kayapó e Suyá em que faço uma breve discussão sobre língua/dialeto, referentes às línguas em questão, propondo que a

distinção entre língua e dialeto se baseie na noção de "inteligibilidade mútua" (Hock, 1986) e que esta (inteligibilidade mútua), por sua vez, seria então um reflexo das similaridades lingüísticas entre diferentes variedades de fala. Concluí que por estarem os Kayapó e os Suyá próximos geograficamente, e pela influência que aqueles exercem sobre os grupos étnicos do médio e baixo Xingu, tanto do ponto de vista cultural, quanto político e também lingüístico, poder-se-ia pensar na possibilidade de se tratar de dialetos. Além disso, observei que os fenômenos de mudança fonética mostram em alguns casos que o Suyá se encontra num estágio diferente do Kayapó e do Apinayé e que, aparentemente, seria o Apinayé a língua que mais se aproxima do Proto-Jê reconstituído por Davis.

Em 1992, retomo a questão da distinção entre língua/dialeto no que diz respeito às línguas indígenas e apresento como resultado:

- que em relação aos povos autóctones ou às minorias étnicas do Brasil dificilmente questões relativas à distinção entre língua e dialeto são colocadas. Assume-se que são línguas.

Entretanto, algumas evidências têm mostrado que um estudo mais aprofundado deve ser feito, numa tentativa de se precisar a terminologia utilizada. Isto significa, ao meu ver, que os termos dialeto/língua são empregados, em alguns casos, indistintamente.

Assim, a questão que se coloca é: a distinção entre língua e dialeto se aplica às línguas indígenas brasileiras ou não?

A resposta a essa pergunta é, até o presente momento, não, porque a maioria dos estudos que se realizaram dificilmente trazem alguma discussão mais aprofundada sobre o assunto.

O tratamento dado por Rodrigues (1986) ao analisar o tronco Macro-Jê é um dos exemplos que se pode dar. A sub-divisão da família Jê nos grupos Timbira e Kayapó é problemática, já que como o próprio autor registra: "É verdade que a diferença entre Timbira e Kayapó não é muito grande" (Rodrigues op. cit: 47 - 48).

Ainda no mesmo capítulo (p. 48), o autor considera que as línguas da família Jê do Xingu estão aparentadas mais estreitamente com o Kayapó. O mesmo se dá com a língua dos Apinayé, em Goiás, apesar de seus falantes se considerarem descendentes dos Timbiras.

Segundo Lyons (1979), o uso da expressão "estritamente aparentado(a)s" se aplica tanto a dialetos, quanto a línguas. A diferença entre língua e dialeto se faz por aspectos culturais e políticos e não somente por parentesco genético.

O mesmo problema acontece quando Rodrigues analisa o Tronco Tupi, que, segundo o autor é o mais bem conhecido e estudado (capítulos 2 e 3: 17 - 46). Às páginas 18 e 19, Rodrigues afirma que: "Falam-se no

Brasil, hoje em dia, umas 170 línguas indígenas. Quantas, exatamente, não sabemos, porque línguas são coisas muito difíceis de se contar. Mesmo quando se adquire conhecimento razoável das línguas, ainda restam problemas técnicos, como a definição de dialeto, a distinção entre formas antigas e modernas do que pode ser uma mesma língua. Naturalmente, o maior número de línguas indígenas desapareceu nas áreas que foram colonizadas há mais tempo e mais intensamente, constituídas pela região Sueste e pela maior parte das regiões Nordeste e Sul do Brasil. Uma exceção aparente são os grupos de falantes de Guaraní (dialetos Nhandéva e Mbiá p: 19) no leste paulista e no litoral dos estados do Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo."

O autor diz, ainda, que as línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família lingüística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior. O conhecimento dessas línguas (ou de, pelo menos, certas características delas) é obtido mediante estudos históricos-comparativos que, partindo da descoberta de correspondências regulares (de sons, de palavras, de formas gramaticais) entre duas ou mais línguas, formulam hipóteses sobre as propriedades que

devia ter uma língua ancestral para permitir (e explicar) a derivação diferenciada das línguas atuais (Rodrigues op. cit: 29).

O autor, no capítulo 2, diz, também, que o resultado de um estudo comparativo é o reconhecimento da existência de uma língua anterior às línguas comparadas, com pelo menos propriedades tais que permitem explicar a presença de elementos comuns nessas línguas. (Rodrigues op. cit: 31). Mais importante que a semelhança entre palavras para o mesmo conceito em diferentes línguas, como prova de origem comum, é a regularidade nas correspondências de sons (Rodrigues: 1986: 44).

O autor faz uma comparação entre o Tupí e o Guaraní antigos e à p. 33 retoma o Mbiá como um dos exemplos da dispersão geográfica das línguas da família Tupí-Guaraní, defendendo o ponto de vista de que em consequência destas migrações mais recentes, a língua Mbiá é hoje o idioma tupí-guaraní mais distribuído geograficamente.

O fato de Rodrigues ter considerado à p. 19 o Mbiá como dialeto e à p. 33 como língua, é uma demonstração de que a distinção entre língua/dialeto não é de todo observada, pelo menos no que tange às línguas indígenas brasileiras.

Para se fazer a distinção entre língua/dialeto, considere os pressupostos teóricos encontrados em Haugen (1966), Hock (1986), Trudgill

(1981) e Lyons (1979).

Apresento, aqui, um sucinto resumo desses autores e a que conclusão pude chegar até este momento:

Haugen (1966) demonstra que:

- a) há uma ambigüidade no uso dos termos língua e dialeto, se se parte do uso original deste último - dialeto se refere aos dialetos literários da antiga Grécia ;
- b) para o estabelecimento da relação entre língua e dialeto deve se considerar tanto os aspectos lingüísticos quanto os sociais;
- c) na Europa, o desenvolvimento de um idioma (vernacular), popularmente chamado um dialeto, em uma língua está intimamente relacionado com o desenvolvimento da escrita e o crescimento do nacionalismo. Este processo envolve a seleção, codificação, aceitação e elaboração de uma norma lingüística.

Para o autor, do ponto de vista diacrônico, uma língua pode ser o resultado de um processo divergente ou convergente. O processo histórico pode se repetir e, se isto se dá, os termos língua/ dialeto são ciclicamente aplicáveis. Entretanto, o termo língua será sempre o subordinante, enquanto o termo dialeto será o subordinado.

Do ponto de vista sincrônico, Haugen diz que uma língua pode ser o resultado de uma única norma lingüística ou de um conjunto relacionado de normas.

Além destes dois aspectos: o diacrônico e o

sincrônico, há o que Haugen chama de comportamento lingüístico - ou funções sociais da linguagem - que é mais um fator a se considerar na distinção entre língua e dialeto.

Do ponto de vista social dialeto é um termo que sugere uma classe social mais baixa ou uma fala informal ou rural e língua está relacionada com o protótipo de fala da classe social mais alta; e além disso, as distinções envolvendo o uso dos termos língua e dialeto implicam em um aspecto estrutural e um funcional.

O primeiro implica uma descrição da língua, considerando-se as relações genéticas e o segundo uma descrição de seus usos sociais na comunicação, considerando-se os usos que os falantes fazem dos códigos que eles dominam.

Então, Haugen considera que um idioma (vernacular) se transforma em uma língua-padrão, quando se estabelece uma relação entre língua e nação: toda nação tem uma língua.

Haugen, em relação à noção de língua-padrão, assume as posições de Ferguson que diz que para tanto é preciso considerar dois aspectos: o grau de padronização e sua utilização na escrita.

Por último, Haugen chama a atenção para os quatro aspectos do desenvolvimento de uma língua que foram isolados como sendo os traços cruciais dos estágios a serem considerados, para se distinguir dialeto de

língua e idioma (vernacular) de língua-padrão: seleção da norma, codificação da forma, elaboração da função e aceitação pela comunidade; onde seleção e aceitação se referem à sociedade e codificação e elaboração se referem à língua.

Haugen mostra que o termo dialeto se identifica num primeiro momento com as normas relacionadas à escrita: distintos dialetos estão relacionados pelas normas escritas.

Segundo o autor, os dialetos podem ter em comum apenas a representação gráfica igual e um parentesco genético, mas são fundamentalmente verdadeiras línguas. Para Haugen, o que importa é considerar a estrutura lingüística não desvinculada da estrutura social.

Hock (1986) discutindo a noção de língua e dialeto diz que, se as variedades de fala são relativamente semelhantes umas com as outras e se as divergências são relativamente pequenas, têm-se, então, 'dialetos' de uma mesma 'língua'.

Uma língua, então, é a totalidade de tais dialetos quer eles sejam padrão ou não, urbano ou rural.

Idealmente, a distinção entre língua e dialeto está baseada na noção de 'inteligibilidade mútua': dialetos da mesma língua seriam mutuamente inteligíveis, enquanto línguas diferentes não. A inteligibilidade mútua, por sua vez, seria então um

reflexo das similaridades lingüísticas entre diferentes variedades de fala.

Para Hock, dialetos são variantes de fala que apresentam poucas divergência entre si, enquanto que as línguas apresentariam grandes divergências. Para o autor, o que importa são as estruturas lingüísticas, sendo que a estrutura social não está vinculada àquelas.

As propostas de Haugen e Hock se opõem frontalmente, na medida em que para o primeiro o fato de haver uma estrutura social aparentada e esta estar vinculada à estrutura lingüística, não é suficiente para que se fale em dialetos.

Já Hock considera que a estrutura lingüística não está vinculada à estrutura social e que se há poucas divergências lingüísticas se pode falar em dialetos.

Para Trudgill (1981), não há nenhuma relação entre cultura e raça e, portanto, não se pode dizer que os grupos aparentados racialmente falem necessariamente línguas aparentadas. O autor afirma que alguns grupos são diferenciados por usarem diferentes variedades de uma mesma língua; entretanto, se pode detectar através das pistas lingüísticas o passado étnico comum.

Para Lyons (1979), um dos efeitos imediatos e mais importantes da preocupação do séc. XIX com a evolução das línguas foi a observação de que as modificações das formas das palavras e das locuções, nos textos escritos e nas inscrições antigas em geral se

podiam se explicar com base em mudanças atestadas ou postuladas na correspondente língua falada (leis fonéticas).

As diferenças entre línguas e dialetos estreitamente aparentados são, em sua grande maioria, políticas e culturais, ao invés de lingüísticas. De um ponto de vista estreitamente lingüístico o que geralmente se considera como línguas são apenas dialetos que, por acidentes históricos, se tornaram importantes política ou culturalmente.

Preliminarmente, nesta primeira etapa de análise pude concluir que, em relação aos estudos das línguas indígenas brasileiras, o termo dialeto poderia ser empregado a elas se as análises das estruturas lingüísticas fossem mais abundantes e sistemáticas, para que se pudessem fazer estudos históricos-comparativos melhores.

Além disso, os estudos com línguas xinguanas são, ainda, muito precários. No que tange à Família Jê se tem até o presente momento o seguinte quadro: para o Kayapó há trabalhos realizados por pesquisadores do Summer Institut of Linguistics (S.I.L.); para o Suyá há análises preliminares da fonologia, morfologia e sintaxe; para o Panará há uma análise fonêmica e para o Tapayuna há um estudo preliminar da fonologia da língua (v. Análises já apresentadas no corpo deste trabalho).

Não há, entretanto, nenhum estudo que

relacione os aspectos lingüísticos e culturais dos povos xinguanos.

Os estudos antropológicos sobre esses povos também se resumem aos Kayapó, feitos por Vanessa Léa e aos Suyá, feitos por Anthony Seeger. Não tive acesso aos trabalhos sobre o Panará e desconheço se há algum trabalho nesta linha sobre os Tapayuna.

Estudos sociolingüísticos que levem em consideração elementos históricos, tais como chegada e migração no Parque Indígena do Xingu, os primeiros contatos com outros grupos e com os não índios; a entrada de serviços de base no Parque (postos, por exemplo); a troca das atividades produtivas; elementos de organização tribal, como por exemplo: a organização familiar e política; os processos econômicos; a organização cultural e a organização das práticas comunicativas tribal ou não, ainda estão por se fazer.

Seki (1989) propõe uma proximidade a nível fonético e lexical entre o Suyá e o Tapayuna, levando a concluir que estamos diante de uma mesma língua ou dialetos muito próximos entre si, estritamente aparentados<sup>3</sup> ao Txukahamãe. Essas constatações apontam a necessidade de se rever a classificação proposta por Rodrigues (1986), relativamente à posição do Suyá e do Tapayuna dentro da família Jê.

---

3: Grifos nossos, já que a autora utiliza a proposta de Rodrigues (1986).

A comparação dos dados revela que formas reconstruídas como idênticas no Proto-Jê\* (40, 41; 43, 44) têm diferentes reflexos tanto no Suyá (Su) e Tapayuna (Ta) como no Txukahamãe (Tx).

Seki afirma que esses diferentes reflexos não se explicam pelo contexto e que há regularidades na correspondência entre eles nas línguas em exame.

A autora conclui que as reconstruções propostas são problemáticas e devem ser revistas.

Os dados (40, 41; 43, 44) citados por Seki (p. 607) são:

- \*pa "braço" pwa (Su, Ta), pa (Tx);
- \*pa "eu" pa (Su, Ta), ba (Tx);
- \*pĩ "árvore, pau" pwi (Su, Ta), pi (Tx),
- \*pĩ, pĩr "matar" pĩ (Su, Ta), bí (Tx)", respectivamente.

---

4: As reconstruções relativas ao Proto-Jê são as de Davis (1966), como diz Seki (op. cit: 606).

## REFERÊNCIAS ILUSTRATIVAS

1. Rodrigues (1986: 56)- Línguas do Tronco Macro- Jê.

2. Melatti (1989: 43) - Localização dos grupos indígenas da família Jê, em território nacional.

Rodrigues, Aryon D. (1986: 56):

## Línguas do Tronco Macro-Jê.

Quadro 4: Línguas do tronco Macro-Jê

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
<b>Família Boróro</b>			
Boróro (Boróro Oriental, Orarl)	199	MT	752
Umúthna (Barbadoa)	198	MT	160
<b>Família Botocudo</b>			
Krenák, Nakrehé	12	MG, SP	70 (15?)
<b>Família Jê</b>			
Akwén (Akwē)			
Xakriabá (Xikriabá)	16	MG	(3.500) ?
Xavante (A'wé)	200	MT	4.413
Xerónte (Akwē)	42	GO	850
Aplmnyé	40	GO	508
Kaingáng (Coroado)	2	RS, SC, PR, SP	10.426
<b>Kayapó</b>			
Gorotire	57	PA	1.030
Kararáó	55	PA	26
Kokratimóro	56	PA	120
Kubenkrangnotí	59	PA	7
Kubenkrangkén	58	PA	361
Menkrangnotí	60	PA	7
Tapayúna (?)	213	MT	26
Txukahamê (Mentuktire)	216	MT	202
Xikrin (Xikri)	53	PA	489
Kren-akaróre	212	MT	31
Suyá	214	MT	114
<b>Timbira</b>			
Canela Apánlekra	37b	MA	274
Canela Branúkókamekra	37a	MA	718
Gavião do Pará (Parakátaye)	45	PA	173
Gavião do Maranhão (Pukobyé)	38	MA	308
Krahô	41	GO	894
Krêyé (Krenjé)	39a	MA	30
Krikati (Krikati)	39b	MA	325
Xaklóng (Aweikoma)	3	SC	634
<b>Família Karajá</b>			
Javáó	219	GO	383
Karajá	218	GO, MT	1.194
Xambioá	43	GO	102
<b>Família Maxakali</b>			
Maxakali	13	MG	500
Pataxó	14	BA	(1.762) ?
Pataxó Hãhãhãe	15	BA	(1.270) ?
<b>Outras línguas</b>			
Guató	10	MS	220
Ofayé (Ofayé-Xavante)	7	MS	23
Rikbaktá (Erikbaktá, Arikpaktá)	193	MT	466
Yatá (Fuinó, Karnijó)	26	PE	4.000



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de ser uma análise que esgote todas as questões referentes aos fenômenos da língua Suyá, o que se pretendeu, neste trabalho, foi simples e unicamente fazer uma descrição dos aspectos mais relevantes da língua.

A contribuição que esta análise venha a oferecer aos estudos lingüísticos, apesar das limitações da pesquisadora e dos dados coletados, cumpre o primeiro objetivo deste trabalho, que é a "Documentação, Análise e Descrição das Línguas do Parque Indígena do Xingu", mais particularmente da língua Suyá.

Se esta análise servir para que se faça a alfabetização do povo SUYÁ, o segundo objetivo do projeto inicial, ficará demonstrado que os esforços empreendidos foram válidos.

Àqueles que, por ventura, vierem a dar continuidade aos estudos desta língua fica registrada a certeza de que os erros aqui cometidos são de exclusividade desta pesquisadora, mas, fica, também, a segurança de que eles só puderam ser notados, porque foram apresentados. Assim, o próximo passo não é o início da descrição e análise de uma língua indígena brasileira, até agora pouco conhecida, mas do esforço em dar conta dos problemas não solucionados.

Em função da descrição do Suyá, proposta neste trabalho, abordando-se aspectos da fonologia,

morfologia sintaxe da língua Suyá, foi elaborado um exemplário das análises propostas para algumas línguas da família Jê: Xavante, Xerente, Apinayé, Tapayuna, Panará, Canela- Krahô e Kayapó (Txukahamãe).

Na tentativa de se fazer um estudo que cobrisse, pelo menos em parte, trabalhos de pesquisadores que incluem o Suyá foram apreciadas as análises comparativas, a respeito da classificação das línguas indígenas brasileiras, no que tange às línguas da Família Jê; tendo sido levantada, também, a questão relativa a língua/dialeto e sua relevância para a classificação das línguas indígenas brasileiras.

Na INTRODUÇÃO foi apresentado um breve panorama dos estudos relativos às línguas indígenas, evidenciando-se o caráter interdisciplinar desses estudos e a proposta teórica adotada neste trabalho; somando-se a isto os objetivos pretendidos na descrição do Suyá.

No capítulo 1, OS SUYÁ, foi feito um breve histórico deste povo, da aldeia Ricô, sobre seus hábitos alimentares dos Suyá e de construção de suas casas; apresentando-se, ainda, algumas considerações sobre a coleta de dados, sobre os informantes Suyá e a metodologia de trabalho de campo, além dos subsídios teóricos referentes à pesquisa de campo, já tradicionalmente conhecidos e encontrados, por exemplo, no "Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas

brasileiras", do Museu Nacional, nas propostas de Comrie (1977), além de Gudschinsky (1967), Samarin (1967) e Healey (1975).

Incluiu-se, neste capítulo, algumas poucas fotos cuja finalidade foi documentar (a despeito da inexperiência e da falta de recursos técnicos desta "fotógrafa") a aldeia e os principais informantes. Anexa-se, ainda neste capítulo dois mapas que mostram os territórios ocupados pelos Suyá, em momentos diferentes de sua história, dentro do Parque Indígena do Xingu.

No capítulo 2, FONOLOGIA DO SUYÁ, foram discutidos os aspectos referentes às oposições dos fonemas consonantais e vocálicos, a intensidade e a constituição das sílabas, além de se aventar a hipótese da presença de itens lexicais diferentes com significados muito próximos. Para tanto, foram utilizados alguns dados de Steinen (1886) com a finalidade de se comparar as variações por ele registradas, com aquelas encontradas nos dados coletados para este trabalho. Neste mesmo capítulo é apresentado resumidamente o trabalho de Steinen, para o Suyá e as análises feitas por outros estudiosos para aquelas línguas da Família Jê, anteriormente citadas naqueles aspectos da fonologia que foram considerados relevantes para uma breve comparação.

Além dos fatos apresentados (item 2.13.), convém lembrar que Steinen (1886) registra  $mú\underset{2}{y}$  "sol". Nos dados coletados, para o presente trabalho, foi

registrado /mér/ ['mbərə]. Aparentemente, variações como estas corroboram as propostas de Mattoso Câmara para que se considere "até certo ponto o Suyá num sub-grupo à parte, em face das outras línguas Jê (v. p: 226 - 229). Steinen registra formas tupí para "mulher" e "filho": kuná e taupá, respectivamente. Nos dados coletados foram registrados: [mẽ'ndáye] e ['kra], itens lexicais encontrados em outras línguas Jê.

No capítulo 3, MORFOLOGIA/ SINTAXE, além do destaque dado ao sistema pronominal do Suyá e das demais línguas Jê consideradas, o interesse, mais imediato, foi descrever, o mais amplamente possível, dentro dos limites dos dados coletados, a ocorrência das partículas sufixais marcadores de caso, que ocorrem no Suyá.

Nas análises das línguas Xavante, Xerente, Apinayé, Tapayuna, Panará, Canela- Krahô e Kayapó (Txukahamãe), às quais tive acesso, não há qualquer registro da ocorrência de morfemas marcadores de caso. Aparentemente, o Suyá é a única língua a apresentar este fenômeno.

Ainda na análise morfológica da língua, em trabalhos anteriormente apresentados por mim, mostro a não opcionalidade da ocorrência dos prefixos, marcadores de pessoa no verbo, e dos pronomes independentes em uma oração.

No Xavante, M<sup>c</sup>Leod e Mitchell (1980) e no Canela - Krahô, Jack e Jo Popjes (1971) constataam a

ocorrência de *-re*, *-iɛ*, respectivamente, significando "diminutivo". Este fato não foi observado no Suyá. *-ti* "grande" é registrado no Canela - Krahô por Jack e Jo Popjes (1971), sendo que em Suyá ocorre *-ɕi*. Em Xerente, Mattos (1973) registra *-re* "com", em Kayapó, Stout e Tomson (1974) registram *o*, em Suyá ocorre *-ro*.

A hipótese de que o Suyá seja uma língua "split" foi levantada, neste trabalho, tanto na morfologia, quanto na sintaxe.

Além disso, procurou se mostrar, na sintaxe, que a ordem dos constituintes oracionais não é fixa na língua. Aparentemente, o mesmo ocorre com o Kayapó, já que nas breves comparações que foram possíveis fazer (item 3.26.) ambas as línguas mostram estruturas sintáticas semelhantes.

Mattoso Câmara (1977) chama a atenção, daqueles que pretendem fazer estudos históricos-comparativos, no que diz respeito à classificação das línguas indígenas em famílias e troncos lingüísticos, para o fato de que há muitas dificuldades para se estabelecer filiações precisas das línguas e que, muitas vezes, as distinções entre línguas são tão pequenas, que essas poderiam ser consideradas como "diversidade dialetal". Ainda, para Mattoso Câmara, há a necessidade de se fazer não apenas um estudo comparativo da fonologia das línguas, mas também que se considere os aspectos morfológicos e sintáticos envolvidos a fim de se

estabelecerem as relações possíveis para cada grupo de línguas.

No capítulo 4, CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ, o meu desejo foi apontar, simplesmente, os problemas que envolvem as propostas de análise das línguas indígenas brasileiras, relativos ao tratamento dado a questões de língua/dialeto.

As classificações e o tratamento dado por Mattoso Câmara e Davis às línguas da família Jê, em que o primeiro autor considera "o Kayapó e o Suyá como um sub-grupo à parte, em face das outras línguas Jê", enquanto que o segundo propõe "que o Suyá tenha uma derivação direta do Proto-Jê" e, ainda, de como Mattoso Câmara propõe "que a língua Suyá se constitui de fato numa sub-divisão de outros membros da família Jê". Além disso, Davis (1985) propõe, também, que o "Apinayé e diversos dialetos do Kayapó do norte, juntamente com a língua Suyá constituem a sub-família Jê do Noroeste do Brasil".

Alguns fatos chamam a atenção na análise de Mattoso Câmara (1959) e de Davis (1966). Em relação ao primeiro autor, aparentemente, a expressão "evoluída" se refere a mudanças diferenciadas observadas nas línguas Jê e o segundo fato se refere ao termo "vogal paragógica", que ao meu ver se relaciona com acréscimo de vogal. Quanto a Davis é a proto-forma da palavra "cabelo" \*ki, sem nasal, já que dentre as línguas que utiliza para suas

comparações somente o Kayapó não apresenta nasalização. Assim: "Apinayé ki<sup>n</sup>, Canela (ii) k<sup>h</sup>i<sup>n</sup>, Suyá (wa) k<sup>h</sup>i<sup>n</sup>, Kaingâng (ky) k<sup>h</sup>ĩ (fur)".

Apontei, de modo resumido, que a distinção entre língua/dialeto é problemática, até mesmo para a sociolinguística e como suporte teórico para esta finalidade utilizei Haugen, Hock, Trudgill e Lyons.

Mostrei que a utilização da expressão "estritamente aparentado(a)s" se refere a dialetos (cf. Lyons, 1979) e que Rodrigues, ao classificar as línguas indígenas brasileiras, principalmente as que se incluem na chamada Família Jê, considera o Suyá como dialeto pertencente ao grupo Kayapó; além do fato de que o autor utilizar língua/dialeto indistintamente.

Em um trabalho, de 1989, eu disse que o Apinayé é a língua que, provavelmente, mais se aproxima da reconstituição do Proto-Jê feita por Davis. Uma das razões para essa afirmação é que Davis, aparentemente, não contou com um levantamento exaustivo da língua Suyá, já que ele mesmo propõe um quadro fonêmico a língua. Observei, pelo menos no que se refere à lista de palavras coletadas por Collins, ser incompleta, além do autor não dar nenhuma informação de como a língua foi documentada. Quanto, aos dados de Schultz, como já disse, não tive acesso. Assim sendo, optei, naquela ocasião, em considerar o Apinayé e não o Suyá como a língua que mais se aproximava da reconstituição proposta por Davis.

Dados referentes à morfologia, mais especificamente aos pronomes, são incluídos nos trabalhos de Mattoso Câmara (1977), que oferece uma análise comparativa mais ampla das línguas Jê. Nos trabalhos de Rodrigues (1986) e no meu trabalho de 1989, os dados utilizados são insuficientes para se chegar a resultados conclusivos, já que em nenhum dos casos, foi feito um estudo exaustivo.

O trabalho de Seki (1989) não apresenta, também, nenhum resultado diferente daqueles já apontados tanto em Davis, quanto em Rodrigues. A única hipótese, aparentemente nova, aventada pela autora é a de serem o Suyá e o Tapayuna "a mesma língua".

A hipótese de que o Tapayuna e o Suyá sejam a mesma língua não é desconhecida dos pesquisadores que trabalham com as comunidades xinguanas. Percorrendo-se os trabalhos referentes aos povos do Parque Indígena do Xingu, mais especificamente aqueles que se referem aos Suyá e aos Tapayuna, a hipótese de que se trate "da mesma língua" é documentada por autores como Seeger (1974), Franchetto (1986), Demarquet (1982) e Villas Bôas (1986). Demarquet (1982: 7), por exemplo, diz que os Suyá tiveram sua origem em um fracionamento dos Tapayuna ocorrido na primeira metade do século XIX. Os Tapayuna permaneceram na área dos rios Arinos e do Sangue. O outro grupo migrou rumo ao sul e, depois de atingir os formadores xinguanos, desceu os rios Ronuro e Xingu até a foz do Suyá-Missu,

constituindo os Suyá. Já Villas Bôas (1986: 36) referindo-se à história dos movimentos migratórios das sociedades Jê diz que a história dos antigos movimentos das tribos, tanto Suyá, quanto Kayapó (Txukahamãe), apontam o leste como a direção de onde vieram e o Oeste como a região conhecida pelos antigos. É possível que esses grupos ao atingirem o Xingu, vindos do Leste, formassem uma só tribo.

Como complemento é anexado, no capítulo 4, o quadro classificatório de Rodrigues, referente às línguas do Tronco Macro- Jê, além de um mapa de Melatti, sobre a localização dos grupos indígenas da Família Jê.

Embora esta seja a primeira análise, mais sistemática, feita para o Suyá, até o presente momento, pude demonstrar que dados esparsos da língua têm sido utilizados por pesquisadores com o intuito de classificar e/ou filiar o Suyá, enquanto membro de uma família e esta pertencente a um tronco lingüístico. Pude, acredito, demonstrar, também, os problemas relativos que dizem respeito à distinção entre língua e dialeto e sua aplicabilidade aos estudos de línguas indígenas brasileiras.

Do ponto de vista puramente lingüístico, pude, ainda, demonstrar que o Suyá apresenta semelhanças, na sua estrutura fonológica com as sete línguas que foram arroladas aqui. Na morfologia, o Suyá apresenta certas características semelhantes ao Xerente, Xavante, Kayapó e

Apinayé no que diz respeito aos marcadores de plural para as formas pronominais, por exemplo. Na sintaxe, a ordem dos constituintes oracionais é igual, aparentemente, para o Suyá e o Kayapó.

Entretanto, o Suyá apresenta em sua estrutura morfológica e sintática uma característica que o distingue das outras línguas consideradas: os marcadores de caso. Estes se constituem de uma série de sufixos que ocorrem nos sintagmas nominais que ocupam a posição de sujeito e de objeto e que ocorrem, também, seguindo partículas interrogativas, adverbiais, demonstrativas e pronomes. Uma outra série ocorre somente com pronomes.

A hipótese a ser considerada é a de que o Suyá se constitui realmente em uma língua. Esta hipótese não se coaduna com as propostas apresentadas para a classificação das línguas da Família Jê, quais sejam: as de Mattoso Câmara (1959 e 1977), de Davis (1966 e 1985) e as de Rodrigues (1986).

A comprovação desta e de outras hipóteses levantadas, no presente trabalho, demandam a coleta e análise de novos dados que permitam uma descrição mais detalhada da língua. A continuidade das pesquisas iniciadas aqui, com a língua Suyá, é que permitirá que se realize uma classificação tanto desta língua, quanto das outras línguas da Família Jê mais acurada e mais precisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boas, F. (1933) Relationships between North-West America and North-East Asia, in *The American Aborigines, Their Origin and Antiquity*. Diamond Jenness, edt. Bloomfield, L. (1933) *Language*. Henry Holt and Company. New York.
- Bisilliat, M. & Villas Bôas, Cláudio & Orlando (1979) *Xingu: tribal territory*, Collins Sons & Co Ltd., London.
- Burgess, E. (1971) Duas Análises das Sílabas do Xavánte, in *Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas*: 96 - 102 - S.I.L., Brasília, D.F.
- Camp, E.L. (1985) Split Ergativity in Caniveña. *I.J.A.L.*, vol. 51: 38 - 58, nº 1. The University of Chicago Press, Chicago.
- Collins, V. (1962) *Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras*. S.I.L./UnB. Brasília, D.F.
- Comrie, B. (1977) *Lingua descriptive studies: questionnaire*. *Revista Lingua*, vol. 42.
- (1978) Ergativity, in *Lehmann*, 8: 329 - 394
- (1979) Degrees of Ergativity: some Chukchee evidence, in *Plank (ed.)*: 219 - 240 (1981) *Language Universals and Linguistic Typology: syntax and morphology*. The University of Chicago Press, Chicago.
- Clark, E.V. & Clark, H.H. (1979) When nouns surface as

- verb. *Language - Journal of the Linguistic Society of America*, vol.55: 767 - 811, n<sup>o</sup> 4.
- Crystal, D. (1990) *The Cambridge Encyclopedia of Language*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Davis, J. (1966) Comparative Jê Phonology. *Estudos Lingüísticos - Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n<sup>o</sup> 2, Centro de Lingüística Aplicada, São Paulo, S.P.
- (1985) Some Macro - Jê Relationships: 286 - 303, in *South American Indian Languages: retrospect and prospect*. Ed. Harriet E. M. Klein and Louisa R. Stark, University of Texas Press, Austin.
- Demarquet, S. (1982) Tribos Xinguanas: visão geral/ Informação Indígena Básica II - B, n<sup>o</sup> 032/82/AGESP/FUNAI, Brasília, D.F.
- Derbyshire, D.C. (1987) Morphosyntactic areal characteristics of amazonian languages. *I.J.A.L.*, vol. 53: 311 - 322, n<sup>o</sup> 3. University of Chicago Press, Chicago
- Derbyshire, D.C. & Pullum, G. K. (1986- ed.) *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 1. Mouton de Gruyter. New York.
- Dixon, R.M.W. (1979) Ergativity. *Language - Journal of the Linguistic Society of America*, vol. 55: 59 - 138, n<sup>o</sup> 1.
- (1980) *The Languages of Australia*. Cambridge University Press, Cambridge.

- (1972) The Dirbal Language of North Queensland.  
Cambridge University Press, Cambridge.
- Dourado, L. (1990) Estudo Preliminar da Fonêmica Panará.  
Dissertação de Mestrado. inédito. UnB. Brasília,  
D.F.
- Franchetto, B. (1986) Laudo antropológico - Procuradoria  
Geral da República, 2 vols., mimeo, Brasília,  
D.F.
- Frikel, P. (1991) Anotações sobre os Suyá, in Boletim do  
Museu de Paulínia, vol. 49, Paulínia, S.P.
- Gudschinsky, S. (1967) How to learn an unwritten  
language. Holt, Rinehart and Winston, New  
York.
- Guedes, M. (1988) Sistema fonológico do Suyá: uma  
abordagem prévia, in Estudos Lingüísticos XVII  
Anais do G.E.L.: 428 - 435 - São Paulo, S.P.
- (1990) Uma proposta de análise do sistema  
fonológico do Suyá, in Revista ALFA, n<sup>o</sup> 34: 143 -  
151 - São Paulo, S.P.
- (1990) Uma proposta de reanálise das classificações  
de três línguas Jê: Apinayé, Kayapó e Suyá - uma  
abordagem preliminar, in Estudos Lingüísticos XIX  
Anais do G.E.L.: 377 - 384 - Bauru, S.P.
- (1990) Aspectos do Sistema Pronominal do Suyá:  
breves considerações, in Revista Letras: 5 - 13 -  
PUCC, Campinas, S.P. (1991: 531 - 535/ parte do  
trabalho, in Estudos Lingüísticos XX Anais do

G.E.L.).

- (1990) Alguns aspectos pronominais e sintáticos da Língua Suyá. ALFAL, inédito, Campinas, S.P.
- (1990) A Língua Suyá: a estrutura da oração. Encontro Multidisciplinar de Indigenismo, inédito, Campinas, S.P.
- (1991) Descrição morfológica e sintática da Língua Suyá: aspectos gerais. 47<sup>th</sup> I.C.A., inédito, New Orleans, Louisiana. E.U.A. .
- (1992) Kayapó e Suyá: Línguas ou dialetos? Monografia apresentada para Exame de Qualificação em Sociolinguística, inédito, I.E.L./Unicamp.
- Ham, P. (1961) Phonemic Statement of Apinayé. S.I.L. - Technical Studies Department. Brasília, D.F., mimeo.
- Ham, P. & Waller, H. & Koopman, L. (1979) Aspectos da língua Apinayé. S.I.L., Brasília, D.F.
- Haugen, E. (1966) Dialect, Language, Nation in Pride, J.B. & Holmes, J. (ed.) Sociolinguistics, 1972, Penguin Books Ltda.
- Healey, A. (1975) Language learner's field guide. S.I.L., Ukarumpa, Papua New Guinea.
- Hock, H.H. (1986) Principles of Historical Linguistics. Mouton de Gruyter. New York
- Hockett, C. F. (1971) Curso de Linguística Moderna. Manuales/ Eudeba.
- Hopper, P. J. & Thompson, S. A. (1980) Transitivity in Grammar and Discourse. Language, vol. 56, nº 2.

- Jefferson, K. (1980) Gramática Pedagógica Kayapó. S.I.L. partes 1 e 2, Brasília, D.F.
- Kindell, G. (1981) Guia de Análise Fonológica, S.I.L., Brasília, D.F.
- Lachnitt, G. (1988) Estudos Sistemáticos e Comparativos de Gramática Xavante. Missão Salesiana de Mato Grosso. Campo Grande, M.S.
- Lyons, J. (1979) Introdução à Linguística Teórica. Cia Editora Nacional, São Paulo, S.P.
- M<sup>C</sup>Leod, R. (1974) Fonêmica Xavante, in Série Linguística, n<sup>o</sup> 3: 131 - 152 - S.I.L. - Brasília, D.F.
- Malinowski, B. (1935) Coral gardens and their magic: a study of the methods of tilling the soil and agricultural rites in the Trobriand Islanders. Allen and Unwin Edt. Londres.
- \_\_\_\_\_ (1936) The problem of meaning in primitive languages, in The meaning of meaning. Ogden & Richards Edt. Harcourt Brace. New York.
- Mattheus, P. H. (1974) Morphology - an introduction to the theory of word. Structure, Cambridge University Press, Cambridge.
- \_\_\_\_\_ (1972) Inflectional morphology - a theoretical study based on aspects of Latin verb conjugation. Cambridge University Press, Cambridge.
- Mattos, R. (1973) Fonêmica Xerente, in Série Linguística. S.I.L., n<sup>o</sup>1: 79 - 100 - Brasília, D.F.
- Mattoso Câmara Jr., J. (1959) Alguns Radicais Jê.

Publicações Avulsas do Museu Nacional, vol. 28,  
Rio de Janeiro, R.J.

—————(1977) Introdução às Línguas Indígenas  
Brasileiras. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro,  
R.J.

—————(1974) Princípios de Lingüística Geral. Livraria  
Acadêmica, Rio de Janeiro, R.J.

—————(1975) História da Lingüística. Editora Vozes  
Ltda. Petrópolis, R.J.

Melatti, J.C. (1989) Índios do Brasil. Hucitec. São  
Paulo. S.P.

Nida, E. A. (1978) Morphology - the descriptive analysis  
of words. Ann Arbor - The University of Michigan  
Press.

Payne, D.L. (1985) Degrees of inherent transitivity in  
Yagua verbs. I.J.A.L., vol. 51: 19 - 37, nº 1, The  
University of Chicago Press, Chicago.

Pike, K.L. (1943) Phonemics. Ann Arbor, University of  
Michigan Press.

————— & Pike, E.G. (1977) Grammatical  
Analysis. S.I.L.

Popjes, Jack & Jo (1971) Phonemic Statement of Canela.  
S.I.L. - Technical Studies Departament. Brasília,  
D.F. mimeo.

—————(1986) Canela-Krahô, in Handbook of Amazonian  
Languages, Desmond Derbyshire & G. K. Pullum (org.)  
Mouton de Gruyter. New York.

- Plank, F. (1985/ org.) Relational Typology - trends in Linguistics - studies and monographs 28, Mouton Publishers.
- (1979) Ergativity: towards a theory of grammatical relations. Academic Press Inc.
- Rodrigues, A. D. (1986) Línguas brasileiras: para o conhecimento das Línguas Indígenas, Ed. Loyola, São Paulo, S.P.
- Samarin, W. J. (1967) Field Linguistics: a guide to linguistic field work, Holt, Rinehart and Winston, New York.
- Santos, L. C. (1990) Abordagem preliminar da Fonologia do Tapayúna. Encontro Multidisciplinar de Indigenismo, inédito. Campinas, S.P.
- Schultz, H. (1960) Informações etnográficas sobre os Suyá. Revista do Museu Paulista, XIII: 315 - 332 - São Paulo, S.P.
- Seeger, A. (1974) Nature and culture and their transformations in the cosmology and social organization of the Suyá, a Ge-speaking tribe of central Brazil, mimeo, University of Chicago, Illinois.
- Steinen, K. von den (1942) O Brasil Central, volume 3 série extra brasileira, Biblioteca Pedagógica Brasileira, trad. Catarina B. Cannabrava, Cia Editora Nacional, São Paulo, S.P.
- Seki, L. (1989) Evidências de relações genéticas na

- família Jê: 604 - 611, in Estudos Lingüísticos XVIII  
Anais do G.E.L., Lorena, S.P.
- Sigurd, B. (1970) Phonotactic aspects of the linguistic  
expression: 450 - 463, in B. Malmberg (org.)  
Manual of Phonetics, North Holland Publishing  
Company, Amsterdam.
- Thomson, R. & Stout, M. (1974 a) Modalidades em Kayapó,  
in Série Lingüística, n<sup>o</sup> 3: 69 - 97 - S.I.L. -  
Brasília, D.F.
- (1974 b) Elementos Proposicionais em Kayapó, in  
Série Lingüística, n<sup>o</sup> 3: 35 - 67 - S.I.L. -  
Brasília, D.F.
- (1974) Fonêmica Txukahamei (Kayapó), in Série  
Lingüística, n<sup>o</sup> 3: 153 - 175 - S.I.L. - Brasília,  
D.F.
- Trudgill, P. (1974) Sociolinguistics - an introduction.  
Penguin Books Ltda. England.
- Urban, G. (1985) Ergativity and Accusativity in Shokleng  
(Gê) - I.J.A.L., vol. 51, n<sup>o</sup> 2: 164 - 187 - The  
University of Chicago, Chicago.
- Villas Bôas, Cláudio & Orlando (1986) Xingu: os índios,  
seus mitos. Ed. Karup Ltda. 7<sup>a</sup> edição, Porto  
Alegre, R.S.

# V O C A B U L A R I O

## A

a 2<sup>a</sup>.p.s./seu,sua  
aĵ- plural  
aĵí- nosso/a  
aĵkúr dois  
aĵkúkne três  
aĵkúknewítí quatro  
akačíwa amanhã  
akamó de noite  
anĭ pronome reflexivo  
anró porco  
atuñĭw depois de muito tempo  
arĕy mostrar  
aríp já, agora, neste instante  
arĭ pular

## Ā

ākĭ espiga

## I

i 1<sup>a</sup>.p.s./meu,minha  
ikĕ rir  
ikō beber  
itáĵe hoje  
itá aqui/isto

## Ī

-ĭtí nome

## I

í'ne muitos, grande quantidade de..., coletivo

## O

óa ~ nóa ~ -nówa primeira pessoa do singular

## P

pá eu

pém pai

pé mato, capim, grama

péje chegar

pí comprar

pú pegar

pí/pír matar

pír sapo

pã surucutu

pató aldeia

páwko caça

pojtó mamão

piréje menino/criança

pí subir

## T

-ta marcador de caso

tã morder

tém cair

tũm velho

tuté arco/espingarda

tučí machado

tučí/tóni tatu

tíkré preto/a  
tó entrar  
tí/tír morrer  
tú engravidar  
té carrapato  
té perna  
tá derrubar  
tě ir  
tó- prefixo  
tôm febre  
tõ irmão  
tõ voar  
teté jaçanã  
tětě venha!  
tép peixe  
tāčí doce  
toá dente  
tóa banho  
twómi cru  
tootõ bicho de caça  
tór amarrar  
tékré devagar/lentamente  
tā ele/a  
turičí banana  
tún brigar  
tukéni dorso  
tukčí sujo/a  
táje mas  
tōmrá gritar  
tók espantar  
tá/kusé em pé  
tút forte  
tír pegar  
tówk toque  
tír sair  
tāņo agora

tarã nunca  
 tút duro/a  
 túk maduro/a  
 tusér cinzas  
 tukén dorso

## K

ka 2<sup>a</sup>.p.s.  
 ká assar  
 ké peito  
 ke de/com/em  
 ké sorrir  
 kér não  
 két não  
 kór machado de pedra  
 kót descansar  
 kén pedra  
 kĩ cabelo  
 kín gostar/querer/amar  
 kó mosquito  
 kéje família  
 kú borduna  
 ku- pronome objeto, 3<sup>a</sup>.p.s.  
 krá filho  
 kré cavar  
 kré periquito vaqueiro  
 krã cabeça  
 krã queimar  
 krák quebrar  
 krét voz  
 krów plantar  
 kó pele  
 krít frio  
 kit difícil  
 kú/kúr/kěr/krě/krěn comer

kóy botoque  
 kóy vento  
 kót descansar  
 kóĴ papagaio  
 kúm fumaça  
 krwá flecha  
 kwér mandioca  
 krwíĴ rádio  
 kwé ser/tornar- se/igual a  
 kaŋā/kāŋá cobra  
 kamé irmão  
 kamí mingau  
 kapēr falar  
 kató corda  
 katór sair  
 kamró sangue  
 kaŋró calor  
 kaŋá dentro/em  
 kētú barrigudo/a  
 kikré casa  
 kučén lavar  
 kupā 1<sup>a</sup>.p.pl.  
 kupā cheirar  
 kupē/karai não- índio/estrangeiro  
 kuté porque  
 kukrít paca  
 kasóy chato/a  
 kroté cortar  
 kweté rede  
 kwisí fogo  
 kračí mais/maior  
 krútka gravador  
 kikčí machado  
 krityó facão  
 krwáme atirar  
 kajkéw redondo/a

kajkírɛ leve  
 kukwéjɛ macaco  
 kayãčĩ tartaruga  
 karén cigarro, fumo  
 katonĩ algodão  
 kasosóɣ chupar  
 kasóyrɛ feio/a, ruim, pior  
 kãtečĩ estrela  
 kumenĩ muito/a  
 kúri embora  
 krwayútãčĩ cana  
 kárakarakó galo/galinha  
 kutén veia  
 kokén cotia  
 kusé ~ -tá em pé

## č

-čĩ sufixo nominalizador  
 čĩ grande  
 čiró maior  
 čičĩk bater  
 čĩ aldeia  
 čĩr vivo/a  
 čé aparecer  
 čukemã Txukahamãe  
 čě periquito  
 čĩ dentro

## M

má saber/escutar/ouvir

-ma marcador de caso  
 má acender  
 mē para  
 mé restar  
 mēr chorar  
 mār sol  
 mā intenção/preensão  
 mě gente/pessoa  
 mě e  
 mē jogar  
 mí macho  
 mō ir  
 mō em movimento  
 mūr pescoço  
 mŭ/mŭn olhar/ver  
 mēni abelha  
 mét bom/boa, bonito/a  
 méč bem  
 méja favo de mel  
 mřík bicho  
 mřá andar  
 mrosér carvão  
 mēnije mulher  
 mēmije homem  
 miči jacaré  
 máko 1<sup>a</sup>.p.pl.  
 mító defender  
 mētŭjare história  
 mēkapěr língua/idioma  
 mēkřni festa  
 mēkarō retrato/foto  
 mērōpakané chefe  
 mŭ'taje longe

## N

na por isso  
 -na marcador de caso  
 nã mãe  
 ná chuva  
 né tirar  
 nér colher  
 né apertar  
 ne então  
 nó pintar  
 nó olho  
 nó ~ -ní deitado  
 ní fêmea  
 nú cortar  
 nú machucar  
 níkrá mão  
 níra aquela/3<sup>a</sup>.p.pl.  
 -ní sufixo  
 nĩtú punho  
 nówa/noá/oá nominalizador/1<sup>a</sup>.p.s.  
 nečí ariranha  
 nepčí vermelho  
 nór esconder  
 nurakā tanto quanto  
 nuírok mesmo/igual  
 nitók com quem  
 nitā qual  
 nitá onde  
 nuká como  
 nej + mā dizer + intenção  
 níkrít coisa  
 notó para

## η

-ηα marcador de caso  
 ηᾶγό cuspe, saliva, baba  
 ηασόγ chato/a  
 ηό água/rio  
 ηόϊ piolho  
 ηὄr/ ηὄ dormir  
 ηραδί sapo (espécie de...)/anta  
 ηωέje balde/panela  
 ηῖti chocalho  
 ηὄčí curimatá  
 ηοῖrā caneca  
 ηέρ/ηέρ cantar  
 ηωεγό prato  
 ηὄr/ηὄ dar  
 ηoturέje menino  
 ηρίη brigar  
 ηέρ tio  
 ηέρ velho/a  
 ηαηρό esquentar  
 ηραηrā esfregar  
 ηρό queimar  
 ηῦmi quem  
 ηukatí quando  
 ηόη pescar  
 -ηύ ~ -ηί sentar  
 ηρέ ovo

## Ñ

ñō comida  
 ñi carne  
 ñã fora

## Y

yō esposa  
 yúr roça  
 ywĩṅó barco/canoa  
 ywá braço  
 yuká buraco  
 ywét fazer/pintar/enfeitar  
 ywí urucum  
 ywĩrā flor  
 ywíkire pluralizador  
 ywará tarde/ontem  
 yók furar/soprar  
 ywĩró pau  
 ywét trabalhar  
 ywĩ/ ywĩró árvore  
 ywé fumar  
 ywĩsí fruta  
 ywá tudo/toda  
 ywá matar  
 yuñí cabaga  
 ywí pequi  
 yí caminho, estrada  
 yũ maduro/a

## R

-ra marcador de caso  
 -rē marcador de caso  
 rā brotar  
 rō gerúndio  
 rō com  
 rāṅó colar  
 rĩč comprido/a

róp onça  
 rír acordar  
 rukwã casa  
 rér nadar  
 rít enxergar  
 ropkasóyræ cachorro  
 roᅇō vender  
 reté lugar de morada  
 ríte lá  
 rotāmi pouco tempo  
 ričí imperativo afirmativo  
 rít imperativo afirmativo  
 rũ ferir

## S

soatĩ viúva  
 síra pequeno/a  
 siyō andorinha  
 sayuyúy espeto  
 sók doente, dor  
 sóy doer  
 sí cara/rosto  
 sí semente/osso  
 seysaká gavião-branco  
 séy pássaro  
 sóy chato/a  
 sarě dizer  
 soá póre calmo/a  
 soyrí bravo/a  
 súr derrubar  
 súri encontrar  
 sikóči inchado/a  
 saté brilhar  
 síro menor  
 saserotá porta

sõtúče limão

W

wičí imperativo negativo

wewé borboleta

wiñũ esperar

wítí um

wa 1<sup>a</sup>.p.pl., nosso/a

wipán bêbado

wosí milho

-wa sufixo

wɛ na/em

wotã o que

wirōj atrás

J

Júni beija-flor

JaJkwá boca

Jén marido

JoJičí pica-pau

Jíw novo/a

Jér batata

Jár asa de ...

Ja de

Jasé assustar

Jakré menos

-Je sufixo